

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO/DOUTORADO

ALEXANDRA CLEOPATRE TSALLIS

ENTRE TERAPEUTAS E PALHAÇOS:
A RECALCITRÂNCIA EM AÇÃO

Rio de Janeiro
Agosto / 2005

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CURSO DE MESTRADO/DOCTORADO

ALEXANDRA CLEOPATRE TSALLIS

ENTRE TERAPEUTAS E PALHAÇOS:
A RECALCITRÂNCIA EM AÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Ronald João Jacques Arendt

Co-orientador: Prof. Dr. Bruno Latour

Rio de Janeiro
Agosto / 2005

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e cada um, sempre. Existe a generosidade para dar e a generosidade para receber, sem vocês não poderia ter aprendido a segunda.

Ronald, meu orientador, seu percurso de livre pensador tornou este projeto possível.

Bruno Latour, meu co-orientador francês, sem o seu trabalho esta tese, definitivamente, não seria a mesma.

Marcelo, meu companheiro de vida, tua presença, simplesmente, torna minha existência feliz.

Flora, minha filha, diante da tua perplexidade filosófica é impossível não acreditar na curiosidade que fomenta uma pesquisa.

Constantino, meu pai, mais que uma mente, você tem o coração brilhante.

Cristina, minha mãe, seu olhar atento me faz crescer.

Adrian e Emmanuel, meus irmãos, pessoas que me aquecem o peito.

Carlos Gil, meu CG, você é meu parceiro neste e em tantos outros empreendimentos.

Cida, minha boadrasta, uma relação construída tem um valor inestimável.

Maria Izabel e Sérgio, meus sogros, pertencer a família de vocês é uma honra.

Rodrigo e Renata, obrigada por me acompanharem tão de perto nessa aventura.

Ursula e Paloma, vocês fazem parte da minha vida.

André, Márcia e Vítor, ter uma família grande é acolhedor em momentos como este.

Marília, este trabalho também te pertence.

Gabi, minha parceira de doutorado, sinto orgulho por poder ter compartilhado essa trajetória contigo.

Carlos, meu leitor atento, você foi imprescindível.

Márcia Moraes, tua generosidade fez a diferença para me ajudar a continuar nesta tarefa.

Arthur, Ana Clara, grande parte do que vocês vêem aqui é fruto dos nossos encontros.

Otávio Velho, só tenho a te agradecer, você foi meu tutor nesses caminhos da Antropologia.

Christiano, sem teus olhos, sabe-se lá por que erros esse trabalho tráfegaria.

Márcia, sempre pronta a me ajudar no que fosse.

Patrícia, você esteve presente aqui como em tantos outros lugares.

A Ueriri, meus grandes parceiros, sem vocês não teria conseguido fazer esta tese.

Meus amigos do grupo de pesquisa, certamente, vocês se reconheceram em cada esquina destas folhas.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, em especial, a coordenadora Ana Jacó, que ajudou a persistir na busca por grupos que aceitassem ser acompanhados.

A todos os funcionários do PGPPS, todos esses anos de convivência vão me deixar saudades.

Necso, uma rede que produziu muitos efeitos importantes nesta tese.

Capes, minha agência financiadora, sem esse apoio não teria feito este trabalho como fiz.

Principalmente, aos grupos de mulheres e palhaços, vocês não foram participantes desta pesquisa, vocês a fizeram acontecer.

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi refletir acerca da prática de intervenção realizada em um grupo reflexivo de mulheres vítimas de violência intrafamiliar e numa oficina de palhaços. Para esta finalidade, trabalhei com as proposições da Teoria Ator-Rede, tal como concebida por Bruno Latour. Esta proposta tem implicações tanto teóricas quanto metodológicas. Seu intento teórico é passar ao largo de dicotomias como sujeito/objeto, entre outras e propor novas categorias que permitam alicerçar a ciência em pilares distintos, como, por exemplo, a noção de actante (que inclui tanto humanos, quanto não-humanos). Já no que concerne a metodologia, sugere acompanhar os acontecimentos de modo a garantir a possibilidade de uma escrita etnográfica. Assim sendo, durante o ano de 2003 realizei o trabalho de campo que foi, basicamente, observar os encontros realizados por ambos os grupos. A partir de situações ali presenciadas, percebi os momentos de recalitrância vividos pelo grupo como um bom parâmetro para entender a prática de intervenção. Os episódios recalitrantes permitiam vislumbrar como se movimentavam os vínculos existentes nos coletivos (associações de humanos e não-humanos) em questão. Finalmente, pautada nessas situações, pude mapear a prática de intervenção dos grupos estudados, utilizando a recalitrância como unidade de medida.

Palavras chave: Teoria Ator-Rede, Recalitrância e Grupos.

ABSTRACT

The scope of the present work is to analyze the intervention practice implemented in a group of women victims of family violence, as well as in a school of clowns. Along this line, I worked with the propositions of the Actor-Network Theory, as conceived by Bruno Latour. This proposal has both theoretical and methodological implications. His theoretical approach aims to overcome dichotomies such as subject/object, among others, as well as to propose new categories that enable the grounding of science onto nonstandard pillars, such as the notion of actant (both humans and non-humans). In what concerns the methodology, the theory suggests to accompany the events in such a way as to guarantee the possibility of an ethnographic writing. Within this frame, I did during 2003 a field work which basically consisted in observing the meetings occurring in both groups. On the basis of situations directly observed, I perceived the moments of recalcitrancy lived by the group as a valid parameter for understanding the intervention practice. The episodes of recalcitrancy provided insights onto the dynamics of the links within the group (bonds between humans and non-humans). Summarizing, on the basis of such situations, I could map the intervention practice in those specific groups by using the recalcitrancy as a unit of measure.

Key-words: Actor-Network Theory, Recalcitrance and Groups.

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
ABSTRACT	7
1 - O CONTORNO DOS ACONTECIMENTOS	9
2 - ERGUENDO UM LABORATÓRIO	27
3 - HUMANOS E NÃO-HUMANOS EM AÇÃO	40
3.1 - O CAVALETE e a BENGALA	51
3.2 - A ESTRANHEZA	57
3.3 - OS DESCOMPASSOS.....	67
3.4 - O CHORO	76
3.5 - O AQUI E AGORA, LÁ ENTÃO.....	85
3.6 - OS SILÊNCIOS.....	89
3.7 - A TERAPIA...COMO ASSIM?	96
3.8 - OS PERDEDORES	106
3.9 - A REDE.....	112
3.10 - OS PARÂMETROS	121
3.11 - A ACOLHIDA.....	130
3.12 - A RECUSA	134
4 - OS (RE)AGENTES DO LABORATÓRIO	144
5 - FINALMENTE, A MISTURA	164
6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	172
7 - OUTROS MAPAS	177

1 - O CONTORNO DOS ACONTECIMENTOS

O presente trabalho precisa ser contado desde o início, o que qualificaria este capítulo como uma introdução, na qual tive a chance de estabelecer o contorno dos acontecimentos. Sim, pois este texto trata primordialmente de acontecimentos vividos entre terapeutas e palhaços. Assim, foram eles que me conduziram rumo à recalcitrância e suas formas de engendramento.

É bem verdade que escolher algo como um ponto de partida é um tanto quanto artificial, uma vez que aquilo que é tomado como um início ganha esse ou aquele sentido somente ao final do percurso realizado. Não obstante estar ciente de se tratar de uma decisão retórica, diria que essa tese começou a ser concebida, de fato, quando participei do Programa de Doutorado com Estágio no Exterior (PDEE, pertencente à Capes).

Naquela ocasião – era o ano de 2002 - viajei para Paris com o objetivo de realizar parte do Doutorado na École des Mines, sob supervisão de Latour. Ali, começaram a se delinear mais claramente as formas do que hoje chamo de uma busca por alianças. Eu me perguntava se seria possível alinhar a Teoria Ator-Rede (TAR), proposta no Centro de Sociologia da Inovação (CSI), com a Psicologia (Arendt, 2004).

Já há algum tempo, me interessava pelas formulações de Latour no tocante à TAR (2004, 2001, 2000-a, 1994, 1992). Entendia estar diante de uma teoria instigante, tanto em seu modo de realizar o trabalho de campo propriamente dito, quanto na maneira de tratá-lo rumo à produção de conhecimento acerca do tema estudado. Em outras palavras, os acontecimentos do campo podem assumir uma intensa vivacidade dentro dessa perspectiva.

Assim, em meu primeiro encontro com Latour, estava disposta a lhe colocar a questão sobre como estabelecer uma aliança entre a TAR e a Psicologia, o mais rápido possível. Porém, antes mesmo que eu formulasse a pergunta, ele me respondeu:

O grupo de pesquisa e as “*Investigações em torno do objeto da Psicologia*” (Arendt, 2000, 1999-a, 1999-b), coordenado por Ronald Arendt, também poderia ser pensado como um ponto de partida para este trabalho.

“*A Teoria Ator-Rede, portanto, nada mais é que o modo de seguir os atores - sejam eles humanos ou não-humanos - em sua prática, buscando descrever não apenas os elos produzidos, mas, sobretudo, os efeitos das associações*” (Freire, 2005, p.5).

“Não entendo bem por que você veio. Afinal, você acredita nos sujeitos”. Confesso que não entendi por que não seria legítimo tentar essa aliança, pois eu percebia que valeria a pena fazer essa aposta e a diferença de crenças não seria um empecilho. É bem verdade que já estava ali e esperava poder produzir uma tese com isso. Assim, não seria tão fácil me fazer desistir.

Sim, eu acredito nos sujeitos, mas naquele momento suspeito que Latour se referia às dicotomias que tal crença pode ocasionar. Em outras palavras, caso meus sujeitos estivessem sendo concebidos em oposição aos objetos, sendo os únicos atores passíveis de mobilizar o mundo, este seria motivo suficiente para me fazer dar meia volta. Mas, como ele próprio sugere, é preciso resistir à tentação da denúncia crítica, uma vez que ela também levanta muralhas no mundo (Latour, 1994). É fato que só pude afirmar algo assim mais tarde, já que, naquela situação, fui salva por minha ignorância sobre o que estava contido na afirmação de Latour.

Vale dizer que fazer incidir a proposta desse autor sobre a Psicologia teve algumas conseqüências. Dentre elas, ponho em relevo o fato de não conseguir, no interior deste estudo, relativizar seu trabalho em relação ao seu campo - originalmente proveniente das ciências sociais -, assumindo uma posição mais crítica em relação às suas proposições.

Acredito desta forma, que este seja um desdobramento futuro inevitável desse meu percurso de pesquisa. Não obstante levar em consideração a fragilidade que essa falta de relativização pode acarretar, ressalto o aspecto de riqueza dessa aproximação entre dois campos do saber distintos. Se para a Antropologia não resulta em tanta diferença a maneira pela qual o autor em questão faz proposições para se trabalhar o campo - acompanhar os acontecimentos e assumir uma escrita etnográfica - o mesmo não se

“Ou nós devemos desaparecer, portadores de más notícias que somos, ou então a própria crítica deve entrar em crise [...]”
(Latour, 1994, p. 12).

A psicologia social faz perambular por outras disciplinas, entre elas, a antropologia. Nesse sentido, o Museu Nacional (UFRJ) foi um marco. É possível pensá-lo, também, como um ponto de partida para a tese.

dá na Psicologia, justamente, por não trabalhar rotineiramente com etnografias.

A escrita etnográfica e o tipo de trabalho a ela associado tem especificidades tais como ir à campo sem um determinado enquadre teórico, sem definir necessariamente qual será a questão discutida. Esses são parâmetros cruciais da proposta de Latour no tocante à TAR (Hernandez, 2000 e Law, 1997, 1992) e representam uma mudança de enfoque para grande parte da prática de pesquisa em Psicologia.

Outra consequência desse movimento foi a opção de não seguir todas as derivações e/ou filiações possíveis do trabalho de Latour, para não incorrer no risco de ser superficial no modo de tratá-las. Assim, embora seja clara, por exemplo, a referência a Serres, Stengers, entre outros, decidi ater-me à sua apropriação das obras desses autores. Ainda que eu saiba ser imensamente produtivo percorrer esses caminhos - procurando pelas fontes de inspiração e diálogo do autor estudado. Precisei fazer essa escolha para tentar levar adiante, o melhor possível, o empreendimento da presente pesquisa. Desta forma, criticar os pressupostos e aprofundar os estudos indo beber nas fontes de inspiração corresponderia a outros movimentos possíveis no futuro.

Assim sendo, minha meta central, quando na fase de preparação para a ida ao campo, era refletir acerca da prática da Psicologia em sua vertente clínica, numa tentativa de entendê-la em seu cotidiano e em especial em seu modo de intervenção. Eu acreditava que a lente da TAR poderia produzir uma maneira interessante de olhar para isso (Santos, 2004). Sem dúvida, essa é uma meta que não pode ser atingida por um único trabalho, tendo em vista sua grande amplitude e complexidade. Mesmo me dando conta disso, foi com o propósito de ir ao encontro dos acontecimentos que parti em direção ao campo.

Por que Latour na psicologia? Ele se mostrou um autor que pode ser útil de um ponto de vista teórico e principalmente metodológico. Suas formulações criam um cenário interessante para a Psicologia, uma vez que revelam um mundo habitado. Além disso, a busca por uma visão que não opere dicotomias é cara à Psicologia Social e a proposta metodológica do autor permite a construção de um olhar bastante fértil para o desenvolvimento da pesquisa.

Esta proposta se alinhavou dessa forma, por eu acreditar que trabalhar na perspectiva pela qual a TAR entende as ciências tem algumas implicações (Bonamigo, 2005; Queiroz e Melo, 2005; Lopes, 2005). A primeira delas, é a importância de pensar uma ciência viva, acontecendo em seu dia-a-dia. A segunda é tentar manter uma pergunta, ou melhor, um estranhamento em relação ao que será acompanhado, sem estabelecer, necessariamente, categorias prévias ou um enquadre teórico.

Vale ressaltar que este último ponto sugere um paradoxo, uma vez que eu pretendia abordar essa prática já lançando mão da perspectiva da TAR. No entanto, não fui a campo pensando encontrar os elementos trabalhados por ela. Eu a entendia e a entendo como uma maneira de olhar, um ponto de vista, que me fornece um esboço de minha localização e não mais do que isso. Assim, o que eu encontraria na prática dos psicólogos em ação era algo ainda por vir.

No transcorrer da obra de Latour, ele faz pouca menção à Psicologia.(1985, p. 8; 1991, pp.5-6; 1998-a; 2002-b), sendo que dentre essas algumas são de cunho crítico. Então, para poder refletir sobre essa problemática, eu teria a possibilidade tanto de me embrenhar em um debate teórico acerca das proposições possíveis para a Psicologia, quanto pensá-la na sua prática, no modo como ela opera, isto é, pensá-la na sua produção de efeitos. A consequência de escolher a segunda proposta seria optar pelo trabalho de campo, que ao meu ver poderia ser um solo fértil para se construir um mapa deste território.

Sem dúvida, a opção por ancorar o debate desta forma se deve a tentativa de lidar com alguns desafios. Entre eles: ir a campo para simplesmente observar a Psicologia acontecendo, renunciando, por conseguinte, aos debates epistemológicos sobre este saber. Além disso, construir um texto cujo formato fosse compatível com esse modo de ir a campo, entendendo que ele

Também seria possível observar a produção de efeitos do ponto de vista teórico, o que torna essa distinção (teoria X prática) um mero recurso para identificar zonas de possibilidades da Psicologia

funciona como um laboratório, onde poderiam ser processadas as questões que se me saltassem aos olhos. Tudo isso, com a intenção de mapear trajetórias, de permanecer colada ao mundo.

Este empreendimento tem como resultado uma Psicologia com “p” minúsculo e, embora não sirva para dissolver os grandes debates filosóficos, espero que possa contribuir para situar sua prática naquilo que ela tem de interessante. São muitos os trabalhos sobre isso, contudo, utilizar o modo de operar da TAR produziria, quem sabe, novas versões sobre esse tema.

A busca pela aliança com a TAR, proposta por Latour, me parecia, então, uma leitura que permitiria essa aproximação da prática psicológica levantando instigantes questões, que poderiam ser chamadas de objetivos específicos da presente pesquisa. Seria possível olhar a prática de intervenção clínica à luz da TAR? Como, efetivamente, essa leitura me permitiria seguir os acontecimentos do campo? Que efeitos ela me faria perceber?

Já no princípio precisei começar a refletir sobre as dicotomias sujeito – objeto, natureza – cultura. A TAR propõe deferir o mesmo tratamento tanto aos sujeitos quanto aos objetos, bem como à natureza e à cultura, justamente por não acreditar que haja a possibilidade, no mundo tal qual ele se apresenta, da existência *pura* de nenhum deles.

Esse modo de abordar tais pólos é chamado de Antropologia Simétrica e visa encarar os acontecimentos em seu *hibridismo*. Jamais fomos puros, imaculados; vivemos em um mundo de misturas, de mestiçagem, o que não quer dizer que não existam humanos e não-humanos cada um com suas peculiaridades. Nas palavras do próprio Latour (2000) “*jamais fomos modernos*”, no sentido de que a prática de purificação é um fenômeno operado pela Modernidade para isolar os elementos, seja em um pólo ou outro, criando assim uma instância transcendente. Porém, dar conta de um tecido inteiriço - dessa rede - significa buscar compreender a

Em vista disso, assumirei a partir daqui a escrita da psicologia sempre com “p” minúsculo.

dinâmica do mundo em suas conexões, sem transformá-lo em um todo homogêneo.

Conseqüentemente, torna-se crucial perceber as nuances de cada ator, actante, nessa rede. Para isso, é fundamental estar atento ao movimento dos vínculos e às traduções que se operam através destes. Entendendo que “*Traduzir (ou transladar) significa produzir um desvio, deslocar objetivos, interesses, dispositivos, seres humanos, etc[...]*” (Freire, 2005, p.5), a noção de *vínculo*, então, permite acompanhar os actantes em ação, isto é, sem paralisá-los.

A idéia de jamais termos sido modernos, portanto, nos termos de Latour (1994, 1993-a,1993-b, 1990), *não-modernos*, é resultado do abandono da meta de fabricar instâncias separadas no mundo (ver Dortier, 2000; Comte-Sponville e Ferry, 1999; Marcondes, 1997 e Omnés, 1996), tais como o sujeito, entre outras. Portanto, essa proposta vislumbra habitar o mundo e pensá-lo sem sair dele. Isto é, não instalar mecanismos de retirada que evitem os acontecimentos, não fabricar explicações que tentem separar o que, no mundo, está misturado.

Nesse sentido, o mundo não pode ser concebido a partir de um patamar superior (transcendente) que dê inteligibilidade ao patamar inferior (imaneente). Em outras palavras, a TAR abre mão das grandes narrativas para acompanhar a trajetória dos acontecimentos. Sem dúvida, em se tratando de acompanhamento, só é possível fazê-lo onde as coisas acontecem, sem descolar um momento sequer da complexa associação de humanos e não-humanos (também chamada de *coletivos*), ou seja, do baixo mundo. Conseqüentemente, é fundamental pensá-los em seus *vínculos (attachements)*, pois é assim que podemos acompanhar a produção de efeitos dos *coletivos*.

Foi imbuída desse interesse por acompanhar os acontecimentos que decidi seguir a sugestão de Latour de assistir

”O segredo é definir o ator com base naquilo que ele faz [...]” (Latour, 2001, p. 346).

Embora, na TAR a palavra que conste seja ator, eu prefiro usar o termo actante para deixar de lado mais facilmente os sentidos já acoplados ao termo ator.

Latour (2001) mais do que se opor as grandes narrativas em favor das pequenas narrativas, destaca que elas produzem efeitos que precisam ser vistos.

A expressão baixo mundo se refere justamente a essa recusa por níveis de entendimento metafísicos. Isso resulta em uma opção pela imanência ao invés da transcendência (Latour, 2002-b).

algumas consultas etnopsiquiátricas conduzidas por Nathan no Centre George Devereux (Paris VIII).

Começarei dizendo como terminou a primeira consulta a qual assisti, pois foi de grande impacto a frase final. A conclusão do primeiro encontro foi que, da próxima vez, Nathan explicaria ao paciente como fazer para “*surveiller la main de ton père et le pied de ta mère. La première partie est facile, la deuxième est plus difficile*”.

Dito isto, passemos aos acontecimentos. Na consulta estavam presentes, além do paciente - um turco vítima de bruxaria (modo pelo qual foi apresentado à equipe pela psicóloga que o entrevistou pelo telefone, antes de este entrar para ser atendido)-, duas amigas do paciente, sendo uma delas a que o indicou ao centro etnopsiquiátrico de Paris 8. No total, poderia dizer que eram 10 “terapeutas” e 3 “pacientes”. Entre os 10 “terapeutas” estavam Nathan (coordenando), um médico, uma psiquiatra, uma etnóloga e alguns psicólogos, em especial uma psicóloga turca – que muitas vezes se dirigia em turco ao paciente – além de uma psicóloga judia, uma psicóloga especialista em mortes, uma psicóloga italiana e uma psicóloga brasileira (assim fui apresentada por Nathan).

O clima de um modo geral era descontraído, estávamos todos sentados em uma ampla sala, decorada com vários objetos que me pareciam de origem africana e indígena. Eram máscaras, potes, colares, entre outros. No centro do círculo, estava uma pequena mesa onde eram servidos cafezinhos e permaneciam os cinzeiros, sempre com vários cigarros acesos. Nathan e um outro psicólogo bebiam uísque ou algo parecido. O paciente estava sentado ao lado de Nathan, enquanto os outros pareciam estar dispostos sem nenhuma lógica explícita.

A consulta se iniciou com a apresentação de cada um ao paciente. Enquanto isso ocorria, Nathan fazia comentários jocosos sobre cada um. A partir daí, o paciente começou a contar o motivo

Utilizo as categorias terapeuta e paciente entre aspas, pois elas somente servem para uma primeira aproximação do que aconteceu lá.

Nathan:
“*Justamente brasileira, não foi o Brasil que bateu a Turquia na Copa?!*”

Nathan: “*Ela costuma ser séria, mas é confiável.*”
(a respeito de uma das terapeutas)

de estar vindo ao centro. Nathan o interrompeu algumas vezes com comentários que demonstravam seu conhecimento sobre a cultura e práticas turcas. Assim, à medida que foi passando o tempo, era fácil perceber como ia se estabelecendo a confiabilidade entre os dois.

Bem, o paciente contou sua vida e uma série de acontecimentos estranhos: acidentes de carro sempre nos momentos em que se sentia apaixonado, falou sobre seus três casamentos e consecutivos divórcios, sobre objetos estranhos que encontrou em sua casa. Neste momento em particular, Nathan se antecipou ao descrever o objeto que ele teria encontrado, o que muito surpreendeu o paciente. Além disso, este falou sobre diversos encontros com pessoas que estavam realmente surpresas por ele estar vivo. Em especial, sua irmã lhe contou que seus pais, quando ele foi embora de casa para viver com sua primeira esposa, fizeram uma bruxaria para ele. Eles teriam inclusive amarrado duas colheres de cabeça para baixo, esse foi um outro momento em que Nathan revelou entender do que se tratava esse procedimento.

O paciente é um músico de bastante talento e reconhecido como pianista e compositor clássico, contudo naquele momento sua vida tanto profissional quanto amorosa estava bastante confusa, o que o fez pensar sobre algum tipo de bruxaria relacionada aos objetos estranhos que encontrou em sua casa. Ele terminou seu relato, lançando três perguntas:

“Estou louco e tudo isso é psicológico?

Ou se trata de bruxaria e é verdade?

Ou um misto dos dois: as coisas existem e eu estou mal com isso?”

Nathan convocou todos os presentes a falarem algo. Alguns se manifestaram, mas o que me chamou a atenção foi a frase dele

Nathan: *“Sim, uma espécie de pedra triangular.”*

As pessoas conheciam os CDs que ele havia gravado.

Um grande silêncio imperou na sala!

“*Je ne suis pas un intellectuel, je suis un praticien*”, seguida da conclusão de vigiar a mão do pai e o pé da mãe.

Logo antes dessas colocações acima, uma psicóloga perguntou ao paciente o que ele procurava lá, ao que ele respondeu dizendo: “*procuro ser escutado e suponho que, ao ser escutado, estarei sendo compreendido e descobrirei o que fazer*”. A consulta encerrou-se quando Nathan disse ao paciente, enquanto segurava seu braço em um gesto de intimidade, que talvez nessa noite ele tivesse um sonho, no qual era possível que ele próprio, o terapeuta, aparecesse. Finalmente, em um clima instigante, disse ao paciente que era importante que ele guardasse o sonho com atenção para o próximo encontro.

Bem, eu tinha várias questões: qual era o sentido de tudo aquilo? Para o quê era importante olhar, além daquela sequência interminável de intervenções com a finalidade de impressionar o paciente? Não conseguia naquele momento vislumbrar o que tanto impressionava Latour naquela prática (Latour, 2002b, capítulo 8).

Não percebi autenticidade no trabalho, mas imaginava que talvez estivesse olhando para o lugar errado. Isto é, tentava avaliar criticamente aquelas intervenções segundo o modo como eu entendia uma prática terapêutica; tentava *purificar* o ambiente, desvencilhar os elementos da rede. Finalmente, estava embaraçada nesse emaranhado, supondo que a saída fosse desfazer os nós, ao invés de seguir por eles.

Ainda assim, me lembrava do texto de Despret (2001), *Ces émotions qui nous fabriquent*, e pensava que talvez devesse entender a autenticidade aqui como aquilo que remete à fabricação das emoções e não como aquilo que vem des-cobrir emoções que lá estavam, esperando para serem reveladas. Do mesmo modo, a denúncia da crença, incidindo sobre a fragilidade da fabricação dos fetiches (Latour, 2002-b), perde de vista a possibilidade que estes

“*Construire le contraste entre une situation où l’émotion est authentique et une autre où elle est sociale n’annonce pas la volonté d’articuler une version sociale de l’émotion: cette version n’est pas là pour elle-même, bien au contraire, elle définit les parasites d’un paysage qu’il s’agit de purifier.*” (Despret, 2001, p. 94)

têm de habitação no mundo, pois tem como tentar reduzi-los a objetos sem vínculos, incapazes de produzir efeitos.

Qual não foi minha surpresa quando acompanhei o segundo encontro, no qual o paciente traz três sonhos para serem trabalhados ali. Em oposição as minhas expectativas, Nathan não começou a dar antídotos para a bruxaria, mas, muito pelo contrário, convocou cada um dos presentes para se debruçar sobre aqueles sonhos, ampliar aquela história de modo que, a cada instante, o rumo e o destino pudessem ser alterados. Era o paciente que escolhia que fios trançar, que nós desamarrar, como conduzir todas aquelas pessoas debruçadas sobre sua vida, revelando os limites de seus olhares, de seus pontos de vista.

Com isso, percebi que o que estava acontecendo ali era a fabricação de uma versão nova sobre os acontecimentos. Assim, não poderia reduzir o primeiro encontro a uma simples receita de como combater os males que incomodavam o paciente. Essa tinha sido a forma como interpretei a fala de Nathan naquele momento. Porém, o que apareceu com mais nitidez, quando participei do segundo encontro, foi que as pessoas estavam ali para se debruçarem sobre o que estava sendo contado como um território a ser mapeado. Portanto, o paciente não tinha nas mãos um mapa que deveria ser ajustado de acordo com a psicologia dos terapeutas. Inclusive, acredito que esse era um dos motivos para o fato de eles serem em grande número; isto é, essa era uma maneira de não deixar um modelo prévio de sujeito preponderar. A cada vez que um terapeuta dava uma explicação, outro apresentava uma possibilidade diferente, desse modo o paciente excluía e incluía trechos e marcações que fabricassem essa nova versão.

Decidi incluir a descrição desses encontros aqui, pois eles, de alguma forma, fizeram-me pensar que a psicologia, tal qual ela acontece, traz muitos elementos que ficam ausentes quando ela é tomada em uma dimensão “meta”, transcendente. Portanto, essa

“É como se, em três horas, assistíssemos à liquefação progressiva do sujeito psicológico que se desprenderia lentamente do paciente, migraria pouco a pouco para o meio da consulta e terminaria por ali se dissolver, para se configurar inteiramente de outro modo.”
(Latour, 2002, p. 72)

breve imersão em um trabalho de campo deixou-me com curiosidade suficiente para querer ver com outro olhar mais detidamente como a prática da psicologia acontece. Nesse sentido, poderia dizer que o presente trabalho deriva, parcialmente, dessa experiência de acompanhar uma consulta etnopsiquiátrica.

Assim, quando retornei de Paris estava decidida a realizar um experimento que imaginei inspirada pelo que vi no Centre George Devereux. Porém, a realização de tal empreendimento continha mais problemas e perguntas do que soluções. Além disso, a idéia de pensar a prática dos psicólogos poderia ser contemplada acompanhando grupos que já existissem.

Dessa forma, comecei a buscar algum grupo de intervenção clínica em psicologia que aceitasse ser acompanhado por um pesquisador. Cheguei então ao Instituto NOOS, (Instituto de Pesquisas Sistêmicas e Desenvolvimento de Redes Sociais) que trabalha na abordagem sistêmica (Sluzki, 1997; Schnitman, 1996) e que, por sua vez, tem uma posição prévia favorável a esse tipo de interferência. Assim, obtive a autorização para participar de um grupo de mulheres vítimas de violência intrafamiliar e que estaria sendo realizado de agosto a dezembro de 2003. Àquela altura elas já tinham tido quatro encontros, mas o grupo ainda permitia a entrada de novos integrantes, de tal modo que fui convidada a fazer parte do grupo como membro da equipe reflexiva.

Dessa maneira, eu havia conseguido garantir a possibilidade de seguir a prática dos psicólogos em ação. Contudo, imaginava que o contraponto de um outro grupo, que não almejasse fins terapêuticos, me faria realçar aspectos e peculiaridades dessa prática. Uma vez que, ao ter assistido as consultas etnopsiquiátricas de Nathan, algumas características da prática clínica ganharam relevo. Isto é, seria importante observar um grupo cuja prática fosse psicológica e outro que tivesse um modo diverso de intervenção. Ao partir dessa base, a questão acerca de quais seriam os efeitos no

“O pensamento sistêmico é um pensamento de processo; a forma torna-se associada ao processo, a inter-relação à interação, e os opostos são unificados através da oscilação.”
(Capra, 1998, p. 261).

“A equipe reflexiva geralmente fica atrás de um espelho unidirecional e, quase sempre, é constituída de três pessoas. Um espelho unidirecional não é necessário e o número de membros da equipe nem sempre é três.”
(Andersen, 1991, p.65)

Certa vez, um amigo me comentou sobre um curso de palhaços em que se trabalhava a instalação do estado de palhaço. Quem ministrava a oficina era um Messiê – um mestre na arte da palhaçaria.

acompanhamento de uma prática terapêutica, à luz da TAR, estava sendo acrescida de um novo ingrediente, qual seja: acompanhar paralelamente um grupo não terapêutico. Certamente, isso veio a ter impacto sobre os desdobramentos do trabalho.

Como a atividade de pesquisa é feita de atravessamentos, foi uma oficina de palhaços que cruzou a minha busca. A primeira pergunta, sem dúvida, é: o que palhaços têm a ver com psicólogos? Nesse caso, muita coisa. Primeiramente, eu precisava de um grupo que, ainda que não-terapêutico, tivesse uma prática de intervenção minimamente estruturada, isto é, cuja intenção estivesse previamente dada. Essa seria uma forma de poder distingui-lo de uma prática terapêutica e por outro lado entendê-lo em sua especificidade.

“*A função do palhaço é dar a flor generosamente ao mundo e a função do Messiê é fazer vocês entrarem em contato com a flor*”. Poderia dizer, em uma primeira aproximação, que nesse aspecto o grupo de palhaços se parece com o projeto de uma terapia, ou seja, essa idéia de entrar em contato com algo está presente em ambos os grupos. Além disso, esse grupo em particular tinha uma peculiaridade que era percebida não somente por mim, mas também, de um modo geral, por aqueles que fizeram a oficina.

Isso me ficou mais evidente no segundo dia em que estava acompanhando a oficina. Ao chegar mais cedo, pude conversar com uma das integrantes e, em determinado momento, ela me perguntou se era eu quem havia formulado a base teórica daquele trabalho e complementou: “*sim porque é uma terapia de alto impacto*”. Eu respondi que não, que quando cheguei o trabalho já era assim. Contudo, esse episódio serviu para confirmar que estava em um grupo que contemplaria a analogia com um grupo de intervenção psicológica.

A oficina “*Nobre Arte do Palhaço*”, que acompanhei, trabalha com a idéia de fabricar em cada pessoa um estado de

Por que a oficina é importante? Para que? Com que objetivo? Quais serão os dispositivos de reflexão? Essas eram perguntas que eu esperava poder responder mais precisamente, durante o trabalho de campo.

Na Itália as pessoas se fantasiavam de espantalho e todos diziam: “*olhem os homens de palha, os palhaços*”. (CD Circo)

“*Si nous voulons en apprendre sur nous-mêmes en analysant le discours sur l’animal, il nous faut d’abord apprendre à rire de notre incompetence face à la relation toujours opaque dans laquelle nous sommes emmêlés.*” (Despret, 2001, p. 31).

picadeiro, ou seja, de instalar um paspalho disposto a viver o ridículo e a se divertir com isso. O cerne dessa oficina é viver um mundo ao contrário (Anônimo, s/d), onde as lógicas já assentadas possam perder seu lugar central, para dar espaço a um mundo de misturas de sentimentos, de pessoas, de objetos, enfim, de acontecimentos sem sentido aparente.

Quando eu fui fazer a oficina que há tanto tempo tinha vontade, qual não foi minha surpresa ao perceber que esse poderia ser um grupo que possuía características que permitiriam traçar linhas reflexivas com o grupo de mulheres. Portanto, foi assim, impactada por essa experiência, que decidi acompanhar os paspalhos simultaneamente às mulheres.

Até esse momento, o que estava em jogo era a chance de ter um grupo passível de ser vivido em paralelo ao outro, o de mulheres. Mais tarde, vim a perceber que trabalhar com os palhaços abriu-me horizontes imprevistos. A lógica de um mundo ao contrário trazia a possibilidade de, segundo a TAR, desfazer esquemas como sujeito / objeto, interno / externo.

É bem verdade, vale lembrar, que comecei o trabalho de campo sem saber exatamente como poderia lidar com os elementos da prática de intervenção no grupo de mulheres e no de palhaços. Naquele momento, apenas tinha em mãos a observação como a ferramenta para estar ali, além da idéia de fazer uma etnografia, que me parecia ser a maneira de descrever os acontecimentos mais compatível com a proposta da TAR, de estar no campo e produzir conhecimento.

Contudo, hoje posso afirmar que foi lá no baixo mundo, perseguindo a trajetória dos acontecimentos, vendo os actantes se configurarem em ambos os grupos, que cheguei na idéia de que a noção de recalitrância criava um interessante mapa para vislumbrar os vínculos em ação da prática de intervenção tanto um grupo quanto no outro.

Sem dúvida, a entrada do grupo de palhaços, como ingrediente na reflexão acerca da produção de efeitos da prática de intervenção clínica, foi determinante. Já que a noção de palhaço foi enriquecedora, em se tratando de observar a recalcitrância. O palhaço é o brincante, é o transgressor, ele faz sentido naquilo que dá errado, naquilo que rompe o esquema (Bolognesi, 2000). Através do destaque dado ao erro, na oficina de palhaços, a recalcitrância ganhou forma como um momento singular em que um feixe de vínculos se rompe, enquanto outra nova configuração emerge. Esta, por sua vez, faz com que a associação de humanos e não-humanos (coletivo) corra em um fluxo de acontecimentos que assumem riscos, se tornam inusitados.

Sim, a recalcitrância acontece no terreno do vínculo, da relação. Só é possível ser recalcitrante em relação a alguma coisa, portanto, ela acontece trazendo à tona a singularidade. Ela explicita um momento, um acontecimento singular, já que para fazer sentido ela precisa ser tomada em sua historicidade. Neste trabalho faço a opção pelo termo singularidade ao invés do termo subjetividade, pois o primeiro tem como peculiaridade ser pertinente tanto aos humanos quanto aos não-humanos.

Nesse sentido, a recalcitrância, pensada como um conceito, me permitia fazer a cenarização do que vivi em campo sem precisar fazer uma redução que incluísse somente humanos. É bem verdade que a própria psicologia possui uma série de outros conceitos correlatos (resistência, projeção, entre outros) que poderiam ser arrolados neste campo, porém o conceito de recalcitrância preserva a possibilidade de poder ser pensada tanto para os sujeitos quanto para os objetos.

Assim, a presença da TAR fez toda a diferença nas situações que me saltaram aos olhos e que poderiam ter sido, rapidamente, reduzidas a cenas protagonizadas apenas por humanos. Contudo, a relevância do papel dos não-humanos na

Recalcitrar: “do latim *recalcitrare*, verbo intransitivo. Resistir, desobedecendo; não ceder; teimar, escoicear, desobedecer

composição desses acontecimentos recalcitrantes não permitiu deixá-los ficar na posição de coadjuvantes, sob pena de perdermos a complexidade do que estava ali se configurando.

Um bom exemplo disso era a fala constante de Clara (uma das integrantes do grupo de mulheres) ao nomear o encontro do grupo de mulheres como uma palestra. Isso era constantemente corrigido pelas facilitadoras (psicólogas encarregadas de conduzir o grupo), mas a sala na qual ele acontecia tinha um quadro branco com pilots e um cavalete com os temas em pauta para aquele grupo. Enfim, mais adiante descrevo essa situação detidamente, mas de qualquer modo, ela serve para revelar a mistura de humanos e não-humanos nisso que identifiquei como recalcitrância.

Tendo sido o trabalho de campo encerrado e tomando o presente texto como o laboratório, eu poderia re-fazer a meta que me norteou quando comecei minha empreitada, ou seja, refletir, à luz da TAR, acerca da prática da psicologia em sua vertente clínica, numa tentativa de entendê-la em seu cotidiano e, em especial, em seu modo de intervenção, da seguinte forma: como os movimentos de recalcitrância, visto através da lente da TAR, funcionam para explicitar os vínculos? Assim, no capítulo que segue – *Erguendo em laboratório* - abordo a metodologia que norteou minha entrada no trabalho de campo e também a maneira como construí um olhar para a psicologia desde o ponto de vista da TAR. Essa última questão se colocou pelo fato de a psicologia ser vista como mantenedora do pólo sujeito, em oposição ao objeto.

Dessa forma, para que pudesse acompanhar uma prática de intervenção psicológica, precisei refletir acerca de um modo de olhá-la à luz da TAR que não me fizesse cair no equívoco de uma denúncia crítica precipitada, qual seja, a de que a psicologia reifica a dicotomia interno/externo nas figuras de sujeito e objeto (Latour, 2002).

A maneira que encontrei foi *despsicologizar* a psicologia, o que quer dizer pensá-la não como guardião do sujeito (dotado de interioridade), em oposição ao objeto (exterior). Nessa forma *despsicologizada*, na qual o sujeito interior não ocupa a posição central, ela mantém seu olhar para o singular. Assim, direcionando o foco sobre a singularidade, ela cria um terreno fértil para vislumbrar o movimento dos vínculos, permitindo que a dicotomia interno/externo se dissolva.

A noção de *vínculo* é também uma tentativa de dissolver a interioridade do sujeito por oposição à exterioridade do objeto.

Em poucas palavras, sem dúvida a psicologia sempre teve um olhar para o indivíduo, mas uma forma de não fazer a denúncia crítica, e jogá-la no rol das dicotomias caras à modernidade, é encarar esse olhar como a constituição de um arsenal que permite realçar a lógica da imanência, do baixo mundo, em oposição à transcendência. Ou seja, é possível tomar as construções da psicologia naquilo que elas têm a dizer sobre o que é singular, sobre o que, de fato, acontece em seu cotidiano.

No capítulo seguinte – *Humanos e Não-humanos em ação* - trato da experiência de acompanhar esses grupos e destaco aí os eventos nos quais a recalcitrância se fez clara. Eu escolhi essas situações, pois, através delas, pude pensar esse caminho para refletir sobre a prática de intervenção nos dois grupos, caminho, este, que acontece a despeito das dicotomias instaladas ou, quem sabe, até mesmo através delas e por elas.

Vale ressaltar que iniciar o trabalho pela metodologia e pela descrição do campo foi uma inversão proposital, mesmo sabendo que este procedimento não tem sido o habitual nos trabalhos em psicologia. Ela teve o intuito de revelar a devida importância que a metodologia e o campo tiveram nessa empreitada, pois, a recalcitrância – tema central deste estudo - só apareceu durante o acompanhamento dos grupos. Portanto, não seria justo agora, no momento da escrita, negar a ordem dos acontecimentos. Neste caso específico, a alteração da ordem não revelaria a história do produto.

Essa decisão pode ter acarretado que, em alguns momentos, conceitos instrumentais não tenham sido trabalhados em detalhe, mas na medida em que identifiquei isso, procurei minimamente dimensioná-los, mesmo durante a descrição dos grupos.

Isso tornou os capítulos impuros, mas se o texto é o laboratório das ciências sociais, onde os elementos são submetidos aos testes de torção, nada mais justo que ele seja habitado por toda sorte de fatores, sejam eles conceitos, grupos de mulheres ou oficinas de palhaços.

No capítulo subsequente - *(Re)agentes do laboratório* - trabalho mais detidamente com a TAR e os conceitos nos quais estive pautada para pensar a recalcitrância. Assim, retomo o campo para construir um mapa acerca dos acontecimentos, naquilo que eles fazem-fazer os *vínculos* e, com isso, chego a - *Finalmente, a mistura* – onde faço a conclusão da investida deste laboratório, qual seja, pensar a recalcitrância como uma medida para estabelecer possíveis mapas sobre a movimentação dos vínculos.

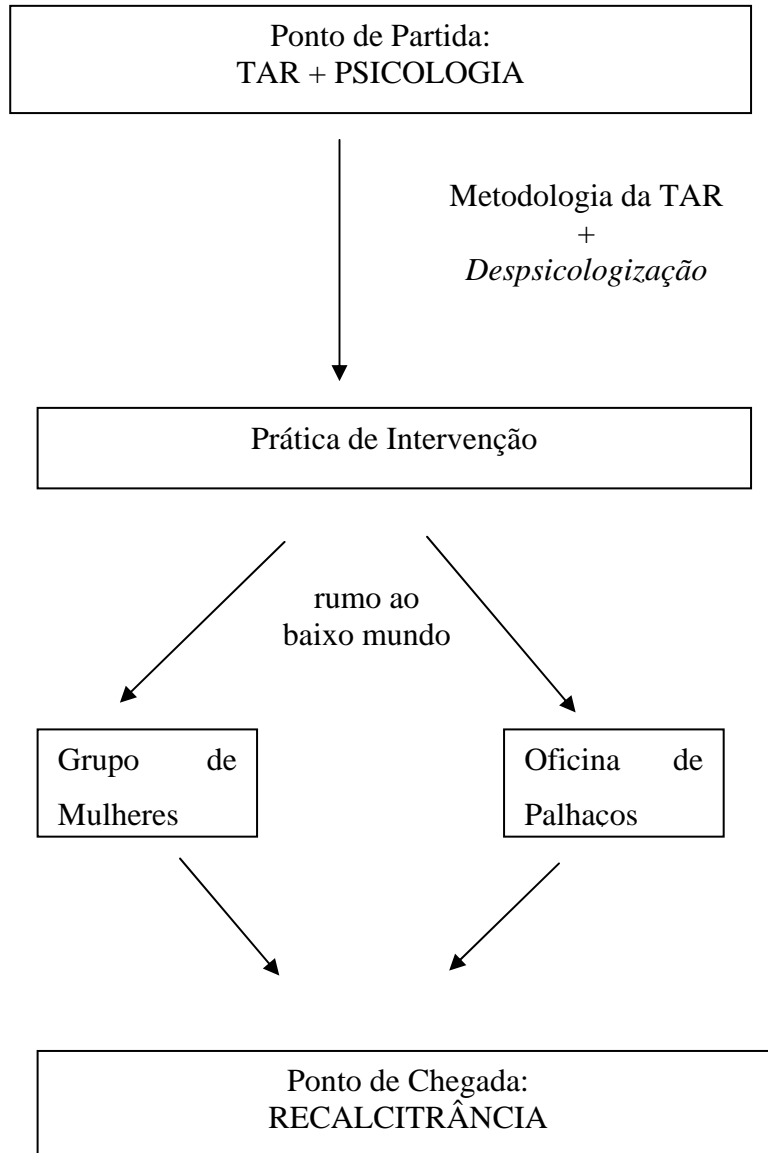
Por fim, cabe dizer algumas palavras sobre o que, por diversas vezes, aparece ao lado. O sentido desse formato foi tentar deixar às claras os elementos que habitaram e/ou habitam este texto-laboratório, isto é, tentar não deter tanto o fluxo de produção de efeitos dos acontecimentos.

Teste de torção é uma metáfora que faz alusão aos procedimentos utilizados em laboratórios para testar a resistência de certos materiais.

O binômio faz-fazer é uma alternativa para recusar a idéia de domínio pleno do actante, isto é, ele simultaneamente faz e é feito.

Essa tentativa teve também inspiração nos trabalhos de Pereira (1997) e Rolnik (1989).

Esquema geral do trabalho:



Meu ponto de partida foi pensar uma aliança entre a TAR e a Psicologia, meu ponto de chegada foi a recalcitrância. É claro que a recalcitrância é algo proposto pela TAR e poderia se objetar essa observação alegando que, nesse sentido, a TAR teria funcionado como um enquadre teórico. Contudo, ela, por ser um argumento negativo (a TAR não tem muito a dizer acerca do que está sendo observado), apenas faz com que eu acompanhe os grupos. Estes sim, por sua vez, me fizeram chegar à recalcitrância.

2 - ERGUENDO UM LABORATÓRIO

O objetivo deste capítulo é trabalhar com os elementos com os quais fui ao campo, assim como com a constituição de um olhar, compatível com a TAR, que viabilizasse acompanhar a prática de intervenção do grupo de mulheres. Com isso, estabeleci os critérios que me permitiram erguer meu laboratório, ou seja, o presente texto.

Embora esses critérios não tenham sido sistematizados em um único trabalho de Latour, tomei como inspiração para explicitar grande parte dos tópicos, que apresento à seguir, seu texto *A Dialog on ANT* (2002-c). Ele é uma espécie de diálogo socrático entre um Professor (P - professor) que trabalha com a Teoria Ator-Rede e um Aluno (S - student) em busca de orientação metodológica para sua tese de doutorado.

A questão primeira a ser colocada é a compreensão do texto, em ciências sociais, como um laboratório. Será nele que farei os testes de torção, os experimentos rumo à produção de conhecimento acerca daquilo que está sendo estudado.

“Because this text, depending on the way it’s written, will or will not capture the actor-network you wish to study. The text, in our discipline, is not a story, not a nice story, it’s the functional equivalent of a laboratory. It’s a place for trials, experiments and simulations. Depending on what happens in it, there is or there is not an actor and there is or there is not a network being traced. And that depends entirely on the precise ways in which it is written—and every single new topic requires a new way to be handled by a text. Most texts are just plain dead. Nothing happens in them.”(Latour, 2002-c)

Nesse sentido, o que se colocou como um primeiro desafio foi fazer uma descrição detalhada, isto é, deixar que os traços produzidos pelos acontecimentos aparecessem neste laboratório. Além de fazer prevalecer a descrição, foi preciso abrir mão de

Vale ressaltar que tanto as falas do Professor quanto as do Aluno ajudam a mapear o que vem a ser a TAR. Como decorrência disso, faria uma ressalva: não necessariamente o único a ser identificado com Latour seria o professor.

“Very simple really: it’s called field work. Good field work always produces a lot of new descriptions.”
(Latour, 2002-c)

estabelecer um enquadre teórico para me guiar no acompanhamento dos grupos.

Inclusive, esse foi um dos motivos que me inclinou a deixar que a descrição do trabalho de campo viesse antes da discussão sobre a recalcitrância. O outro motivo, como dito anteriormente, foi o fato de a recalcitrância ter surgido durante o acompanhamento dos grupos e não antes disso. Foi acompanhar os grupos que me fez perceber a recalcitrância como um elemento que faz a prática de intervenção - seja no caso do grupo de mulheres, seja no de palhaços - se curvar diante dos acontecimentos.

Assim, deixei o campo invadir o laboratório para depois submetê-lo à interação com meus re-agentes, como mostrarei no capítulo quatro. De fato, esse tipo de separação (entre o trabalho de campo e a discussão teórica) só pode ser realizado em laboratório, ou seja, no texto, uma vez que, na prática de pesquisa, é a mistura entre elementos dos mais diversos tipos (discussões teóricas, impressões pela participação das situações do campo, entre outros) que prevalece.

O segundo desafio foi ter feito um trabalho de campo nos moldes da Antropologia sendo eu uma psicóloga. É difícil avaliar se procedi bem, se consegui elaborar um material de campo suficientemente digno da TAR. Talvez não, mas ainda assim, tendo em vista toda minha inexperiência, insisti na árdua tarefa de acompanhar os acontecimentos buscando produzir, dessa forma, o que Latour (2002-c) denomina de uma *boa descrição*. Sim, pois essa descrição não é uma descrição qualquer, ela deve ser espessa e isso não é uma tarefa simples.

“You should panic only if your actors were not doing that constantly as well, actively, reflexively, obsessively: they too compare, they too produce typologies, they too design standards, they too spread their machines as well as their organisations, their ideologies, their states of mind. Why would you be the one doing the intelligent stuff while they would act like a bunch of morons? What they do to expand, to relate, to compare, to organise is what you have to describe as well. It’s not another layer that you would have to add to the ‘mere description’. Don’t try to shift from description to explanation: simply go on with the description. What your own ideas are about your company is of no interest whatsoever compared to how this bit of the company itself has managed to spread.”
(Latour, 2002 -c)

“P — I said that this so-many-words-long PhD thesis — which will be the only lasting result of your stay among us — is thick.

S — Meaning?

P — Meaning that it’s not just a transparent window pane, transporting without deformation, the information about your

study. Can you deny that? ‘There is no in-formation, only trans-formation’, translation if you want.” (Op. Cit.)

Portanto, uma seqüência de operações é realizada com o intuito de constituir essa descrição. Assim, os acontecimentos são descritos para que se forme um panorama do que está sendo acompanhado, uma cenarização, que tem como característica a provisoriidade e, justamente por isso, remete à retomada dos coletivos - associações de humanos e não-humanos (Latour, 1999).

Esse cenário tenta fazer justiça, na descrição, à complexidade do campo, isto é, trabalhá-lo em todas as suas dimensões, vislumbrá-lo desde diversos pontos de vista. Nesse sentido, são as traduções feitas que alavancam essas diferentes facetas, elas funcionam como janelas que habilitam novas paisagens.

Assim, embora tenha construído esse texto tentando dar conta da descrição do trabalho de campo que realizei, para que ele funcionasse tal qual um laboratório, precisei traduzir, ou melhor, transladar, uma série de elementos a fim de tentar acompanhar a prática dos dois grupos. Espero, como bem disse Ivan Marques (2005), que as “*janelas atravessadas sejam pequenas o suficiente*” de modo a tornar possível tomar o caminho de volta.

Portanto, fazer translações não fará com que os elementos não sofram transformações; pelo contrário, eles serão transformados, eles sofrerão todo tipo de torção neste laboratório. Nos termos de Latour (2001), isso é trabalhar com os móveis imutáveis – móveis por conta das translações operadas e imutáveis por que nessa seqüência de traduções sempre há algo que permanece.

Vale dizer ainda, que esse fluxo de movimento é o que caracteriza a *referência circulante*, ou seja, “*Referência não designa um referente externo sem significação [meaningless] (isto é, literalmente, sem meios [mean] de completar seu movimento),*

Coletivo: “*o termo não nos remete à uma unidade feita, mas a um procedimento para religar as associações de humanos e não-humanos*” (Latour, 2001, p. 373).

“*Empreguei translação para indicar deslocamento, tendência, invenção, mediação, criação de um vínculo que não existia e que, até certo ponto, modifica os dois originais.* (Latour, 2001, 206)

mas a qualidade da cadeia de transformações, a viabilidade de sua circulação” (Latour, op. Cit., p.354).

Além de fazer prevalecer a descrição, foi preciso abrir mão de estabelecer um enquadre teórico para me guiar no acompanhamento dos grupos. Esta, sem dúvida, é uma questão que coloca uma grande diferença em relação ao modo de trabalho habitual de algumas áreas das ciências humanas, isto é, antes de realizar qualquer trabalho de campo, é preciso definir de início qual a teoria que será utilizada.

Essa posição de recusa em relação a uma teorização prévia coloca, necessariamente, duas questões: como não transformar a TAR em um enquadre teórico? Como não reificar a categoria de actante, dentre outras?

A formulação central dessa proposição é chegar ao campo sem precisar estar apoiado em uma teoria específica, mas olhar diretamente para as coisas. Nesse sentido, na medida em que o campo de fato acontece, as coisas *fazem-fazer*, imprimem rastros e, dessa forma, as categorias, sejam elas quais forem, perdem a importância.

Assim, não seria preciso nomear os acontecimentos usando como ferramentas conceitos prévios, bastaria nomeá-los pelo seu próprio nome, contando sua própria história. Em vista disso, os termos não se reificam, pois só se sabe o que será um actante mediante a experimentação científica. Vale ressaltar que esta última é entendida aqui não no sentido estrito, mas como um processo realizado pelo pesquisador na tentativa de estabelecer as linhas de conexão entre os diferentes elementos no interior de seu laboratório; no caso das ciências sociais, o texto (Latour, 2002-c).

Precisei, portanto, fazer uma reviravolta na maneira de realizar o acompanhamento dos grupos. Pois a situação se apresentou da seguinte forma: era preciso observar e acreditar que, em algum momento, o trabalho de campo se organizaria de modo a

“P - Ah? So your supervisor is in the business of selling pictures? It’s true that frames are nice for them: gilded, white, carved, baroque, aluminium, etc. But have you ever met a painter who began his masterpiece by first choosing the frame? That would be a bit odd, wouldn’t it?” (Latour, 2002 - c)

“[...] ce redoublement du “faire-faire” [...] déplace l’attention vers ce qui nous fait agir” (Latour, 2000, p. 191).

permitir uma reflexão acerca da prática de intervenção dos grupos que acompanhei.

“P — No you don’t! Tell me, if some X is a mere ‘case of’ Y, what is more important to study: X which is the special case, or Y which is the rule?”

S — Probably Y... but X too, just to see if its really an application of... well, both I guess.

P — I would bet on Y myself, since X will not teach you anything new. If something is simply an ‘instance of’ some other state of affairs, go study this state of affairs instead... A case study that needs a frame in addition, is a case study that was badly chosen to begin with!” (Op. Cit.)

Assim, o que de fato aconteceu foi acompanhar os acontecimentos tanto do grupo de mulheres quanto da oficina de palhaços, entendendo que o importante era tomá-los em sua inteireza. Ou seja, não considerá-los como um caso específico de alguma regra geral. Prosseguindo na leitura do diálogo, pude me assegurar de que a saída para recusar um determinado enquadre teórico era, mais uma vez, a descrição.

“S — But you always need to put things into a context, don’t you?”

P — I have never understood what context meant, no. A frame makes a picture look nicer, it may direct the gaze better, increase the value, but it doesn’t add anything to the picture. The frame, or the context, is precisely the sum of factors that make no difference to the data, what is common knowledge about it. If I were you, I would abstain from frameworks altogether. Just describe the state of affairs at hand.

S — ‘Just describe’. Sorry to ask: but is this not terribly naïve? Is this not exactly the sort of empiricism, or realism, that we have been warned against? I thought your argument was, how should I say? more sophisticated than that.”

Dessa forma, a TAR se comporta mais como um modo de abordar o campo do que propriamente uma teoria para explicar os fenômenos. Nesse sentido, os actantes devem ser acompanhados pelos traços que deixam. Assim, eles não habitam o mundo para

cumprir uma dada teoria, isto é, não são marionetes a serviço de uma estrutura. Pelo contrário, eles fazem a diferença, eles são insubstituíveis no cenário. Esta cenarização, por sua vez, só é passível de ser feita através do acompanhamento das trajetórias dos actantes, de seus vínculos, de suas ações.

Em tempo, é fundamental entender que os actantes não são uma categoria prévia que permitiria ao pesquisador sair em busca dela no campo. Os actantes acontecem no campo e não é possível saber de antemão quais serão aqueles que estarão agindo em uma determinada situação. Eles poderão ser assim determinados, quando agirem de fato e/ou quando deixarem seu traço. *“If they act, they leave some trace, then you have some information, then you can talk about them. If not, just shut up.”* (Op. Cit.)

Algumas considerações podem ser feitas acerca do que deriva dessa série de critérios. Sem dúvida, a posição da TAR remete diretamente à prática do trabalho de campo como o local por excelência de produção de conhecimento. Nesse sentido, o lugar da teoria, ou do enquadre teórico, sucumbe, dando prioridade à voz dos actantes. *“The name of the game is to get back to empiricism.”* (Op. Cit.).

Outro ponto a ser destacado é o fato que daí decorre: embora ela se chame de **Teoria** Ator-Rede, ela funciona como um argumento negativo. Ela, a princípio, não tem nada a dizer sobre aquilo que será estudado. Ela assume uma posição *a priori* de observar o que será estudado e, a partir desse empreendimento, chegar às relações que operam aquela dada situação.

“Just that ANT is first of all a negative argument. It does not say anything positive on any state of affairs.”
(Latour, 2002 -c)

“P — The best it can do for you is to say something like: ‘When your informants mix up organization and hardware and psychology and politics in one sentence, don’t break it down first into neat little pots; try to follow the link they make among those elements that would have looked completely incommensurable if you had followed normal academic categories.’ That’s all. ANT can’t tell you positively what the link is.

S — So why is it called a ‘theory’, then, if it says nothing about the things we study?

P — It’s a theory, and a strong one I think, but about how to study things, or rather how not to study them. Or rather how to let the actors have some room to express themselves.” (Op. Cit.)

Não poderia deixar de mencionar a questão sobre o ponto de vista, já que essa é uma discussão que faz eco de um modo geral nas ciências. *“Situarmos, um negócio enervante que só é bem sucedido parcialmente, eis no que consiste a pesquisa etnográfica como experiência pessoal. Tentar formular a base na qual se imagina, sempre excessivamente, estar-se situado, eis no que consiste o texto antropológico como empreendimento científico”* (Geertz, 1998, p.23 – 24). Assim, vale ressaltar como a TAR assume uma posição em relação acerca dessa discussão.

“Don’t believe all that crap about being ‘limited’ to one’s perspective. All of the sciences have been inventing ways to move from one standpoint to the next, from one frame of reference to the next, for God’s sake: that’s called relativity.” (Latour, 2002,c)

“S — But you wouldn’t deny that you too possess a standpoint, that ANT is situated too, that you too add another layer of interpretations, a perspective?

P — No, why would I ‘deny’ it? But so what? The great thing about a standpoint is, precisely, that you can change it! Why would I be stuck with it? From where they are on earth, astronomers have a limited perspective, for instance in Greenwich, the Observatory down the river from here —have you been there? it’s fabulous. And yet, they have been pretty good at shifting this perspective, through instruments, telescopes, satellites. They can now draw a map of the distribution of galaxies in the whole universe. Pretty good, no? Show me one standpoint, and I will show you two dozen ways to shift out of it. Listen: all this opposition between ‘standpoint’ and ‘view from nowhere’, you can safely forget. And also this difference between ‘interpretive’ and ‘objectivist’. Leave hermeneutics aside and go back to the object — or rather to the thing.” (Op. Cit.)

E a polêmica continua, agora abordando como não estar limitado por esse ponto de vista. Contudo, na medida em que é possível movimentar-se em relação àquilo que está sendo olhado, é possível perceber a complexidade presente naquela organização. Ela se desvela em suas facetas. É com o belo movimento dos véus que se dá início a diversos pontos de vista.

“S — But I am always limited to my situated viewpoint, to my perspective, to my own subjectivity?”

P — You are very obstinate! What makes you think that ‘having a viewpoint’ means ‘being limited’ or especially ‘subjective’? When you travel abroad and you follow the sign ‘belvedere’, ‘panorama’, ‘Bella vista’, when you finally reach the breath-taking site, in what way is this a proof of your ‘subjective limits’? It’s the thing itself, the valley, the peaks, the roads that offer you this grasp, this handle, this take. The best proof is that two meters lower, you see nothing because of the trees, and two meters higher, nothing because of a parking lot. And yet you have the same limited ‘subjectivity’, and have exactly your very same ‘standpoint’! If you can have many viewpoints on a statue it’s because the statue itself is in three-dimensions and allows you, yes, allows you to turn around it. If something supports many viewpoints, it’s just that it’s highly complex, intricately folded, nicely organized, and beautiful, yes, objectively beautiful.” (Op. Cit.)

No tocante à questão sobre ponto de vista, um aspecto em particular se pronunciou: como estabelecer um olhar para o acompanhamento da prática de intervenção psicológica, que fosse compatível com a TAR e não incorresse no erro de, rapidamente, dispor a psicologia como mantenedora de dicotomias? Para isso, foi preciso despsicologizar a psicologia (Tsallis, Ferreira, Moraes, Arendt, 2005).

Para explicitar melhor esse procedimento, farei uso de um trecho, embora longo, do livro *Políticas da Natureza* (2004). Nele, Latour convoca as ciências sociais, todas as -logias, à renúncia pelas interpretações, em favor da fabricação de versões que complexifiquem os coletivos e que, justamente por serem versões, contêm a possibilidade de serem revistas sempre.

“Afirmar que sob as relações legítimas existem forças invisíveis aos atores que não poderiam ser discernidas senão pelos especialistas das ciências sociais, equivale a utilizar o mesmo mecanismo da Caverna utilizado para a metafísica da natureza: existiriam qualidades primeiras – a sociedade e suas relações de força – que formariam a disposição essencial do mundo social, e qualidades segundas, tão intensamente vividas quanto mentirosas, que cobririam com seu manto tais forças invisíveis que não

A visão da TAR contribui para a psicologia social por se afinar com sua proposta de passar ao largo das dicotomias. No entanto, ela o propõe calcada na prática, no cotidiano, enfim, no baixo mundo.

poderíamos ver sem desanimar. Se é necessário rejeitar as ciências naturais quando estas fazem uso desta dicotomia, é preciso rejeitar mais vigorosamente ainda as ciências sociais quando elas a aplicam ao coletivo concebido como sociedade. Se é preciso, com as ciências naturais, compor progressivamente o mundo comum, guardemo-nos de utilizar a sociedade para explicar o comportamento dos atores. Como a natureza, e pela mesma razão, a sociedade se encontra no fim da experimentação coletiva, não no início, não toda feita, não já lá. ... As ciências sociais, economia, sociologia, antropologia, história, geografia, têm um papel muito mais útil que aquele de definir, no lugar dos atores e frequentemente contra eles, as forças que os manipulam sem o seu conhecimento. Os atores não sabem o que eles fazem, os sociólogos menos ainda. O que manipula os atores é desconhecido de todos, incluídos os pesquisadores em ciências sociais. [...] Nós ignoramos as consequências coletivas de nossas ações. Estamos intrincados pelas relações arriscadas cuja contextualização provisória deve ser objeto de uma constante re-presentação. A última coisa que precisamos, é que componham, em nosso lugar, o mundo a vir. Mas, para investigar sobre o que nos vincula, podemos contar com as ciências sociais oferecendo aos atores versões múltiplas e rapidamente revisadas que nos permitam compreender a experiência coletiva na qual estamos todos envolvidos. Todas as -logias, -grafias, -nomias tornam-se então indispensáveis se elas servem para propor constantemente ao coletivo novas versões do que ele poderia ser, guardado o traço das singularidades. Com as ciências sociais o coletivo pode enfim se retomar. Se tipos muito comuns são capazes de tornar-se sábios exatos e meticulosos graças ao equipamento de seus laboratórios, imagine-se o que cidadãos comuns poderiam se tornar se eles se beneficiassem, para pensar o coletivo do equipamento das ciências sociais” (p. 296/7 grifamos).

Tendo em vista essa convocação, um problema inicial se impõe: no conjunto de trabalhos assinados por Latour, a psicologia tem papel de coadjuvante, sendo não muitas as suas referências (podem ser encontradas referências à psicologia nos seguintes textos de Latour: 1985, p. 8; 1991, pp.5-6; 1998-a; 2002-b). Nestas, por sua vez, o autor lança mão de uma abordagem crítica, como se a psicologia fosse um mero produto da clivagem moderna.

Um bom exemplo pode ser encontrado no texto, “*O moderno culto dos deuses fe(i)tiches*” (2002-b), no qual Latour sustenta que a psicologia operaria de modo simétrico ao da

epistemologia, atuando como uma bomba de sucção dos seres híbridos. Posto que, se no plano objetivo, a epistemologia busca os fatos objetivos a par das nossas crenças, estas passam a ser delegadas a um plano subjetivo de interioridade, domínio da psicologia. A psicologia nada mais faria do que o “serviço sujo”, o trabalho de dar conta do que a epistemologia excluiu criticamente dos nossos seres objetivos (Ferreira, 2000).

Perante esta forma da psicologia atuar, que alternativa poderia ser concebida com relação a esta ferramenta moderna? O antídoto poderia ser buscado em um esforço de *despsicologização* do qual, o melhor exemplo seria o trabalho do etnopsiquiatra Nathan (Latour, 2002-b).

Este esforço estaria baseado na suposição de que a psicologia, bem como outras agências milenares (a religião, o misticismo) não realiza a revelação de um eu oculto a ser purificado, mas o produz artificialmente (Latour, 1998-a). Este seria o resultado de práticas, que se efetivariam por debaixo das dicotomias e buscas de purificação modernas. É nesse sentido que recorrer ao baixo mundo representa uma alternativa ao acordo moderno.

O resultado disso é a renúncia às dimensões “meta”, transcendentais, para se permanecer vinculado ao mundo em sua imanência. Sendo assim, o trabalho reflexivo ganha uma faceta bastante pragmática, pois é recorrendo incessantemente às práticas que se torna possível acompanhar as trajetórias dos actantes. *Despsicologizar* é, pois, abrir mão do processo moderno de purificação e acolher os vínculos operados pelos humanos na sua produção de possíveis eus.

Para entender como o trabalho etnopsiquiátrico de Nathan opera esta intervenção *despsicologizante* é necessário destacar uma série de proposições presentes no seu livro *Nous ne sommes pas seules au monde*, escrito em 2001. Sinteticamente poderia ser dito

que ele discute a relação entre a *coisa* e o *objeto* e como são estes os elementos em jogo no processo terapêutico.

Antes de passar às proposições, cabe ressaltar que, segundo a definição de *objeto* dada por Nathan, este é o elemento do mundo sensível, feito de matéria e cuja existência não deve nada à percepção ou à imaginação de qualquer sujeito. A *coisa*, por sua vez, é aquele ser que captura quem se aproxima dos produtos de uma fabricação. Trata-se de um sistema extremamente fluido onde a idéia de *criador* e *criatura* se misturam, circulando ininterruptamente da construção à vivacidade, possibilitando ao autor concluir que “*As coisas têm uma alma ou ao menos uma intencionalidade.*” (Nathan, T., 2001, p.12).

Seguindo esse rumo, passemos às proposições do autor.

A primeira proposição [1] é conceber a psicoterapia como manejo técnico da influência, [2] além de ser um campo de pesquisa, na busca da “*revelação de um sujeito recalcitrante*”. [3] Como motor principal dessa influência está o pensamento do terapeuta. Disso derivam dois corolários: o dispositivo terapêutico é o lugar de produção e reprodução do pensamento filosófico abstrato e os atos e procedimentos do terapeuta são a forma de colocar em cena a teoria encarnada. Portanto, [4] a técnica terapêutica é um campo de experimentação natural, que tem como corolários a necessidade imperativa de considerar tudo e, por conseguinte, interditar uma leitura etnocêntrica. Isso significa conceber a prática terapêutica em sua complexidade, não linearidade, em sua malha de relações: [5] a psicoterapia é um caso particular de um conjunto de práticas destinadas a modificar as pessoas através de um procedimento técnico.

Sendo assim, [6] toda terapia é ação da matéria sobre o ser. “*As psicoterapias se definem, por consequência, pelos objetos que elas não utilizam e pela referência à esses mesmos objetos ausentes, é que elas constroem a verdade.*” (Nathan, T., 2001, p.

121). Assim, [7] a psicoterapia constrói a verdade em referência aos objetos; [8] portanto, a principal função do objeto é demonstrar o pensamento teórico dos terapeutas. A proposição [9] se refere à mudança no processo terapêutico e como ela opera ao longo da linha de um devir; deste modo [10] o trabalho de terapia consiste em se aprofundar no conhecimento da coisa em sua relação com os objetos. Sendo assim, [11] nos dispositivos terapêuticos os objetos têm a principal função de permitir que a teoria especulativa se desenvolva. Dessa forma, [12] o objeto oferece uma dupla garantia: ele obriga o terapeuta a apostar na inteligência do paciente, assim como ele permite ao paciente situar com precisão a teoria de seu terapeuta. Como últimas proposições estão que [13] a cada momento o terapeuta “*joga*” a totalidade do devir metamorfoseado que ele propõe; [14] e que a consulta etnopsiquiátrica precisa instituir o “*Parlamento das coisas*”, ao que Nathan acrescenta o “*Parlamento dos Deuses*” (p. 147).

Não podemos esquecer que o contexto no qual ele trabalha é o do universo de imigrantes da cidade de Paris. Assim sendo, a diversidade de versões trazidas pelos pacientes e a possibilidade de acolhida por parte de uma instituição francesa significam parcela significativa da relação terapêutica. É a partir desse contexto que emergem essas proposições e a própria discussão sobre a importância dos objetos. Afinal, os objetos funcionam como os *intermediários* possíveis no estabelecimento dessa relação, desse vínculo. O termo *intermediário* remete à passagem, a possibilidade de fabricação, considerando tanto suas perdas quanto seus ganhos. Para Nathan (2001) a eficácia da psicologia não está em revelar os mecanismos da subjetividade, mas em fabricá-los a cada instante.

Assim, *despsicologizar* não seria abandonar de um todo a psicologia tal qual a concebemos e sim pensá-la em suas possibilidades de fabricação de “eus” e de aliança com os não-humanos. Já que renunciar à psicologia construída até então seria

Parlamento das coisas se refere aos não-humanos que habitam e produzem efeitos no mundo.

percorrer os caminhos da denúncia crítica. Portanto, *despsicologizar* aqui, é pensar uma psicologia que faz-fazer uma singularidade que acontece na dimensão dos vínculos, vínculos estes que incluem também não-humanos. Dessa forma, as dicotomias estariam dando lugar a um tecido inteiriço, uma rede plena de vínculos, que faz emergir os actantes em suas trajetórias inusitadas.

Finalmente, cabe falar da lógica de análise do campo de um modo geral. Ela não poderá operar a partir da denúncia crítica, isto é, através da busca pelas instâncias purificadas Latour (2005-a, 1998-b, 1998-b, 1993-a e 1993-b). Pelo contrário, ela será o caminhar pelo *Império do Centro* (Serres 1994), seguindo pelos elementos do meio, da passagem. Dessa forma, assumo, sem a ameaça de isolar os elementos a um dos extremos (natureza ou cultura), a mistura com a qual habitamos o mundo. Esse mundo recheado de objetos, sujeitos, histórias, esse mundo dos *zatoreselesmesmos* (Latour, 2002-b) cada um falando em sua língua, seja ela qual for. Esse mundo pleno de singularidade, aquilo que muitas vezes resumimos a sujeitos ou objetos. Quem sabe, no momento em que o mapa esteja constituído, seja possível não se preocupar com a legenda e sim olhar para o desenho ali apresentado.

3 - HUMANOS E NÃO-HUMANOS EM AÇÃO

É fundamental destacar que foi a partir do que vivi no campo, o qual descrevo a seguir, que cheguei à noção de recalcitrância. Embora este seja um conceito presente na obra de Latour (2004, 2002-d) - que bem poderia ter surgido como um fomentador de questionamentos prévios à minha incursão no campo – ponho em relevo mais uma vez que foi a partir das experiências junto aos grupos acompanhados (mulheres e palhaços) que essa noção fez sentido aqui.

Na verdade, quando iniciei o trabalho de campo a única coisa que estava clara era a seguinte pergunta: O que seria possível pensar ao se abordar, simultaneamente, tanto a prática de intervenção dos psicólogos quanto a dos palhaços, através dos instrumentos fornecidos pela TAR? Na verdade, eu não sabia exatamente o que deveria olhar. Entretanto, desde o primeiro encontro, Clara, do grupo de mulheres, me saltou aos olhos, assim como, no grupo de palhaços, os picadeiros do Pela Saco, Tolete e Garboso Infante se destacaram sem que eu ainda soubesse exatamente como poderia trabalhá-los.

Porém, sendo mais precisa, foi depois do picadeiro de Tolete, que aconteceu em novembro de 2003, isto é, ao final do trabalho de campo, que a recalcitrância se insinuou como uma chave para pensar a prática tanto do grupo de palhaços quanto do grupo de mulheres. Nesse sentido, a aliança com a TAR me possibilitou olhar para o momento em que essas práticas se deixavam ver em estado de construção. Foi através desses momentos efêmeros que pude bisbilhotar rapidamente as caixas pretas.

“A expressão caixa preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar é desenhada uma caixinha preta, a respeito

da qual não é preciso saber nada, senão o que nela entra e o que dela sai” (Latour, 2000-a, p.14).

Porém, as caixas pretas com as quais trabalhei, seja a do modo de intervenção dos psicólogos ou a da instalação do “*coração do palhaço*” (para usar uma expressão nativa), se abrem diante da recalcitrância, revelando a face de Jano que corresponde a da ciência em construção, isto é, o momento em a caixa preta ainda não se fechou.

Assim, abro aqui momentos em que a recalcitrância se fez nítida, ao menos para mim. Vale dizer que este modo de apresentar os acontecimentos foi fabricado *a posteriori*, já em meu laboratório, isto é, no presente texto.

Tendo em vista que o que está em jogo, de fato, é a construção de um mapa, tentei explicitar meus passos intitulado cada uma das sessões do grupo de mulheres. Contudo, decidi apresentar a experiência de campo privilegiando a escrita simultânea sobre ambos os grupos. Tomei essa decisão pautada no fato de que a observação dos grupos foi realizada, efetivamente, em paralelo. Assim, achei que seria interessante manter essa relação também aqui, no momento da escrita.

Dessa forma, para manter a simetria desse ponto, descrevê-los simultaneamente, precisei ser assimétrica em outro aspecto. Sim, não seria possível falar, seguindo uma ordenação cronológica de ambos grupos, sem perder as linhas de relação que tracei e que permitiram pensar a recalcitrância, essa instância em que o singular deixa seu traço indelével, permitindo um retrato ainda que rápido dos vínculos acontecendo.

Assim sendo, tomando este como o lugar onde é viável fazer testes de torção nos elementos com os quais trabalhei, foi preciso fazer uma escolha, assumir um ponto de vista. Sem dúvida, isso é gerador de perdas, mas também é revelador da lógica que fabriquei para dar inteligibilidade àquilo que vivi no campo.



A imagem da esquerda é a ciência pronta, a da direita é a ciência em ação. Imagem retirada do livro *Ciência em Ação*. (Latour, 2000-a)

Portanto, o que apresento a seguir é uma versão, cujo ponto fraco é ser limitada, mas cujo ponto forte é poder ser substituída total ou parcialmente por outra. A generosidade dos acontecimentos reside justamente aí: nessa imensa gama de possíveis.

Desta feita, o ponto de vista aqui apresentado foi o seguinte: mantive a cronologia do grupo de mulheres e fui incluindo o grupo de palhaços sempre que de alguma maneira ele tenha se articulado com o de mulheres. Espero, ainda assim, que ao final tenha conseguido, minimamente, explicitar os modos de funcionamento de um e de outro.

A escolha por manter a cronologia no grupo de mulheres ao invés de mantê-la no de palhaços, teve alguns motivos: (1) o grupo de mulheres transcorreu durante alguns meses, o que fez com que o fator tempo tivesse um lugar interessante, isto é, o modo como as coisas foram se engendrando até o último encontro não ficaria claro, caso eu os fracionasse arbitrariamente. Por outro lado, o grupo de palhaços aconteceu de maneira intensiva, durante uma semana, assim o tempo não foi algo que eu pudesse seguir.(2) O grupo de palhaços trabalhava com momentos estanques (jogos, picadeiro), enquanto o de mulheres não tinha uma maneira pré-definida de funcionamento, isso fez com que fosse difícil retalhar os acontecimentos.

Sendo assim, a divisão foi simétrica em um nível e assimétrica em outro, mas espero que ao revelar meu ponto de vista tenha podido dar conta, mesmo que inicialmente, do que foi realizado aqui. Dessa forma, o que fez com que eu pudesse transitar de um grupo ao outro foi a continuidade temática que destaquei em cada tópico.

Vale ressaltar que o fato de ter nomeado cada sessão com um tema que considere relevante na ocasião não quer dizer que esse mesmo assunto não tenha sido tocado em outros encontros

também. Por fim, é empenhada em tentar revelar ao máximo as situações que me fizeram chegar ao mapa aqui construído, que passo à descrição dos grupos.

O grupo de mulheres que acompanhei foi o quinto grupo realizado pelo NOOS. Esse trabalho começou em 2000, com um grupo de homens que teve sua origem em um vínculo com os juizados encarregados de casos de violência intrafamiliar. Ele funcionava como uma pena alternativa dada pelo juiz ao agressor. Isto é, ele era obrigado a participar do grupo enquanto ao NOOS cabia enviar um relatório sobre a frequência dessa pessoa. O acordo incluía que nada do que era ali discutido poderia ser utilizado nos processos.

Portanto, o grupo de mulheres surgiu a partir desse trabalho com os homens agressores e tinha como finalidade acompanhar as parceiras destes. Contudo, atualmente os grupos são compostos não apenas por essas parceiras, mas também por pessoas que souberam da existência desse trabalho através do jornal ou de outros órgãos de atendimento à mulher.

Ainda em se tratando do grupo de mulheres, vale dizer que o fato de ter acompanhado um grupo de palhaços cuja prática não tinha intenção terapêutica me fez perceber muitas nuances dessa prática psicológica. É isso que pretendo descrever nos capítulos-sessões que se seguem.

Antes de passarmos à eles cabe falar sobre o grupo de palhaços, que é uma oficina chamada “*A nobre arte do palhaço*”. Esta, por sua vez, é ministrada por Márcio Libar na figura do *Messiê* (o nome faz uma alusão a *Monsieur*). Ela é uma das várias oficinas realizadas pelo Teatro de Anônimo (Anônimo, 2002, s/d), um grupo carioca de palhaços que trabalham na Fundação Progresso, na Lapa (bairro do centro do Rio de Janeiro). Em especial, esta oficina é gerida por um núcleo desse grupo que é coordenado por Márcio Libar e se chama: Mundo ao Contrário.

Messiê é uma personagem de Márcio Libar. A oficina é domínio do *Messiê*, contudo, poderia dizer que o *Messiê* é domínio do Márcio Libar. Portanto, neste texto, falarei de ambos.

A concepção de um mundo ao contrário, nos termos de Márcio Libar, está centrada na idéia do palhaço como aquele que subverte a lógica corriqueira de funcionamento do mundo. O imperativo para esse movimento de subversão é o trabalho com a comicidade e a idéia central do palhaço é perder, ser um perdedor! Enquanto a lógica do mundo é ganhar, superar, a do palhaço é perder e assumir isso. É justamente aí que a idéia do Mundo ao Contrário traz a idéia do palhaço, desse palhaço (material do Teatro de Anônimo s/d).

O objetivo da oficina é instalar o “*coração do palhaço*” em cada um que participa. Para isso o Messiê irá propor jogos e brincadeiras (Escravos de Jó, Vivo – Morto, stock, entre outros) que serão vividos em conjunto pelo grupo. Além disso, acontece o picadeiro, momento no qual cada pessoa irá viver uma situação sozinha no tablado, sendo assistida pelo Messiê e a platéia. A meta do picadeiro é ser contratado pelo Messiê para trabalhar em seu circo. Darei início à descrição de vários elementos da oficina já neste tópico para que seja possível acompanhar os momentos em que eles reaparecerem, de um modo ou de outro, durante os próximos capítulos-sessões.

Em primeiro lugar, cabe fazer uma descrição do Messiê. Ele é velho, tem o queixo projetado para frente e a cabeça pende um pouco para frente também. Ele se apóia em sua bengala enquanto caminha e às vezes erra um degrau, bate em uma quina de parede, justamente por não ter uma visão perfeita.

É claro que essas também são gags de palhaço, mas cabem bem ao Messiê, por ser ele um velho. Quando ele cumprimenta as pessoas pode ter dor nas costas, um elemento crucial nessa figura é que ele é cheio de manias: bate seu anel na bengala e ao cruzar a perna esta lhe escapa do joelho.

O Messiê repete muitas frases a respeito da fragilidade, dos princípios do palhaço. “*O Messiê não tem moral, mas tem uma*

MUNDO projeto
mundo ao
contrário

“O mundo cômico é o mundo ao contrário, pelo avesso. E o palhaço, principal arquétipo do universo cômico, tem como missão instaurar este mundo ao revés...”
(Teatro de Anônimo, s/d)

Messiê: “*Durante o picadeiro vocês deixarão de ser uma platéia comum, vocês serão a platéia do povo de Paris. Uma platéia exigente, porém generosa. Por isso a célebre frase do Filósofo Francês Pierre Cardin: Dar não dói o que dói é resistir.*”

ética profunda”. Ele fala repetidamente das perdas. É com essas frases que vai criando uma atmosfera do que é perder e de como isso é fundamental na vida do palhaço. *“Brincar é brincar, quando tenta acertar está se criticando, não está se divertindo. Pensou, fodeu.”* Outra frase possível é: *“No trailer do filme Senhor dos Anéis o final é uma frase: é impossível o triunfo sem a perda”*.

Vale mencionar que ele é bastante ranzinza, rabugento. Na verdade, ele é um falso mal-humorado, uma vez que seu coração é de manteiga e que ele se comove facilmente diante da fragilidade, da espontaneidade do outro. Eu diria que ele cria, talvez, uma aparência de durão para camuflar sua própria fragilidade e acaba assim, propositadamente, revelando-a.

Quanto à origem do Messiê ele próprio a contou durante uma das oficinas: *“O Messiê faz parte de uma nobre linhagem de Messiês. O Messiê tem mais ou menos 420 anos, mora em uma casa velha, cheia de coisas velhas, bebe muito vinho, até que um dia bate na porta um idiota querendo saber os segredos da arte de ser palhaço...o Messiê bate a porta na cara dele. Depois de duas horas o Messiê abre a porta e volta a mandá-lo embora. Chega a noite e o paspalho continua lá, só depois disso o Messiê o recebe. O Messiê habita originalmente na Idade Média, então ele diz ao paspalho: Você quer ser palhaço? Coloque uma cadeira na praça e peça para alguém puxá-la e caia no chão. O paspalho vai e ninguém ri”*.

Messiê: ‘Por que será?’

Isso aconteceu centenas de vezes até que um dia o idiota assume seu fracasso. Nesse dia todos riram.

Messiê: ‘Riram porque te viram!’

No dia seguinte o idiota volta à praça vaidoso e faz o mesmo, ninguém ri.

Messiê: ‘Isso é para vocês terem a dimensão que uma arte clássica, iniciática, é para quem esteja revelado em sua

fragilidade, ninguém que tente superar isso consegue fazer o outro rir.'

É comum no início das oficinas as pessoas negarem uma relação de respeito bastante hierárquica que é exigida pelo Messiê. Porém, a partir do momento em que ele propõe os jogos e as pessoas vão se confrontando com seus erros e/ou começam a se divertir, essa relação assume a característica do respeito, tipicamente devotada àqueles que sabem muito sobre um determinado assunto.

Quando o paspalho ou paspalha - assim são denominados aqueles que participam da oficina – comete um erro durante uma brincadeira, ele é torturado. A tortura consiste em ficar junto ao Messiê com o tronco inclinado para frente e o braço dobrado sobre as costas e sendo segurado por ele. Nessa posição, o paspalho deve olhar para o restante do grupo enquanto o Messiê lhe dobra o dedo e diz: “*finger*”. A platéia deve repetir o que o Messiê diz. Depois, Messiê torce o braço do paspalho e diz: “*torcer*”. A seguir se ouve o eco do grupo: “*torcer*”. Logo em seguida Messiê lhe solta o braço e belisca suas costas enquanto diz: “*Acupuntura, em francês Acupuntiur*” (simulando um sotaque francês). Novamente o eco. Para finalizar, Messiê despenteia completamente o paspalho enquanto recita longamente: “*shampooooooooooo*”. Somente depois disso o paspalho deve novamente erguer o tronco e “*olhe para os coleguinhas e veja o que eles estão te dando.*”. Nesse momento, é exigido que o paspalho olhe lentamente para todos, somente depois pode retornar ao grupo. Todas essas etapas são feitas de brincadeira, sem nenhuma dor de fato, porém o momento em que o paspalho deve olhar para todos, esse sim não é feito sem constrangimento.

Não raro, algumas pessoas tentam enfrentar - seja com o olhar, seja falando alguma coisa em tom de recusa - o Messiê. Ele,

em geral, faz pouco caso desse ato. Porém, poderia dizer que, na maior parte das vezes, tanto a pessoa quanto a platéia se divertem.

A brincadeira do início de todos os dias de oficina é a dos Escravos de Jó. Nela, as pessoas se colocam em roda e devem dar pulinhos para a direita enquanto cantam a música e também seguem os passos determinados nela. Quando as pessoas erram Márcio diz: *“Observem que cada impulso de vocês é uma pequena história com início, meio e fim.”*

Essa brincadeira começa com a presença de Márcio na roda. No meio da atividade ele sai para colocar seu figurino de Messiê. O figurino consiste basicamente em um paletó preto meio fraque e um chapéu de veludo vinho sem o topo, cujo buraco serve para saírem os cabelos de Márcio. Além disso, como não podia deixar de ser, a bengala – seu apetrecho fundamental – compõe o figurino.

Um aspecto importante é o fato do Messiê ser uma personagem de Márcio. Isso significa que algumas distinções são feitas em função disso, por exemplo: todos os dias quando o encontro da oficina termina e o Messiê se despede indo para trás do pano, Márcio volta com sua roupa normal e pergunta em tom jocoso: *“como foi a oficina hoje, coleguinhas?”*. Outro exemplo é que a conversa que sucede depois disso acontece com o Márcio e não com o Messiê. Quando perguntei sobre esse ponto, Márcio me respondeu dizendo: *“as pessoas projetam muita coisa no Messiê, eu prefiro não ficar com isso. Além disso, o Messiê é uma entidade, não é uma pessoa de verdade, ele só funciona durante a oficina.”*

Dessa forma, o Messiê, embora muito humano, talvez devesse ser pensado como um híbrido de humano (Márcio) e não-humano (Márcio + bengala), uma vez que ele é um dispositivo de ação que funciona somente para oficina. Isso pode parecer confuso à primeira vista, mas no campo fica extremamente claro quem é o Márcio e quem é o Messiê. Assim, durante o presente texto também lançarei mão dessa distinção para situar um e outro.

Escravos de Jó
joagavam caxangá.
Tira bota, deixa o Zé
Pereira ficar.
Guerreiros com
guerreiros fazem
zigue zigue zá.
Guerreiros com
guerreiros fazem
zigue zigue zá.

Messiê: *“Há um instante em que todo seu corpo decide ir e você desiste, é desses instantes que o palhaço se alimenta, dessas engolidas que tem uma história.”*



Entre as outras brincadeiras que são propostas, agora já pelo *Messiê*, estão “*Vivo e Morto*”. Essa brincadeira é conduzida pela bengala, quando ela passa por cima das pessoas, todos devem se abaixar (morto), quando ela passa por baixo todos devem permanecer de pé (vivo). É claro que a bengala nem sempre está em posição para ser vista por todos, o que torna o erro inevitável. Quando os paspalhos erram devem cair “mortos” no chão enquanto são aplaudidos pelos outros. Uma pergunta que se coloca é: não seria o próprio *Messiê*, ao invés da bengala, o condutor? Eu diria que não, pois um fator determinante é que a bengala passa perto das pessoas, o que gera o medo de ser atingido por ela.

O picadeiro sempre começa da mesma maneira para todos. O paspalho entra quando a música começa a tocar e se posiciona no centro do tablado. O *Messiê* lhe pergunta: “*o que o senhor(a) veio fazer aqui?*” Cujas resposta deve ser: “*vim ser contratado(a) pelo Messiê.*”. E o *Messiê* continua: “*o que o senhor(a) sabe fazer?*” ao que o paspalho responde e o *Messiê* finaliza: “*Então faça!*”. A partir daí o paspalho deve começar a fazer o que disse e desse ponto em diante o picadeiro de cada um assume uma forma peculiar que está relacionada àquela pessoa.

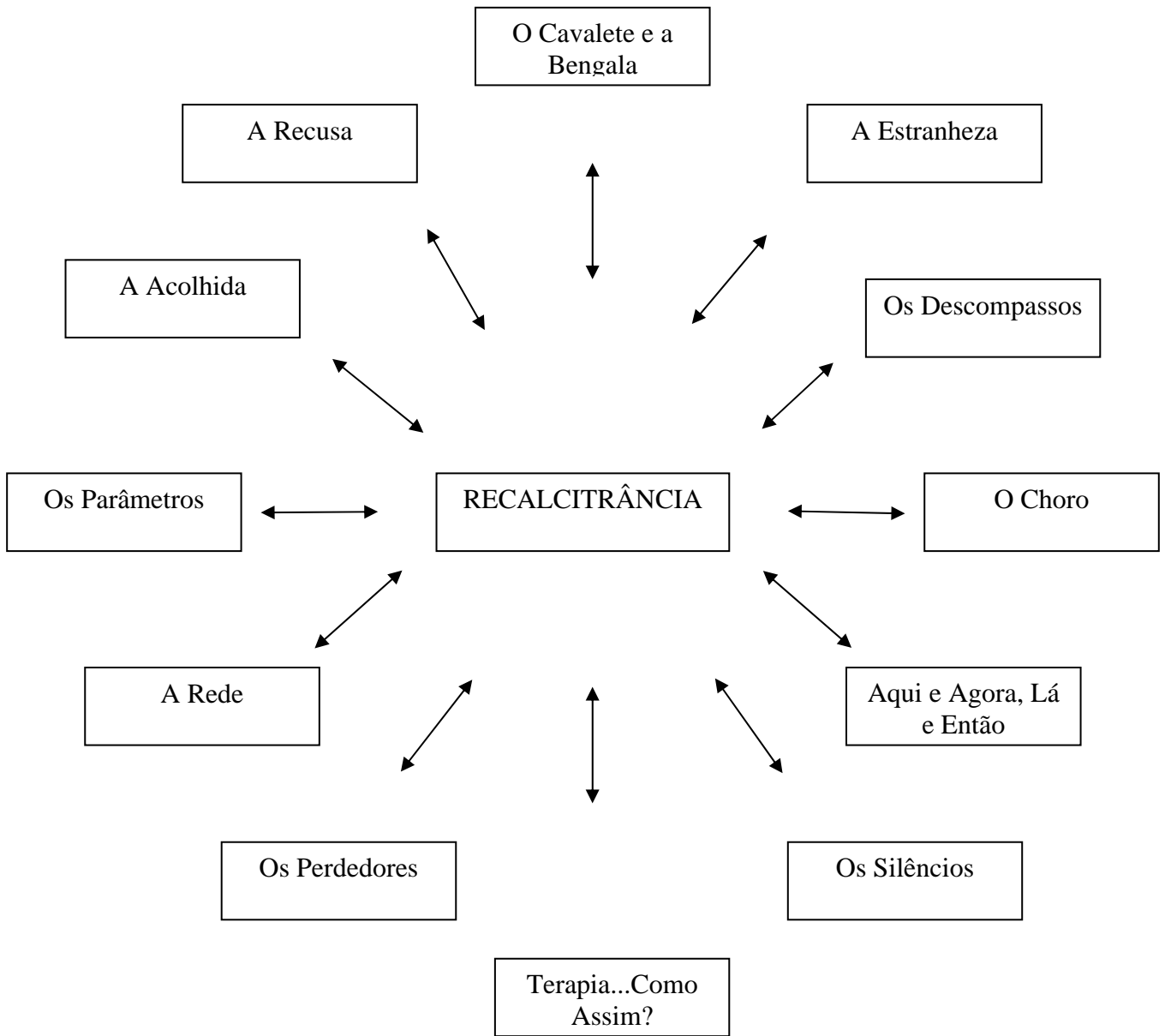
Finalmente, devo fazer uma ressalva: em alguns momentos das sessões do grupo de mulheres e da oficina de palhaços suprimi parte da descrição. Isso foi feito toda vez que considerei que ela não representaria uma perda significativa fosse para o entendimento fosse para estabelecer as linhas de relação que me conduziram à recalcitrância. Ainda assim, alguma perda foi inevitável.

Sendo assim, a seguir descrevo o campo através das facetas que construí em meu laboratório para tentar explicitar como elaborei um ponto de vista acerca da recalcitrância, como ela se fabricou nesses grupos e que efeitos ela produziu.

Messiê: “Messiê é o dono do circo. Cabe a vocês serem ou não contratados pelo Messiê.”

“Desse modo, o cientista, na qualidade de autor, dirige-se não a leitores, mas a outros autores, procura não criar uma verdade terminante e sim criar uma diferença no trabalho de seus ‘autores-leitores.’” (Stengers. 2002, p. 116)

Diagrama com os capítulos-sessões do campo



3.1 - O CAVALETE e a BENGALA

Pode parecer o título de um conto infantil, mas serão esses não-humanos que irão nos conduzir rumo à cenarização do campo com o qual trabalhei. Por que eles dois e não outros actantes? Um primeiro motivo eu chamaria de assiduidade, isto é, eles estiveram presentes em todos os encontros dos quais participei. O segundo motivo eu intitularia relevância. Eles assumiram, em diversos momentos, um papel central no desenrolar dos encontros.

Vale esclarecer que, cronologicamente, primeiro percebi a centralidade da bengala do Messiê para a oficina de palhaços. A partir daí, comecei a pensar que era preciso fazer prevalecer a simetria e portanto restava a pergunta: quem seria o actante equivalente no grupo de mulheres?

Foi assim que o cavalete assumiu seu posto. Ele estava ali era o guardião do contrato de convivência (*"o que é fundamental para que o grupo conviva"*), dos temas que seriam trabalhados nos encontros com as mulheres (levantamento temático). Já por seu lado, a bengala jogava as brincadeiras, expressava o Messiê em suas intenções, impaciências, enfim, fazia a oficina labutar.

Talvez seja estranha a escolha desses actantes não-humanos em detrimento de humanos, igualmente, presentes no campo ao qual me dediquei no ano de 2003. Mas, devo confessar que o fator assiduidade pesou a seu favor. Além disso, neste texto, na verdade um laboratório em busca de uma possibilidade para uma prática da psicologia ser pensada à luz da TAR, eu queria trabalhar com algum actante que me ajudasse a dar largada para a composição da cenarização desses coletivos.

Em todos os encontros do grupo de mulheres, a primeira atitude tomada pelas facilitadoras antes de iniciar o trabalho era abrir o cavalete. Além disso, em diversos momentos ele era consultado tanto para avaliar em que ponto do trabalho o grupo



Contrato de convivência:
Respeito;
Cuidado; Atenção (rede); Não julgamento;
Liberdade com o desconforto;
Comprometimento consigo mesma, com o grupo e com o trabalho;
Frequência;
Pontualidade;
Sigilo; Humor (uma forma carinhosa de lidar com o outro)

Levantamento temático:
Educação dos filhos,
Violência Intrafamiliar,
Gênero (relacionamento),
Rede Social,
Maternidade/Paternidade, Novas relações homem/mulher,
Auto-estima, Amor,
Dependência Química,
Sexualidade / Sexo,
Trabalho e Lazer.

estava, quanto para fazer referência ao contrato de convivência, ainda que neste último caso a referência fosse mais sutil.

O cavalete tinha uma maneira menos evidente de interferir, mas ele era a garantia de um ritmo de trabalho, de uma meta a ser atingida. Talvez sua presença silenciosa, mas imprescindível, fosse o indicador de que embora os encontros não tivessem uma estrutura pré-definida, salvo pela questão de que as mulheres estavam ali para falar e as facilitadoras para ouvir, o trabalho tinha uma finalidade: abordar item por item do levantamento temático. Assim, o cavalete fazia lembrar o compromisso de cuidar/tratar, de tratar da violência.

A bengala era segurada por alguém para que o Messiê pudesse torturar o paspalho que errasse algo na brincadeira. Aquele que segurasse a bengala do Messiê deveria sentir-se honrado. Além disso, a bengala servia para designar quem iria ao picadeiro e ela batia no tablado ratificando o apelido dado e a contratação do paspalho. Ela mostrava toda a impaciência do Messiê, além de revelar um gesto de velhinho. Tudo com a bengala era estudado. A bengala faz-falar um Messiê que espera mais do paspalho.

Bem, uma vez destacados esses não-humanos, cabe revelar minha posição nesse cenário. No grupo de palhaços eu era apresentada em primeiro lugar como paspalha. Sim, eu conheci essa oficina em primeira mão participando dela. Portanto, eu já havia vivido pelo menos algo similar ao que aquelas pessoas que ali estavam pela primeira vez iriam viver, uma vez que o arranjo da oficina não sofre grandes mudanças de um grupo para outro. Assim, eu já conhecia, em linhas gerais, a seqüência dos acontecimentos.

Devo confessar que por se tratar de um trabalho que com muita frequência comove, eu mesma, ao ver a entrada do Messiê, com sua música característica, ficava contente. Outro ponto sobre minha inserção era como eu era apresentada: Márcio Libar me

Todos os participantes da pesquisa recebiam um apelido pelo qual seriam conhecidos ali.

apresentava como psicóloga e esclarecia que minha presença ali se destinava a observar a oficina, pois ela fazia parte de minha pesquisa de doutorado. Sempre fazia questão de destacar que eu já havia feito a oficina, portanto havia passado por tudo que eles iriam passar.

Um outro humano presente na oficina, além dos integrantes paspalhos, era o ajudante do Messiê. Ele ficava encarregado de colocar as músicas da oficina, organizar qualquer coisa que fosse necessária. Ele se sentava em um canto, ao lado do som. Eu, geralmente, me sentava ao lado dele. Um ponto importante é que toda vez que o Messiê entrava tanto o ajudante quanto eu nos levantávamos para cumprimentá-lo. Em primeiro lugar, Messiê se curvava em direção ao seu ajudante e em seguida na minha direção.

A oficina acontecia em uma imensa sala que se assemelhava a um galpão, com um pé direito alto, com canos aparentes e cordas penduradas do teto (as cordas serviam nas oficinas de acrobacia que também aconteciam ali). Havia portões de ferro enormes, era um espaço amplo que continha um tablado quadrado de madeira no centro, cuja altura em relação ao chão era mínima. Além disso, havia uma arquibancada com três níveis e cadeiras de plástico voltadas para esse tablado. No lugar que corresponderia ao fundo do tablado, em relação às cadeiras, havia uma lona pendurada, que, por sua vez, criava um espaço atrás onde era possível se vestir, etc.

Já no grupo de mulheres eu fazia parte da equipe reflexiva, essa era a condição para acompanhar os encontros desse grupo. Para que eu pudesse fazer parte dessa equipe reflexiva, fui avisada de que deveria ler a segunda parte do livro *Processos Reflexivos* (1991) e com isso já poderia estar no grupo que acontecia todas as segundas-feiras.

Poderia dizer, em linhas gerais, que o livro em questão trata da mudança de paradigma sistêmico, isto é, a passagem de uma cibernética de primeira ordem para a de segunda ordem. Essa

Ficou claro que o fato de eu ser psicóloga ajudou para que eu recebesse autorização de participar.

poderia ser considerada a diretriz básica da linha seguida pelo NOOS, qual seja, a abordagem sistêmica.

“A concepção sistêmica vê o mundo em termos de relações de integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores. Em vez de se concentrar nos elementos ou substâncias básicas, a abordagem sistêmica enfatiza princípios básicos de organização” (Capra, 1998, p.260).

Cibernética de primeira ordem	Cibernética de segunda ordem
O “dado” (p.ex. uma doença) é visto como algo em si próprio	O “dado” (p. ex. uma doença) é visto como parte de e relacionado a um contexto mutável.
Um profissional trabalha com (trata de) o “dado” (p. ex. uma doença).	Um profissional trabalha com a compreensão que a pessoa tem do “dado” (p. ex. uma doença).
Uma pessoa descobre o “dado” (p. ex. uma doença) como ele é. O dado tem somente uma versão.	Uma pessoa cria uma compreensão do que é o “dado”, que é apenas uma de suas muitas possíveis versões.
Uma mudança pessoal pode vir de fora, portanto é previsível.	Uma mudança pessoal evolui espontaneamente de dentro e a pessoa nunca pode saber qual será, como será ou quando acontecerá.

Quadro retirado do livro *Processos Reflexivos* de Andersen, 1991, p.97.

Àquela altura, o grupo já tinha tido quatro encontros além do de apresentação (ver Outros Mapas, sessão números 00; 01; 02; 03; 04), mas continuava aberto para novos integrantes, o que não impedia minha entrada. Todo o contato inicial foi feito através de Gil (um dos coordenadores do NOOS). Até então eu não conhecia as facilitadoras, nem tampouco os outros membros da equipe reflexiva.

Na minha conversa com Gil, coloquei meu interesse em acompanhar o desenrolar dos processos de intervenção na prática clínica. Para isso estaria acompanhando um grupo de intervenção psicológica e, como contraponto, um grupo não-psicológico, no

Os encontros normalmente seguiam a seguinte seqüência: uma pré-sessão, onde se decidia o que seria feito naquele encontro (das 17:30hs às 18:00hs), a sessão (das 18:00hs às 19:15hs), a fala da equipe reflexiva (das 19:15hs às 19:30hs) e a pós-sessão (das 19:30hs às 20:00hs).

caso o grupo de palhaços. Como outras vezes, o fato de serem palhaços causou surpresa.

Li o livro e na segunda estava lá. Cheguei mais cedo e encontrei com Júlia (uma das facilitadoras), ela deve ter algo em torno dos 25 anos. Ela estava aguardando alguém para fazer uma entrevista de entrada no grupo, a pessoa não compareceu e pudemos ficar conversando. Naquele momento, o que mais me chamava a atenção era a tranqüilidade com que ela me recebeu. Não parecia se sentir ameaçada com a minha presença; pelo contrário, me tratava como colega, como psicóloga. Ela praticamente não me fez perguntas sobre a pesquisa e logo começou a me falar do grupo, contar um pouco de cada integrante. *“Neste grupo há uma peculiaridade, pessoas de uma classe social mais alta, até uma bióloga”*.

Um tempo depois chegou Elza (a outra facilitadora), ela deve ter mais ou menos 40 anos e mais uma vez me recebeu com muita tranqüilidade. Eu falei da leitura do livro, Elza perguntou o que eu tinha achado. Eu respondi de forma geral: *“Gostei, interessante, alguns dos autores que ele cita são autores com os quais trabalho também na Universidade”*. A conversa parecia muito informal. Assim, se a minha chegada causou algum desconforto, ele foi imperceptível para mim.

Logo após, entrou a Cecília (membro da equipe reflexiva), era com ela que eu iria compor a equipe reflexiva. Eu já a conhecia de outro lugar. Ela foi a única pessoa que pareceu menos à vontade, ela terminou seu mestrado no Eicos (Programa de Pós-Graduação pertencente à Psicologia da UFRJ). No momento, pensei que talvez ela imaginasse que estar sendo alvo de uma pesquisa tinha algumas implicações a mais. De qualquer modo, era uma hipótese.

Fomos para a sala onde iria se realizar o trabalho. Os grupos aconteciam no Instituto NOOS, que fica em Botafogo, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro. A sala era literalmente fabricada para

O grupo de mulheres era composto por duas facilitadoras, a equipe reflexiva (duas pessoas) e as participantes (mulheres em situação de violência intra-familiar.)

Todos os nomes utilizados durante a descrição são fictícios.

abrigar os encontros de grupo. Ela era um hall central da casa que, por intermédio de divisórias e portas se transformava em uma sala quadrada, onde duas laterais eram portas que permaneciam fechadas durante o encontro e as outras duas eram paredes. Em uma das paredes, havia um grande quadro de formas abstratas e cores suaves e na outra, havia um quadro de pilot, um móvel com uma televisão e um vídeo, bem como o cavalete. As facilitadoras e as mulheres participantes se sentavam em cadeiras de plástico branco, que estavam empilhadas em um canto da sala e que eram arrumadas em círculo no centro. Já a equipe reflexiva se sentava fora da composição do círculo, em uma esquina da sala.

Sentamos Julia, Elza, Cecília e eu quando elas começaram a conversar sobre o que podiam fazer no encontro daquele dia. O encontro anterior havia sido “*pesado*”, “*finalmente se falou de violência.*” (ver Outros Mapas sessão número 04) Elza disse: “*Talvez hoje pudéssemos conversar mais sobre como elas ficaram depois do encontro anterior...*” As duas concordaram e eu praticamente não disse nada, apenas assenti com o olhar.

Enfim, tendo em vista a descrição dos respectivos não-humanos e minhas chegadas em cada grupo, a seguir, descrevo as sessões e momentos da oficina.

3.2 - A ESTRANHEZA

No grupo de palhaços foi difícil instalar o estado de estranheza necessário para o trabalho de campo. Pude perceber isso pelo modo como meu diário de campo, durante o início da observação, foi pouco detalhado. Como se, de algum modo, eu não precisasse escrever sobre os grupo que estava observando, uma vez que já havia tido a experiência de fazer a oficina.

Contudo um ponto havia me chamado a atenção: tinha achado o Messiê mais suave e não resisti em colocar em questão essa impressão dirigindo a pergunta ao Márcio. Nesse momento, todas as pessoas já tinham ido embora e estávamos sentados Márcio, Marília (assistente de produção de Márcio, ela estava observando a oficina para anotar quais eram as brincadeiras feitas) Reynaldo (assistente do Messiê durante a oficina) e eu. A resposta dada por Márcio foi: *“Vou te dar uma resposta intelectual: mas o Messiê dá o que recebe. Por um lado a turma não confrontou diretamente. Afinal ele quer instalar um estado, desfazer percepções. Revelar mundos.”* Daí em diante, toda a conversa girou em torno das impressões sobre as pessoas da oficina. Marília falava com frequência: *“Nossa! Que grupo cabeça!”* e na medida em que Márcio escutava esse comentário e os de Reynaldo, dizia: *“só amanhã vai dar para fechar quem vai ser difícil.”*

Contudo, percebi que a questão da suavidade tinha ficado muito marcada para mim, por oposição à dureza que eu havia percebido no Messiê quando eu fiz a oficina. Naquela ocasião, me perguntava se não seria possível, ao invés de Márcio trabalhar com a dureza na figura do Messiê, colocar em cena a suavidade.

Agora, percebo que, nesse momento, eu estava me deparando com minha mudança de lugar. Isto é, eu estava estranhando olhar para o Messiê sem estar submetida às suas regras e como pesquisadora. Isso fazia toda a diferença, já que a oficina

“Ainda não sei o que olhar nesse trabalho. Como se instala a confiança? Os movimentos da bengala? (Trecho do diário de campo)”

faz sentido no momento em que um contrato tácito é aceito: quem manda ali é o Messiê. Este acordo passa a ser confirmado a cada vez que ele faz a pergunta: “*entenderam seus paspalhos?*”. Ao que a turma responde: “*Sim, Messiê.*”

Dessa forma, a situação a respeito da suavidade acabou me levando a refletir sobre quem manda em cada grupo. Além disso, foi interessante perceber que o que eu perguntava sobre a suavidade se referia, justamente, ao modo como se trabalha em um grupo cuja técnica de intervenção fosse psicológica, como o que acontece no grupo de mulheres, por exemplo. Neste último, são as mulheres que dizem sobre o que será falado.

Assim, retorno aos não-humanos, que deram início a essa cenarização, para “escutá-los” no tocante às posições hierárquicas dos grupos. O cavalete guarda um contrato de convivência e, principalmente, o levantamento temático que tinha sido feito por elas e registrado pelas facilitadoras. O que está em jogo, portanto, é a importância daquilo que elas têm a dizer. Por oposição, na oficina seria impossível pensar que paspalhos tivessem algo importante a dizer, afinal eles são paspalhos. Dessa forma, a bengala age colocando-os em seu devido lugar e mantendo-os quietos. Ou seja, enquanto o cavalete guarda, com precisão, as falas de quem é importante - as mulheres -, a bengala cala as possíveis falas de quem não é importante: os paspalhos.

Portanto, Julia foi chamar as mulheres para começarem (elas estavam na sala de espera) o primeiro encontro a que eu assistiria. Elas entraram na sala e sentaram. Estavam presentes: Samanta, Mariana e Clara. Karina tinha telefonado, avisando que não viria, pois tinha batido com a cara em um poste na rua. O clima das pessoas ao ouvir isso foi de entreolhares. No momento, imaginei que em se tratando de um



*“Quem sabe fala,
quem tem juízo
obedece.”* (Ditado
popular)

A troca de fonte é
proposital, designa
a troca de grupos.

grupo sobre violência, esse tipo de situação parecia ter outros significados também.

Neste dia, era o aniversário de Clara e a primeira pergunta foi se ela havia comemorado. A resposta foi que "não, hoje tinha palestra." Mais adiante fui entender que ela chamava de palestra aquele encontro. A pergunta seguinte foi: "Que palestra?! Aqui a gente se encontra para conversar". É muito interessante notar como esse tema ressurgiu algumas outras vezes e principalmente o desfecho que teve no final. Ele funciona como um bom exemplo da passagem que era necessário fazer para negociar diferentes mundos. Era preciso traduzir o que estava sendo dito ali para que o encontro recebesse o título que merecia, qual seja: encontro reflexivo. Palestra supõe que ela estaria ali para ouvir, mas pelo contrário, ela estava ali para ser ouvida.

Tanto eu quanto Cecília estávamos sentadas fora do círculo do grupo, já que éramos a Equipe Reflexiva nesse dia. Ela ficou de lado, o que não lhe permitia olhar diretamente para as pessoas, enquanto eu escolhi ficar em diagonal a ela, de modo que pudesse vê-la e também ver o grupo. Já de cara, comecei a ter dúvida se deveria ou não olhar para o grupo, em função das descrições do livro *Processos Reflexivos* (1991). Tinha ficado com a impressão, a partir da leitura, de que eu, praticamente, não deveria "aparecer" para elas. Portanto, minha simples tomada de decisão quanto à posição na sala se transformou em uma dúvida. Contudo, decidi permanecer como estava: olhando para todos. Afinal, era artificial para mim estar ali e não aparecer de algum modo.

Estranhei de cara o modo como aquela situação tinha sido conduzida. Afinal de contas, qual seria a importância de nomear apropriadamente aquilo que acontecia ali?

“Se ele aceita a idéia de tomar parte na equipe reflexiva, informamos, baseados em nossa experiência, que para o(s) cliente(s) ter(em) a oportunidade de ficar em uma posição de escuta, devemos nos concentrar em olhar um nos olhos do outro enquanto expomos nossas reflexões. Se olharmos para o(s) cliente(s), incluindo-o(s) assim analogicamente em nossa conversa, o(s) privamos da possibilidade de permanecer na posição escuta, ou, em outras palavras, de ter a possibilidade de prestar atenção aos assuntos discutidos, mantendo um distanciamento.”
(Andersen, 1991, p.73)

Praticamente todos os grupos se iniciavam com a pergunta sobre como elas estavam. Esse em particular teve, como complemento a essa pergunta, outra interrogação: "*Como ficaram depois do encontro passado?*" Pelo que tinha sabido, no encontro anterior havia-se falado diretamente sobre situações de violência vividas por elas (ver Outros Mapas número 04).

Samanta: "*O encontro passado foi muito estressante.*"

Clara: "*Eu cheguei e só quis dormir.*"

Mariana: "*Quero esquecer o que aconteceu, ir pra frente.*"

Samanta continuou respondendo à pergunta inicial dizendo que o marido havia ido ao grupo de homens e que, apesar de sempre dormir fora, naquela semana, tinha dormido em casa. Além disso, ela teve um encontro com o advogado sobre a denúncia que havia feito contra o marido e ele a orientou sobre o fato de que manter a queixa feita sobre o marido iria, realmente, prejudicá-lo. "*Então, eu resolvi parar.*"

Nesse momento, as facilitadoras fizeram algum comentário entre elas que eu não entendi. Mariana completou Samanta dizendo que seria ótimo que o marido dela frequentasse o grupo de homens, uma vez que seu próprio marido já o tinha feito, recebendo muita ajuda para melhorar.

Depois desse comentário é que as facilitadoras pediram que eu me apresentasse. Eu falei meu nome, que vinha da UERJ, era psicóloga e estava ali para acompanhar o grupo para minha pesquisa de doutorado. Elas pareciam assentir com a cabeça e pouco entender o porquê de tanta explicação. A partir daí se retomou a pergunta sobre como havia sido a semana.

Clara: "*Trabalhei direto. Ontem fui à praia.*"

Até este momento eu ainda não tinha sido apresentada, o que me deixava mais desconfortável ainda para olhá-las.

Facilitadora: "*Então, ontem você descansou.*"

Eu me perguntei: Será esse um parâmetro? Isto é, as pessoas devem trabalhar, mas também descansar? Era interessante perceber como as respostas eram traduzidas em um sentido que apontasse para a pessoa, para um cuidado de si. Traduzir as falas era fundamental para construir a dimensão pertinente àquele trabalho: as pessoas estavam lá para serem cuidadas e aprenderem a se cuidar.

A sensação que eu tinha é que a conversa rodava, rodava e não engrenava. Era um espaço aberto, propositalmente, e tinha como intenção deixar que as mulheres falassem livremente. Talvez esse formato funcionasse como a manutenção de um vínculo de escuta, de garantia da segurança de que o importante era o que elas tinham para falar.

Mariana quis contar uma novidade: "*Eu voltei a fazer trabalhos de artesanato. Antigamente, eu trabalhava em loja, antes eu fazia lingerie. Agora, voltei para o artesanato, que me faz bem.*"

Samanta: "*Eu gosto muito do meu serviço, mas eu gostaria mesmo é de ser policial, alguma coisa militar.*"

Elza: "*Aí você poderia bater sem problema?!*" (tom jocoso)

Samanta: "*Não. Mas, na hora da raiva, eu dava um couro nele.*"

Todos riram desse diálogo.

Clara: "*Eu gostaria de trabalhar pra mim mesma. Vender as coisas.*"

Elza: "*Mas você gosta do seu trabalho?!*"

Clara: "*Gosto, gosto sim.*" (sem olhar)

As facilitadoras falaram algo entre si que não pude entender e se voltaram para o grupo: "*Vamos lá.*"

Explicaram que fariam uma brincadeira que se chamava Hipnose Colombiana. "*Sabem o que é hipnose?*" Samanta e Clara não sabiam. Mariana respondeu: "*É tipo o Didi, vou te popotizar.*"

Samanta fez dupla com Mariana e Clara com Julia. As duas duplas começaram a brincadeira bem durinhas. Samanta estava de braços cruzados e bastante séria. Quando trocou de posição (de ser comandada para comandar) com Mariana fez coisas bem difíceis de acompanhar.

Clara não fazia nada quando Julia mexia a mão. Então Julia falou com ela que era para acompanhá-la se mexendo. Na troca de posição, Clara fazia os movimentos bastante rápidos, embora Julia tivesse feito movimentos lentos com ela.

Ao final as facilitadoras perguntaram: "*O que vocês acharam?*" A partir dessa perguntou, se iniciou uma espécie de avaliação do que tinha acontecido.

Clara: "*Uma brincadeira diferente. Gostei mais de fazer quando a Julia mandou.*"

Elza: "*Você nota se na sua vida é mais fácil ser conduzida?*"

Clara: "*Não entendi. Eu prefiro que as pessoas me digam o que tenho que fazer.*"

Elza: "*E com seus filhos?*"

Clara: "*Para eles eu digo, mas não gosto não. Eu gosto que a pessoa dê opinião, mas eu gosto de fazer o que eu escolho. Por exemplo: perto de ficar menstruada, eu limpo tudo,*

Hipnose Colombiana: duplas se formam e, cada um a seu turno, "hipnotiza" o outro com a mão, fazendo com ele movimentos aleatórios que são seguidos pelos olhos do outro.

Achei interessante a inversão de velocidade. Clara parecia não ter cuidado com Julia.

fico atacada. Hoje, eu tava assim, joguei água em tudo pra lavar."

É interessante como sempre a Clara irrompia com uma conversa que se distanciava de um mundo mais "abstrato, interno", para se voltar para as questões do seu cotidiano. Ela, de certa maneira, sempre colocava as facilitadoras em situação de impasse. Justamente, eram essas situações que faziam os encontros tomarem rumos inesperados, as traduções eram necessárias e isso fazia com que alguns vínculos deixassem de fazer efeito enquanto outros se fabricavam.

Samanta: *"Eu fico botando a mão para comandar. Eu gosto da opinião quando eu não sei. Eu gosto de mandar, mas meus filhos me enrolam."*

Julia: *"Gosta de mandar?!"*

Mariana: *"Eu fui bem delicada, eu percebi... Esperava que ela fosse comigo. No começo, ela foi sem se preocupar. Só no final, ela percebeu que eu tinha me incomodado um pouco. Aí, ela melhorou."*

Samanta riu, discordou e se defendeu.

Elza: *"Alguém se sentiu descuidada?"*

O cuidado parece ser um parâmetro muito importante.

Mariana: *"No começo sim."*

Elza: *"Quando nós estamos com o poder nas mãos, é importante pensar como ficamos."*

Clara: *"É bom mandar nos outros. Tem coisas que a gente fala e nem percebe."*

Elza: *"Tem coisas que estão dentro de você?!"*

Clara: *"Tem uma colega que é fofoqueira... a outra espalha tudo pra todo mundo..."*

Vínculos (attachement), o que designa a relação entre os actantes. (Latour, 2001)

Mais tarde vim a saber que Mariana já fazia terapia em outro lugar também. Por outro lado acredito que tanto para Samanta quanto para Clara aquela era a primeira vez que participavam de algo assim.

A tentativa de sinalizar o "interno" parece não funcionar.

Elza: *"O que a gente faz quando tem o poder sobre os filhos?"*

Samanta: *"Como assim?"*

Clara: *"Eu não desconto nos meus filhos, não!!!"*

Samanta concordou imediatamente com Clara.

Isso me chamou a atenção, pois, no momento em que Elza indicou sua intenção, mesmo que implicitamente, ambas reagiram se defendendo e entendendo perfeitamente onde ela queria chegar. Embora não esteja explícita uma idéia de não violência, parece que ela é um actante bastante presente, pois os rumos das conversas muitas vezes se moldavam tendo-a como anteparo. Não poderia dizer que há, de antemão, um conceito sobre o que é violência colocado às claras, mas ele vai se tecendo à medida que algumas coisas vão sendo ditas ou percebidas.

Mariana: *"Eu não desconto, mas eu já tive problemas com meu filho mais velho e já fui taxativa."*

Enquanto isso, Clara balançava o pezinho. Basicamente, elas perceberam a intenção da pergunta, sabiam avaliar o quanto isso não era considerado ali uma atitude correta com relação às crianças e imediatamente se defenderam, não se identificando com o caso, ainda que o relato feito pelas facilitadoras, quando cheguei, tenha sido que pelo menos duas delas já haviam vivido essa situação.

Mariana, inclusive, contou uma situação inversa, isto é, onde o filho *"extravasou tudo nela e depois percebeu"*. Nesse momento, entrou a neném da Mariana.

Samanta: *"A minha filha mais velha ficou revoltada. Elas presenciaram muita violência."*

A neném, filha de Mariana, estava na sala. Ela tem um grande sinal de nascença e a Julia também (no rosto), Julia pediu pra ver o da neném e por momentos a conversa mudou de rumo.

Clara: *"Minha filha não me respeita. Me chama de bruxa Keka. Elas fazem isso porque eu não bato. Eu não me importo. Eu gosto de ser tipo irmã."*

Nesse momento, as facilitadoras interromperam para que a Equipe Reflexiva falasse.

Cecília falou sobre o exercício destacando como é mandar e ser respeitada ao mesmo tempo.

Eu tentei acompanhar o que a Cecília tinha dito e complementei falando sobre poder mandar e obedecer sem viver isso como um equívoco.

Depois de termos falado, Clara quis se certificar de que Julia não havia ficado chateada por sua maneira de conduzir o exercício da Hipnose Colombiana. Julia confirmou que não e que essas experiências faziam parte.

Julia se levantou, entregando para cada uma o envelope para colocar o dinheiro da contribuição voluntária, enquanto Cecília se levantou para pegar a filhinha da Mariana, que tinha permanecido na sala. Logo depois, as pessoas foram se despedindo e as três foram embora.

No momento do Pós-Grupo, Cecília começou falando sobre como Clara é uma pessoa limitada. Julia e Elza concordavam e isso me chamou muito a atenção, pois minha opinião era absolutamente diferente. Eu não entendia tudo o que tinha acontecido como limitação e sim como dificuldade de transitar pelo que elas esperavam ser as vias principais. No fundo, eu estava criticando o que ouvia. Agia e pensava como psicóloga e não como pesquisadora. Aliás, a maior dificuldade durante todo o trabalho de campo foi sair do meu lugar de

"O termo francês reflexion, que tem o mesmo significado do norueguês refleksion, quer dizer: algo ouvido é internalizado e pensado antes de uma resposta dada." (Andersen, 1991, p.34)

Havia sido pedido que as mulheres contribuíssem com algum dinheiro, uma vez que, naquele momento, o NOOS vinha passando por problemas de falta de financiamento para seu funcionamento.

psicóloga e buscar uma posição reflexiva que não operasse através da denúncia crítica.

O clima era muito amigável e sem distinção com relação a mim. Comecei a perceber que era importante que eu também me colocasse, pois eu não gostaria de gerar um constrangimento que as fizessem não se sentir à vontade para falar. Sendo assim, decidi colocar com todo o cuidado minha posição contrária no tocante à limitação de Clara. Falei como eu tinha percebido que ela trafegava por outros caminhos, embora eu não percebesse que isso a tornava limitada. Com o transcorrer do trabalho, pude presenciar como fazer as traduções para conseguir que Clara pudesse compartilhar daquele espaço psicológico era uma árdua tarefa para as facilitadoras durante todo o tempo de duração dos encontros.

Mas o fato é que eu tinha me sentido à vontade. Coloquei, inclusive, minha diferença em relação a elas no tocante a Clara. Não tinha achado a moça sem abstração. Muito menos *oligofrênica*, apesar de eu ter tido a impressão que elas não usaram o termo no sentido estrito, quando elas o mencionaram.

Assim, a estranheza se instalou no grupo de mulheres e, na oficina de palhaços, restava agora conseguir mantê-la de modo produtivo. *“Não, decididamente, nessa mistura sutil de familiaridade e distância que qualquer método em ciências humanas deve resolver, o primeiro dos termos não é difícil, mas o segundo.”* (Latour e Woolgar, 1997, p. 26)

Fiquei em dúvida em relação a minha postura demasiadamente franca. Contudo, não havia espaço para eu ficar arredia, em posição de observação. Fiquei me perguntando sobre minhas falas: teriam sido demais?!

O termo oligofrênica havia sido utilizado por uma das facilitadoras.

3.3 - OS DESCOMPASSOS

Messiê: *“Quando se é criança tudo vale, depois a gente abandona isso. Vira adulto e se adúltera.”*

Logo ao chegar, vi Karina olhando os livros na biblioteca que ficam na passagem para a salinha do Núcleo de Gênero que, por sua vez, está situada nos fundos da casa. Cumprimentei-a, mas não tinha idéia de quem poderia ser.

Logo depois, chegaram Cecília, Elza e Ileana. Esta última fazia parte da equipe reflexiva de quinze em quinze dias, porém neste dia estava vindo para comunicar ao grupo que não poderia mais participar do trabalho, uma vez que estava com muitos compromissos. Um pouco depois, chegou Julia. As conversas entre nós na sala do Núcleo de Gênero eram descontraídas. Elza e Julia decidiram fazer naquele encontro o quadro, onde uma coluna seria intitulada “Antes”, em criança e a outra “Agora”, como mães. Em seguida, fomos para a sala onde se realiza o grupo e Julia foi chamar as mulheres. A decisão sobre a realização desse quadro estava relacionada ao último encontro, no qual a questão do tratamento deferido às crianças tinha sido abordada.

Karina e Samanta entraram e sentaram. Logo de início, Ileana comunicou sua saída, dizendo que é sempre muito rico ficar ali no cantinho, mas que nesse momento era impossível para ela prosseguir. As pessoas não fizeram praticamente nenhum comentário e pareciam aceitar bem a situação. Ela logo se levantou, despediu-se e saiu da sala.

Julia retomou dizendo: *“Bom, só temos vocês duas...”* e seguiu dando as notícias que tinha sobre as outras

participantes: "*Cristiane está na Fazenda, portanto não poderá vir.*" Julia já havia me explicado que Cristiane possuía uma fazenda na Bahia e estava combinado que ela não poderia vir a alguns encontros em função disso. Samanta disse que encontrou com Clara e ela, por sua vez, lhe disse que se conseguisse dinheiro para a passagem viria ao encontro. Karina perguntou por Joana, outra participante que teria vindo a um encontro, mas depois deixou de vir. Samanta pediu para que as facilitadoras insistissem para que ela voltasse. Outra participante era Dilma e também ficou decidido que fizessem contato para ela retornar.

Julia comentou que Dilma tinha uma notícia boa, mas só a própria poderia contar. As duas ficaram curiosas e insistiram para que ela voltasse, ainda mais em se tratando de boas notícias. Karina tentou adivinhar: "*Vai casar!*". Julia adiantou que não, mas se manteve na posição de sigilo.

Nesse preâmbulo da sessão para mim ficava claro como o que as mulheres pediam e/ou perguntavam era escutado com atenção e na intenção de atender às suas demandas. Esse ponto podia ser percebido no modo como as facilitadoras davam as notícias sobre as integrantes ausentes, enquanto as que estavam presentes faziam seus pedidos sobre como gostariam que as facilitadoras conduzissem as faltas, por exemplo.

Dessa forma, passamos à pergunta: "*Como vocês estão chegando?*" Não sei até que ponto essa pergunta faz parte desse treinamento tácito recebido pelos psicólogos de que deve ser, primordialmente, o paciente quem levanta os temas que serão discutidos durante o encontro. As questões devem ser

Não cheguei a conhecer Dilma, pois ela não voltou a frequentar o grupo.

Essa é apenas uma hipótese.

trazidas pelos pacientes e não pelo terapeuta. Uma espécie de respeito pré-estabelecido, posição de escuta.

Já no grupo de palhaços a escuta assume outra posição. Ela está situada do lado dos paspalhos. Eles devem escutar o Messiê e, principalmente, concordar com ele. Para que isso fique bem claro, logo no primeiro dia da oficina, todos os integrantes recebem um apelido. A regra consiste em que eles serão tratados e conhecidos ali apenas através dos apelidos.

Esse momento funciona da seguinte forma: Messiê se levanta e caminha de um lado para o outro, olhando para os paspalhos que aguardam sentados. Durante essa caminhada todos acompanham, com atenção, a bengala. Quando ela apontar na direção de alguém, essa pessoa deverá ficar de pé e postar-se no centro do tablado. Isto posto, o Messiê retorna a sua cadeira e diz: *“Chuva de apelidos para o paspalho!”*. Caso os outros integrantes permaneçam em silêncio, ele complementa: *“Não tentem proteger o coleguinha, pois ele não os protegerá quando vocês estiverem ali. O apelido sempre é algo relacionado a um defeito físico, moral, ou qualquer outra coisa dessas”*.

A partir daí, Messiê começa a fazer algumas perguntas, tais como: *“O que você faz? Do que você mais gosta? Do que você menos gosta? Quais são seus defeitos? E suas qualidades?”*. Na medida em que a pessoa vai dando respostas ele pode, eventualmente, interferir, fazendo comentários sobre o que a pessoa respondeu. Ele pode fazer ironias ou elogios com as respostas. As que recebem ironias são as mais rebuscadas, enquanto os elogios cabem às respostas simples. Por exemplo: *“gosto de queijo”* é motivo de um comentário jocoso e elogioso: *“isso é uma resposta digna de uma paspalha”*.

Assim, as pessoas ficam em pé escutando a *“chuva de apelidos”*. Várias delas tentam superar os apelidos que vão sendo dados através de explicações, justificativas, ou mesmo através de

Alguns apelidos:

Estressada,
Qualquer Merda,
Ervilha,
Jean Claude Ban
Ban, Felicidade
Travada,
Engraçadinho,
Certinho, todo
certinho,
Empombado,
Família Adams,
Coisa rara,
Evangélica,
Zorelha, Radical,
Marlene Mattos,
Hiena e Guhh.

Messiê: *“Ninguém jamais enganou o Messiê, o Messiê sabe tudo”*.

trejeitos corporais, tais como: balançar as pernas, cruzar os braços, baixar os olhos, sacudir os pés. Quando Garboso Infante recebeu seu apelido, imediatamente ele tentou incorporá-lo fazendo um gesto de garboso infante: ficou bem ereto, estufou o peito e ficou ligeiramente de lado em relação à platéia. Quando esse tipo de movimento acontece, seja no momento que for da oficina, na presença do Messiê, ele delata o paspalho e o corrige. *“Na presença do Messiê não se cruza o braço, não se fica com o peso sobre uma perna, não se sacode o pé, não se abaixa o olhar. Isso é posição de respeito ao Messiê”*.

No dia seguinte, Messiê pede que todos digam seu apelido: esse é um momento em que os paspalhos estão de pé, dispostos em meia lua sobre o tablado e devem dizer seu apelido olhando para os coleguinhas. Messiê: *“Vamos ver como vocês estão engolindo o apelido”*. Portanto, a lógica do apelido é a mesma utilizada para designar a fantasia (figurino) que será usada na ocasião do picadeiro, isto é, não importa como as pessoas chegam ou estão.

Julia: *“Como vocês estão chegando?”*

Samanta: *“Sexta meu marido dormiu fora, mas quando voltou não estava fungando o nariz”*.

Elza: *“Você ficou preocupada?”*

Samanta: *“É né, mas ele disse que não fez nada não”*.

Julia: *“E você (Karina), como está?”*

Karina: *“Bem”*.

Karina começou a contar como tinha sido a história de ter batido com a cabeça no poste. Foi uma situação de distração, na qual ela atropelou o poste ao tentar correr para pegar um ônibus.

Karina: *“Mas, mesmo assim eu fiquei assustada, pois bater com a cabeça é muito perigoso e decidi não vir na segunda passada. Essa pancada serviu para me mostrar que eu*

Mais apelidos:
Kinder Ovo;
Violoncelo;
Idiota Completo;
Hesitante;
Pinto Maluco;
Virgem Pudica;
Tio Xico;
Quase;
Especial,
especialíssimo,
especial para
caralho;
Terapeutizada;
Rondele, daqueles
bons de dar tapa na
cara;
Biquinho Feliz;
Caetano Conrado,
Alongado e
Encaixado;
Careca disfarçado
que se acha broto
quando ainda há
tempo;
Chapa Dura Peluda,
porém depilada.

tenho que parar. Por isso fiquei pensando nas minhas reações explosivas de raiva. Desde quinta não tomo o remédio."

Elza: "*Samanta, o que você faz para se acalmar?*"

Samanta: "*Fumo cigarro.*"

Elza: "*Antes de ficar com raiva, o que vocês sentem? Qual o sentimento que vem antes da raiva? Estou perguntando isso, pois escutei uma discussão sobre a raiva ser um sentimento secundário, isto é, ele vem depois de um outro sentimento."*

Karina: "*Frustração.*"

Samanta: "*Eu vou direto pra raiva.*"

Interessante como a Samanta rejeitou essa hipótese. Ela, assim como Clara, é uma pessoa de origem mais humilde e parece estar pouco inscrita nesse mundo das emoções tal qual ele é trabalhado nesse grupo.

Elza: "*Existe uma teoria que quando a gente tem raiva já está deprimida. Eu, por exemplo, tenho raiva quando sinto medo."*

Julia: "*Eu também.*"

Samanta não respondeu nada e Karina fez algum breve comentário. Mas, o assunto deixou de render.

A proposta feita a seguir pelas facilitadoras foi pensar em como as coisas haviam sido vividas quando criança e como isso era experienciado agora por elas no papel de mães.

O quadro de pilot era um assessor do cavalete, ele organizava o que estava sendo falado naquele exato momento. Sem dúvida, não tinha a nobre função do cavalete, pois o que nele se escrevia era apagado ao final do encontro, enquanto o

Karina faz uso de Frontal

cavalete guardava, encontro após encontro, os temas, o contrato.

Antes, em criança	Agora, como mães
Forma agressiva de bater	Forma agressiva de bater
Ser humilhada	Humilhar
Mãe no pedestal	Aproximação dos filhos
Receber força	Transmitir força
Carinho	Carinho
Transmissão de cultura	Conversa
Carinho paterno	
Falta de carinho materno	

A questão sobre ser humilhada tinha sido levantada por Karina, daí Elza fez a mesma pergunta para Samanta.

Elza: "*Samanta, você se sentiu também humilhada?*"

Samanta: "*Não. Já apanhei de cinto. Minha mãe tirou sangue do meu braço (apontando). Você sabe?!*"

Elza: "*Não sei, mas posso imaginar. Será que tinha outro jeito de fazer?*" (seu tom de voz era consternado)

Samanta: "*Não, acho que não. Eu era muito levada.*" (sua feição era sorridente)

Samanta: "*A melhor coisa, que eu agradeço a Deus, foi meu pai e minha mãe!*" (com os olhos cheios de lágrima)

O mais interessante desse diálogo foi o constrangimento dos facilitadores e de Karina contrapondo-se à tranquilidade de Samanta ao falar do episódio.

Messiê: "*O Messiê não tem moral nenhuma, mas tem uma ética profunda!*" Essa frase registrava todos os momentos em que o

Durante a construção da tabela, tanto Elza, Julia, assim como, Karina explicavam coisas para que Samanta entendesse o que estava sendo feito. Em alguns momentos Cecília participava e ajudava nas explicações.

Messiê: "*Moral é o compromisso seu com o status, já a ética é o compromisso seu com o seu travesseiro.*"

Messiê falava ou fazia qualquer coisa que pudesse ser condenável, como, por exemplo, uma cantada destinada às participantes da oficina ou alguma situação que contivesse referência sexual. Praticamente, não vi o Messiê se constranger, salvo no picadeiro de Garboso Infante. Isso me faz pensar que a idéia do cuidado - muito cultivada no grupo de mulheres e nada relevante na oficina de palhaços – era o que dava sustentação ao constrangimento vivido no grupo de mulheres, nesse sentido poderia ser pensada como actante.

Vale destacar que, nesse episódio, imagino que tenha contribuído para o constrangimento uma sequência de diferenças perceptíveis entre Samanta e as facilitadoras, juntamente com Karina. O descompasso entre elas tinha início já no fato de Samanta ser moradora do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro (enquanto as outras eram de zonas mais abastadas da cidade) e, ao falar, cometer erros de português. Com frequência, lhe explicavam o significado das palavras. Assim, Samanta trazia situações vividas que tendiam a ser lidas pelo grupo como sofridas, mas que não eram relatadas com essa tônica por ela.

A existência de duas linhas referente à religião se deve ao fato de que Karina tinha direcionamento religioso e Samanta não.

Continuação do quadro

Direcionamento religioso	Direcionamento religioso
Sem direcionamento religioso	Sem direcionamento religioso
Orientação sexual não espontânea	Orientação Sexual
Falta de conversa	
Critérios éticos	Critérios éticos
Rigor excessivo	Rigor excessivo

Samanta explica que não lhe era permitido namorar em casa, mas ela gostava da proibição, pois *"quando a pessoa namora em casa ela fica muito presa"*.

Karina: *"Minha avó era rigorosa, mas muito carinhosa germanicamente."*

Karina: *"Eu grito muito, mas não bati muito. Às vezes em que eu bati foi descontrole emocional. Eu acabei extravasando em cima dele (filho). Eu contei para o Arnaldo (filho) que estou participando daqui, ele me perguntou se pode vir"*

Elza: *"Na Santa Casa existe um grupo para mães e adolescentes, talvez vocês pudessem participar."*

Karina: *"Meu filho quer fazer terapia e eu quero que ele faça, pois ele viveu muito as tensões entre eu e minha mãe."*

No momento da Equipe Reflexiva, Cecília me fez um sinal para que eu começasse falando. Definitivamente, não esperava aquilo. Acho que eu imaginava poder continuar ali sem precisar me comprometer muito, mas naquele momento eu não tinha idéia do que Cecília iria falar. Sendo assim, tive que falar algo que eu, de fato, havia pensado. Comecei falando da frase: *"O importante não é o que seus pais fizeram de você, mas o que você faz do que seus pais fizeram de você."* Daí, segui com derivações disso. Já Cecília falou principalmente da dificuldade de não repetir sutilezas e o quanto ela fazia essa reflexão por conta de sua filha.

Quando terminamos, Karina fez um comentário concordando com o que Cecília havia dito sobre as sutilezas.

Elza: *"Meu presente de hoje foi a sua avó. A combinação de amor e rigor"* (se dirigindo a Karina).

A partir daqui somente Karina estava presente, pois Samanta precisou sair mais cedo.

Messiê: *"Depois bolinho no chão, nossa vocês têm tão pouco contato. Para quem você trabalha, para quem você quer trabalhar. A serviço de que, a que dedicamos nossa energia. Se a gente quer mudar alguma coisa em volta nada melhor do que começar por onde se trabalha. Até porque no futuro seremos muito pouco, com sorte teremos uma foto na parede. Quando falamos de afeto e de acolher não é só exercício da oficina. É condição da espécie, é condição para não perder. Para adiar a perda. Continuem nesse estado e coloquem o nariz. Esse é um símbolo. Podemos ser idiotas, crianças de novo, que ninguém acha que é maluco. E se olhem."*

Karina se despediu e foi embora. Logo depois todas nos despedimos e fomos embora. Naquele dia não houve pós-sessão.

Sem dúvida, amor e rigor são duas coisas que se combinam no Messiê. Ele faz toda uma encenação de malvado, mas, várias vezes, pergunta: “*Vocês sentiram saudades do Messiê? Vocês ficaram cantando a musiquinha do Messiê? Vocês vão cuidar do Messiê quando ele ficar velhinho?*”. Enquanto isso, faz uma pose orgulhosa de si mesmo, olhando as unhas e se curvando para trás. As respostas às suas perguntas são afirmativas e os risos das pessoas, acolhedores.

3.4 - O CHORO

Neste encontro, estavam presentes: Cristiane, Joana, Samanta e Karina. Joana começou contando sobre os problemas com seu marido, suas crises de ciúme em relação a ele. Chorava muito e eu não conseguia entender bem a história que ela contava. Ao final, concluiu dizendo que tem freqüentado a igreja e que acredita que tudo isso vai passar. Ela já estava calma quando Julia propôs consultar o cavalete e checar quais os temas já discutidos e os que estariam por vir.

O cavalete estava plenamente em forma para responder. Já haviam sido discutidos: Educação dos filhos, Violência Intrafamiliar, Gênero (relacionamento) e os que ainda faltavam eram: Rede Social, Maternidade/Paternidade, Novas relações homem/mulher, Auto-estima, Amor, Dependência Química, Sexualidade/Sexo, Trabalho e Lazer. Nessa consulta foi interessante notar que a avaliação feita para classificar os temas junto à categoria de *já discutidos* ou *ainda por discutir* foi realizada somente pelas facilitadoras.

Karina, retomando a fala de Joana, disse: *"Eu demorei quinze anos para falar sobre o assunto e não passou."*

Cristiane concordou com Karina e disse que o fato de ela estar freqüentando a igreja não a impede de estar no grupo.

Joana: *"Eu e o pai das minhas filhas nunca conseguimos ficar bem. Mudei muito depois que ele arrumou outra pessoa. Aconteceram tapas e xingamentos na frente da minha filha, ela teve depressão e só agora, com nove anos, começou a ler."*

Depois que Joana terminou de falar os olhares se voltaram para saber como tinha sido a semana de Samanta.

Sem dúvida, outras classificações seriam possíveis para ancorar os temas em uma ou outra categoria, porém a classificação que permaneceu foi essa.

Samanta: *"Eu venho porque estou aprendendo muita coisa. Eu quero mudar. Sábado meu marido saiu com a menina (filha) e só apareceu, só voltou, às cinco e meia da manhã. Ele não avisou nada. No domingo, trouxe a menina, saiu e não voltou mais. Eu vou chegar hoje em casa e fingir que não aconteceu nada."*

Cristiane ficou impressionada por Samanta dizer que pretendia não fazer nada. Imediatamente, Karina saiu em defesa de Samanta alegando que, afinal de contas: *"ele era pai..."*. Complementou, então, contando sua história com relação ao ex-marido.

Elza tentou retomar a história de Samanta, mas tanto Karina quanto Cristiane continuaram falando e debatendo a questão: se uma pessoa, por ser pai, tinha ou não o direito de ter feito o que fez. Nesse momento, Samanta escutava calada e Cristiane ia falando, cada vez de maneira mais categórica, que seria um equívoco se ela fingisse que nada tinha acontecido.

Julia interveio argumentando que era importante não tentar estabelecer ali o que era certo ou errado. A partir disso, Cristiane se desculpou com Samanta e continuou:

Cristiane: *"Meu marido está bebendo cada vez mais e fazendo coisas cada vez mais irresponsáveis."*

Elza: *"Eu tenho uma história na minha família muito interessante. Um sobrinho meu quis morar com o pai, embora este fosse alcoolista. A partir desse episódio, o pai começou a freqüentar o AA (Alcoólatras Anônimos) e o menino o ALADIN (grupo destinado aos filhos de alcoolistas). Hoje em dia estão todos bem."*

Através de seu gestual fez menção ao contrato de convivência, muito bem registrado pelo cavalete.

Joana: *"Minhas filhas têm vontade de ir morar com o pai, mas isso me preocupa, tenho medo."*

Julia buscou retomar idéias sobre como Samanta poderia lidar com a situação.

Elza: *"É importante lembrar como muitas vezes usamos nossos filhos para resolver nossas próprias questões de ciúmes."*

Joana: *"Eu já fiz muito isso."*

Karina: *"Tem alguma coisa que ele fala que te irrita?"* (se dirigindo à Samanta)

Samanta: *"A cara dele já me irrita. Eu tenho muito medo de brigar com ele."*

Elza: *"Se o seu marido fosse uma mosquinha, ele poderia ter escutado tudo que foi dito aqui, né?! A conversa te ajudou?"*

Samanta: *"Ajudou."*

Cristiane: *"A mim também, pois tenho muita dificuldade de falar com calma."*

Todos riram. Clara parecia alheia todo o tempo.

Justo antes do início do encontro, Julia tinha colocado no quadro uma frase com o intuito de ser um disparador para realização de uma dinâmica. Depois de toda a conversa que já tinha acontecido até o presente momento, Julia decidiu apagar do quadro a frase *"Com Quem Eu Conto..."*. Isso significava que ela estava desistindo de fazer aquela proposta de trabalho naquele momento.

As coisas no grupo de mulheres vão se organizando de acordo com o que elas trazem. Existe uma proposta prévia do que pode ser trabalhado naquele dia. Isso era estabelecido, na pré-sessão, tendo como base uma interpretação do que elas

A última pergunta foi feita em tom afirmativo. O que significa dizer que ela funcionava mais como um pedido de confirmação, pois a função daquele grupo era ajudar.

podiam estar precisando e/ou dos temas que tinham ficado agendados para serem abordados. Contudo, esse planejamento se alterava com muita frequência, pois o fundamental era dar ouvidos ao que as mulheres queriam e/ou ao que se interpretava que elas precisassem.

O esquema da oficina de palhaços está todo organizado em jogos, cuja tônica é sensibilizar as pessoas. A seqüência na qual eles acontecem está pautada na preparação dos paspalhos para o momento do picadeiro. Todas as brincadeiras são vividas em grupo e as pessoas se sensibilizam em diversos momentos. Quando acontece de, por exemplo, uma pessoa começar a chorar ou a rir muito, o Messiê destaca essa situação de modo a deixar a fragilidade e/ou o humor em evidência. Inclusive, durante o picadeiro, esses mesmos elementos merecem toda atenção do Messiê na *“descoberta do tamanho da verdade do paspalho.”*

Sim, pois *“toda a verdade tem um tamanho”*, ela não é algo estático, ela é construída ali no picadeiro; dessa forma, o que interessa é que as brincadeiras aconteçam. Portanto, o desenrolar delas dá a chance aos paspalhos de se envolverem com a proposta. Porém, se isso não acontecer, o esquema não muda e a única coisa que se espera é que, durante o picadeiro, seja possível acessar *“o coração do paspalho.”*

As brincadeiras variam desde jogos infantis conhecidos a técnicas de teatro. Entre os jogos infantis estão: stock (na verdade, stop); vivo/morto e escravos de Jó (descrito anteriormente). Já as outras são: a brincadeira de formar grupos, dos representantes, jogos de dança, luta e a gueixa.

O Messiê repete várias vezes durante esses momentos: *“Percam antes de perder. Morram antes de morrer.”* Essa é a filosofia geral das brincadeiras e dos jogos; lidar com o perder, se divertir com seu ridículo, enfim, principalmente rir disso tudo.

“A acusação de relativismo ou de autocontradição só é pesada para aqueles que acham que a verdade se enfraquece quando dela se faz uma construção ou relato.” (Latour e Woolgar, 1997, p. 30)

Na medida em que as brincadeiras vão acontecendo a cara das pessoas vai mudando. Todas parecem estar cheias de expectativas sobre o que virá a seguir.

Bem, “*stock, como vocês sabem, quer dizer parar, em inglês...*” Assim, o Messiê começa provocando o grupo. “*Qual o motivo dessas caras, alguém discorda disso?*” Uma vez ou outra, alguém ousa discordar e com isso dá ao Messiê a deixa para seu discurso: “*Tem gente que não consegue brincar, quer levar tudo a sério, sabe tudo. Esse faz parte do mundo dos espertinhos. O palhaço não faz parte do mundo dos espertos. Entenderam seus paspalhos?!*”

Dito isso, ele passa à explicação: “*Quando Messiê diz andem, vocês andam. Quando Messiê diz stock, vocês param. Entenderam seus paspalhos?!*” Todos respondem: “*Sim, Messiê.*” Falta mencionar que no caso de o paspalho errar, ele será torturado pelo Messiê. É dessa forma que a brincadeira começa. Porém, seria injusto não comentar que o Messiê dá três chances para que os paspalhos entendam. Portanto, só começará a aplicar as torturas na quarta vez.

Basicamente, a brincadeira consiste nas pessoas andarem, aleatoriamente quando o Messiê diz andem e pararem quando o Messiê diz “stock”. Porém, o que pode parecer simples não é. Algumas pessoas erram e outras acertam e a pergunta é: por quê? A frase que vale para andar é: “*Messiê diz andem!*” e não quando ele diz somente “*Andem!*”. O mesmo vale para parar: só se deve parar quando “*Messiê diz stock!*”, caso ele diga somente “*Stock!*”, as pessoas devem continuar a andar. É nessa mistura que as pessoas se confundem e levam um tempo para perceber. Até que isso aconteça, elas erram e são torturadas. Essa brincadeira se repete durante os dois primeiros dias da oficina e em geral até o segundo dia todo o grupo já entendeu o pulo do gato. Porém, algumas vezes, uma ou outra pessoa não entende, e isso virá motivo de riso e muita brincadeira.

Um outro ponto é que o Messiê pede para que as pessoas se delatem, pois como ele não pode ver a todos que erram, é preciso

Messiê: “*Andem!*”
As pessoas andam.
Messiê: “*As pessoas que andaram, erraram! Venham ser torturadas.*”
As pessoas são torturadas e a brincadeira recomeça.
Messiê: “*Messiê diz andem!*”
As pessoas andam e tudo corre bem.
Messiê: “*Stock.*”
Algumas pessoas param e outras continuam andando.
As que pararam erraram, portanto são torturadas.
E então, entenderam seus paspalhos?

que ele seja ajudado para saber a quem deve torturar. No princípio, as pessoas evitam dizer, mas depois elas próprias se delatam e se divertem com seu erro.

Nos jogos de Dança e Luta a platéia se senta e Messiê pede cinco paspalhos no Tablado. Quaisquer cinco pessoas se levantam e vão ao tablado.

Messiê: “*Vocês sabem dançar?*”

Paspalhos: “*Sim, Messiê.*”

Messiê: “*Clássico, contemporâneo, afro?*”

Paspalhos: “*Sim, Messiê.*”

Messiê: “*Muito bem. Pliê!*”

Os paspalhos fazem o que podem, alguns seguem corretamente a instrução, porém, nem todos sabem como fazer e devem fazer mesmo assim, o que resulta em posições, e movimentações engraçadas. A platéia se diverte muito.

Quando alguém faz algo gerador de muito riso, Messiê destaca a situação. Ele pode pedir que o paspalho repita ou sugerir pequenos acréscimos de gestual com o intuito de fazer a situação receber o realce que merece para se aproximar o máximo possível de uma cena de palhaço. Nesse momento, em geral, as pessoas vão entendendo o espírito da brincadeira e são muito criativas nas posições e/ou movimentações que fazem. E assim, o Messiê continua propondo: “*Developê. Primeira posição do ballet. Segunda posição do ballet. Chega! Agora, passemos para dança contemporânea. Solidão contemporânea. Azul contemporâneo. Amor contemporâneo Chega! Agora, Dança de Ogum.*”

Depois de algum tempo de brincadeira nessa modalidade (dança), ele pede um novo grupo de cinco paspalhos e tudo recomeça, só que agora com o tema “luta”. Quando o grupo já fez alguns movimentos, mais cinco paspalhos no tablado. Dessa vez, a modalidade será “servir o exército”.

Messiê: “*O palhaço está sempre errado na hora errada e diz sempre sim.*”

Modalidade luta.
Capoeira: Benção,
Meia lua, Ginga.
Karatê: Saudação
de karatê
shodocam com
cumprimento em
chinês mandarim,
Segundo Kata do
Karatê.
Boxe: Em guarda,
Jebe de direita.

Modalidade
Exército:
Sentido, Meia
Volta volver,
Descansar

A brincadeira de formar grupos começa com as pessoas andando pelo tablado sozinhas, a seguir Messiê diz: “*Andando dois a dois.*” As duplas se formam e ele volta a ordenar: “*Andando três a três.*” Algumas duplas se desfazem para formar um trio. Quando tudo parece resolvido ele novamente profere: “*Andando quatro a quatro.*” E assim segue a brincadeira, cujo o objetivo é que algumas pessoas fiquem sem grupo.

Messiê: “*É ruim ficar sem grupo, ser excluído. Ficar de fora, sobrar. Ninguém quis você do lado, né?!*” Costumeiramente, as pessoas que sobram, quando se formam grupos de um ou outro número, são as mesmas. Nesse momento, Messiê aproveita para perguntar alguma coisa para esses paspalhos, especificamente: “*Vocês já sobraram na vida. É ruim, né?! Olhem para os coleguinhas e enfrentem isso, não fazer parte.*” Essas perguntas não precisam de resposta, elas são perguntas disparadoras de um estado (de palhaço), pois em seguida ele diz: “*Escolha um grupo que você queira ficar.*”

O paspalho escolhe. “*Agora, pergunte se eles te aceitam.*” No momento que o paspalho faz a pergunta o Messiê por trás, sem que o paspalho possa ver, faz um sinal para que o grupo o recuse. Quando a recusa acontece – sim, pois algumas vezes a despeito do sinal, o grupo aceita a entrada do paspalho – Messiê diz: “*Tá vendo, você foi rejeitado pela segunda vez, e agora?*” Da parte do paspalho só se escuta o silêncio e se vê a decepção. “*Calma, seu paspalho, foi o Messiê quem disse para que eles não te aceitassem. Isso é para vocês verem que ninguém vive sozinho. Agora, vá, pergunte se eles te aceitam.*”. Dessa vez, Messiê não faz nenhum sinal e o paspalho recebe uma afirmativa para sua pergunta e entra. “*Vocês vêem a cara do paspalho, vejam como ele fica feliz. Todo mundo precisa ser aceito.*”

Karina começou a contar sobre a situação do filho querer ver o pai, mas ao mesmo tempo não querer. Samanta e

O estado do palhaço é o estado do perdedor. Não do perdedor que tenta sair por cima, mas, pelo contrário, do perdedor que sai por baixo. Um perdedor que se assume na condição de perdedor e não briga para fazer parte do mundo dos espertinhos.

Cristiane fizeram várias perguntas para Karina e deram sugestões de como realizar o encontro. Karina rejeitou todas as sugestões. Elza por sua vez deu a idéia de escrever cartas.

Karina aceitou a idéia, mas *"o contato com o pai vai prejudicar o Arnaldo. De qualquer modo, eu não me lembro de quase nada dos lugares que moramos, nem saberia chegar lá. Além do que não sei do paradeiro dele."*

Karina começou a chorar: *"Eu parei a medicação e parei de fumar."*

Julia e Elza tinham uma expressão acolhedora e falas do tipo: *"essas são perdas difíceis no início."*

Joana: *"Eu também choro quando penso nas coisas."*

Julia e Elza continuaram validando o choro de Karina no tocante à perda, embora ela desse outras justificativas para estar assim.

Karina: *"Eu deletei tudo."*

Cristiane: *"Eu também tenho esquecido muito."*

Samanta: *"Eu também."*

Elza: *"Vocês todas choram?"*

Todas responderam que sim e Clara disse que chorava de raiva.

Karina: *"Eu gostei da Clara ter vindo."*

Mas a resposta foi dada por Joana: *"Eu vou passar a vir."*

O picadeiro de Resolvida fantasiada de Feminista começou com a pergunta:

Messiê: *"É possível enganar o Messiê?"*

Todos: *"Não".*

Messiê não tinha gostado da fantasia e ela começou a falar e a explicar a fantasia. Nesse momento, Messiê começou a dormir sobre a bengala, que lhe servia de apoio para não escutar o "blá-

blá-blá". Ela começou a chorar, mas o Messiê só parou de dormir quando o choro ganhou um descontrole maior. Messiê a colocou no colo e ela foi se acalmando. Ao contrário do que possa parecer, o intermediário não é o choro. Não é ele, necessariamente, que opera as transformações, embora às vezes pareça ser.

Outros picadeiros ajudam a esclarecer esse funcionamento. No picadeiro os erros são ressaltados, por exemplo, entrar pela porta errada, esquecer de colocar o nariz. Peitinho Feliz com figurino de assassina foi contratada de cara, embora tenha esquecido de colocar o nariz. Ela entrou rindo. *"Messiê já tinha visto seu olhinho, seu coração de palhaço. O palhaço tem orgulho justamente por ser idiota e não fazer parte do mundo dos espertinhos."*

Outro momento foi o do Qualquer Merda, cuja a fantasia era de Bebezão, ele também foi contratado de cara, ele já entrou bastante fragilizado e com cara de riso. Messiê: *"Se a ciência não consegue explicar o choro que dirá o riso e o choro ao mesmo tempo"*.

O picadeiro do Engraçadinho vestido de Super herói causou gargalhadas em toda a platéia. Ele vestiu-se inspirado no Wolverine (personagem das histórias em quadrinhos X-Man), quando chegou ao centro do picadeiro mostrou as mãos, ele tinha garfos amarrados nos dedos. Durante todo o tempo o que se ressaltou foi sua inventividade, o quanto ele foi capaz de surpreender. Já no caso de Guhhhh Messiê explicou: *"A humanidade era o palhaço até que surgiu a sociedade. Guhhhh foi contratada de cara, pois desobedecia ao Messiê sem atacá-lo."*

O que realmente transforma a situação para que ela vire um picadeiro de palhaço é o abrir mão de tentar dar conta por justificativas. Em outras palavras, é perder e viver o ridículo.

Ao final de um dos dias da oficina, Messiê me cumprimentou e depois me cumprimentou novamente. Eu não havia percebido que a Bochecha (uma assistente de produção do Márcio) estava atrás de mim e, portanto, o segundo cumprimento era endereçado a ela e não a mim. Uma autêntica situação de estar no papel de idiota, de palhaço. Eu estava vivendo o ridículo, o estar no ridículo. Comecei a rir.

3.5 - O AQUI E AGORA, LÁ ENTÃO.

O encontro começa com Julia perguntando: "*como vocês estão?*"

Joana: "*Estou com muita raiva de ter acreditado nele.*"

O marido havia mentido novamente a respeito da amante. Joana chorou bastante. Tanto Julia quanto Elza insistiam para que ela pensasse na possibilidade de começar a fazer terapia.

Joana: "*Eu acho que não vai adiantar.*"

Joana cortou o assunto, insistindo para que as outras mulheres falassem.

Karina: "*Eu fui agressiva com o Arnaldo essa semana.*"

Nesse momento, Mariana chegou com a sua neném no colo e com a cara fechada. Cristiane pediu para segurar a neném, mas Mariana negou, dizendo que ela choraria.

Karina continuou: "*A primeira porrada eu já levo de manhã, quando entro no hospital.*" (ela trabalha no INCA - Instituto Nacional do Câncer).

Cristiane tentou intervir na fala de Karina, mas ela rejeitou.

Karina: "*Estou em um momento muito estressante em todos os sentidos, mesmo financeiramente... Além da tarefa de cuidar do meu filho, tenho que dar conta das coisas todas. Eu tenho muito medo, medo, medo!!!*"

Cristiane: "*Karina, você deveria pedir ajuda a sua mãe.*"

Karina: "*Não dá.*"

Cristiane muitas vezes assumia uma postura de tentar amenizar o que estava sendo dito. Imagino que isso tenha sido percebido de um modo geral, pois Julia e Elza começaram a

conduzir para que Cristiane se colocasse de forma mais pessoal. Enquanto isso, Joana estava de olhos fechados. Enquanto Cristiane ia falando, Elza repetia: *"Essa é a sua trajetória."*

Elza: *"Falar da nossa própria vida aproxima muito."*

Achei Elza muito hábil no modo de trazer Cristiane para o grupo e tirá-la da posição de conselheira. Mariana contou uma história para ilustrar como é possível nutrir o ódio. Karina reagiu bastante, balançava o pé, mexia a cabeça negativamente. Nesse momento, todas elas falaram alguma coisa de suas vidas e Mariana pareceu compreender Karina, mas imediatamente retomou a importância dela entrar em contato e pedir ajuda à mãe. Logo a seguir, Elza e Julia propuseram completar a seguinte frase: *"Era uma vez uma menina que..."*

Cristiane: *"... aprendeu a se defender da mãe. Eu comecei a ficar agressiva em algum momento da minha vida, quando pequena eu era dengosa."*

Karina: *"... gostava de sonhar, pois assim achava que era mais feliz. Essa menina não conseguiu criar uma carapaça."*

Clara: *"... uma menina muito boba, calada, que só falava se perguntassem."*

Elza: *"Eu sei coisas dessa menina: ela nunca teve festa, ela era muito bonitinha..."* (se dirigindo a Clara)

Mariana: *"... que sempre quis ter uma família e para ter essa família teve que aceitar muita coisa."*

De um modo geral, as técnicas pareciam entrar no sentido de organizar o que estava sendo falado. Contudo, não poderia afirmar isso com certeza, pois uma outra hipótese para essa questão é o fato dela também remetem a uma herança da

Mariana chama Elza e fala baixinho. Joana sai da sala enjoada e o grupo comenta da sua preocupação com ela.

Todas as vezes que vejo a Clara no grupo ela veste a mesma blusa verde.

psicologia de que os trabalhos em grupo devem ser conduzidos com a utilização de dinâmicas apropriadas para essa situação.

Esta, de qualquer modo, não tinha sido uma dinâmica pura e simples, pois ela instalava um dispositivo que poderia ser chamado, operacionalmente, de busca biográfica. Nesse sentido, as técnicas revelam com muita clareza um movimento de fabricação de uma instância interna (para utilizar um termo situado por Latour, 2002-b) detentora da história de vida daquela pessoa, das motivações básicas para tomar tais ou quais atitudes. Essa dimensão parecia resgatar as possíveis explicações para o que estava sendo vivido ali.

Outra brincadeira é a dos representantes. Todas as pessoas devem estar andando sobre o tablado aleatoriamente e enquanto isso acontece, Messiê vai dizendo algumas frases que nomeiam representantes de várias coisas. No momento em que o paspalho se sente representante da frase dita deve parar, enquanto os que não se identificam na situação devem continuar andando.

As frases são: *“Que parem os representantes da justiça. Que parem os representantes das pessoas que já sentiram fome. Que parem os representantes dos homossexuais. Que parem os representantes dos espertinhos. Que parem os representantes dos maconheiros. Que parem os representantes dos bonitos. Que parem os representantes dos feios. Que parem os representantes dos mais ou menos. Que parem os representantes dos alcoólatras. Que parem os representantes dos drogados. Que parem os representantes dos que já sofreram alguma violência. Que parem os representantes dos que já abandonaram um sonho.”* E assim por diante.

As possibilidades de representação são inúmeras, o importante é que as pessoas comecem a refletir sobre suas vidas, sobre o que é importante ou não para elas. Muitas pessoas se

No momento da equipe reflexiva fui muito evasiva, estava sozinha e isso me deixou insegura quanto ao que dizer e *“usei de muitas palavras para não dizer muito”* (ditado popular).

Há um intervalo entre uma frase e outra, para que as pessoas parem e recomecem a caminhar.

emocionam nessa brincadeira, principalmente quando a frase remete a alguma coisa forte, tal como: vítimas de violência, alcoolismo. Quando isso acontece, Messiê somente agradece pela sinceridade da pessoa em colocar-se ali. Isso não se desdobra na própria oficina com as pessoas. Entretanto, essa brincadeira permite ao Messiê traçar alguns parâmetros sobre os integrantes do grupo, o que colabora na hora oportuna para o andamento do picadeiro de cada um.

3.6 - OS SILÊNCIOS.

Este encontro iniciou-se apenas com a presença de Clara.

Julia para Clara: "*Como você está?*"

Clara: "*Eu tô bem, eu só tô preocupada com a Raquel (filha). Quando eu saí de manhã teve muito tiro.*"

Clara mora no complexo da Maré. Elza perguntou: "*Qual é a comunidade que você mora?*" Esse modo de perguntar me chamou a atenção pelo cuidado com que a palavra comunidade havia sido empregada. As filhas fazem atividades na Vila Olímpica e nesse exato momento ela está sendo alvo de disputa entre a polícia e o tráfico.

Elza: "*Tem pessoas do NOOS trabalhando na Maré. Você (Clara) tem vontade de estudar?*"

Clara: "*Não.*" Ela começou a contar como trabalha e que não tem tempo para isso.

Elza: "*Como estão as coisas com a Márcia (pessoa do juizado que encaminhou Clara ao grupo de mulheres)?*"

Clara: "*Tudo bem. Ela está cobrando da minha mãe ir lá pegar a guarda das minhas filhas.*" Ela não parecia preocupada com a questão da guarda das filhas.

Chegou Mariana, e assim que Clara terminou de falar, respondeu a pergunta que não ouviu, mas que estava presente, qual seja: "*como você está?*"

Mariana: "*Sexta fui na peça da Silvia (enteada), foi lindo.*"

Mariana começou a contar como levou flores para a menina, mas apesar de toda sua atitude não recebeu nenhum reconhecimento pelo seu esforço.

Durante uma semana, essa notícia esteve nas primeiras páginas dos jornais O Globo e Jornal do Brasil.

Seria possível dizer que essa pergunta era um actante.

Mariana: *"Entre nós (ela e o marido), não estamos bem, não consigo pular do xingamento para o amor. Depois da ofensa vinha um pedido de desculpa enviesado. Ficamos muito tempo em silêncio dentro de casa."*

Elza: *"A gente reconhece no outro aquilo que de alguma forma a gente tem."*

Tanto Elza quanto Julia falaram pouco, escutavam enquanto Mariana contava de seu relacionamento com o marido.

Julia: *"Que coisas você pode fazer para aumentar sua auto-estima?"* (se dirigindo a Mariana)

Mariana: *"Eu preciso neutralizar meus fantasmas, meus fantasmas vivos."*

Mais silêncio da parte de Elza e Julia, porém ele vinha acompanhado de sinais de concordância gestual a respeito do que Mariana ia falando. Isso me saltava aos olhos por talvez estar pensando nesse silêncio que recebe a fala do outro, acolhe as mazelas da vida e que é tão praticado em terapia. Principalmente, quando o paciente parece estar revelando a relação entre o que aconteceu e seus sentimentos.

Messiê: *"O palhaço só é feliz quando é idiota, por ter orgulho de não fazer parte do mundo dos espertinhos"*. Isso pode parecer apenas uma frase de efeito, mas a oficina é construída para que ela possa transbordar o suficiente a ponto de ser vivida pelas pessoas. No exercício da gueixa, isso fica claro.

Essa brincadeira consiste em pedir que todos fiquem atrás de um pano enquanto toca uma música japonesa. Uma extremidade do pano representa a entrada no tablado e a outra, a saída. As pessoas devem cruzar o tablado como gueixas. Essa é a única instrução dada pelo Messiê. Além disso, ele informa que só contratará o paspalho quando ele puder *"ver a verdade!"*. Quando

Clara estava com cara de entediada.

Afinal de contas, nesse momento, o paciente está construindo uma versão pessoal sobre os fatos.

Messiê: *"Só rimos do que é verdade do que é humano."*

isso acontece, o paspalho pode se sentar ao lado do Messiê e assistir aos coleguinhas que ainda estão tentando a contratação.

No início desse exercício, as pessoas falam animadamente e, na medida em que vão passando pelo tablado e não vão sendo contratadas, o tom do grupo muda. As pessoas vão ficando sérias. O silêncio vai aumentando na medida em que o exercício da gueixa avança. As pessoas desistem no meio, não acreditam poder ser contratadas, ficam com raiva do Messiê.

De um modo geral, todos começam a buscar estratégias para fazer uma gueixa e quanto mais fazem isso, mais se perdem na brincadeira. O Messiê vai se tornando mais implacável a cada nova incursão técnica de cada um. Não se trata de achar a maneira certa de fazer a gueixa, mas justamente de perder aquilo que se está procurando, isto é, abrir mão de um formato prévio, para se arriscar. É extremamente difícil arriscar e talvez por isso, a cada vez que a música japonesa toca novamente, ela começa a ser acompanhada por um crescente silêncio. As pessoas vão ficando muito quietas e reflexivas por não estarem conseguindo ser contratadas.

A brincadeira continua e as pessoas buscam chegar como podem à aceitação da sua gueixa pelo Messiê. Quando uma pessoa consegue, o Messiê comemora, e isso funciona duplamente. Para a pessoa que conseguiu tem o sentido de um elogio. Para os que continuam tentando, é um certo deboche, por não estarem conseguindo. Nesse trabalho, ser aceito é fundamental e o riso significa aceitação. Portanto, basicamente, eu diria que a moeda de troca é a diversão / o riso.

Julia: "*E você, Clara, como levanta o astral?*"

Vale ressaltar a troca pela forma de perguntar, quando se dirigiu a Mariana usou a palavra *auto-estima*, enquanto que para Clara falou em *astral*. Quando se pensava ou falava em Clara nesse grupo, operar traduções era imprescindível.

Quando o primeiro pensamento é: eu quero acertar, o processo de perder fica deslocado e passa a ser muito mais difícil achar uma gueixa que possa ser aceita pelo Messiê.

Em uma das oficinas, os últimos quatro conseguiram ser contratados, pois se juntaram e fizeram um escravos de Jó. O Messiê os aceitou por terem se unido para tentar algo, foram solidários.

É preciso perder aquilo que se tenta achar, abrir mão!

Clara: *"Humm, estava quase dormindo. Ah, eu me arrumo."*

Julia: *"Você gosta de alguém?"*

Clara: *"Do meu ex-namorado, mas ele não tem juízo. Eu queria ser igual a você (Julia). Assim bonita, que se arruma."*

Depois, ela continuou falando e começou a contar sobre o Dia das Crianças na favela. Ela havia ido a um evento pelo Dia das Crianças. Lá, eles ofereciam bolo e brinquedos de graça, entretanto tinha sido extremamente difícil pegar um pedaço do bolo e os brinquedos para as suas crianças. Havia muita gente e, por consequência, muita disputa para conseguir as coisas.

Clara: *"Meu filho ganhou um carrinho e minha filha uma bicicletinha. Eu pego seis horas da manhã... acordo quatro e saio seis. Eu só descanso no Domingo, mas fico cansada."*

Elza: *"Em que outra coisa você gostaria de trabalhar?"*

Clara: *"Eu gostaria de ter a máquina para fazer fralda e camiseta."*

Elza: *"O que você pretende para seus filhos?"*

Clara: *"Eu não quero que meus filhos me sigam, sejam faxineira. É triste limpar chão. Eu queria que meu filho fosse médico, estudasse bastante. E eu queria ser secretária ou telefonista. A minha mãe é trocadora de ônibus, ela dorme nesses hotéis de um real."*

Clara tem sempre um tom monocórdio para falar.

Elza: *"Quais as opções de lazer lá na comunidade?"*

Clara: *"O que mais tem é convite para sessão de descarrego. Eu não gosto de ir à Vila Olímpica, tem os Terceiro."*

Elza: *"Ah..."*

As realidades são muito diferentes! São mundos distintos.

Cecília: "*Terceiro Comando.*"

Clara começou a contar as histórias de violência na favela. Como escapou de tiros quando os Terceiro começaram a atirar em direção à janela dos moradores.

Clara: "*O Batalhão não aparece, tem quem disque. Aí eles aparecem um pouco. Tem dia que tá fervo.*"

Elza: "*Fervo?*"

Clara: "*Fervendo.*"

No momento da equipe reflexiva, Cecília me pediu para começar, mas eu respondi que não sabia nem como. Dessa forma, Cecília começou falando que tinha gostado de ouvir a Clara falar, uma vez que a mulher trabalha muito sua auto-estima através da aparência. Fiquei atenta, pois ela estava falando de um modo rebuscado acerca do tema, embora ele dissesse respeito ao que tinha sido dito por Clara. Já eu, falei que estava perdida devido à minha ausência no grupo anterior (ver Outros Mapas sessões número 09) e que estava sentindo uma energia mais calma no grupo.

Mariana: "*Eu fico feliz por estar mais calma, não vejo o porquê para soltar a raiva.*"

Elza: "*Eu hoje estou muito cansada.*"

Clara interrompeu perguntando: "*O que vocês fazem?*" A maneira pela qual ela irrompia era muito interessante, pois ela criava situações novas, como, por exemplo, essa: as facilitadoras se viram na obrigação de justificar seu cansaço. Tanto Elza quanto Julia falaram de suas outras atividades fora do NOOS, como, por exemplo, atender, mas a expressão de Clara não parecia ser de alguém que estivesse se convencendo com a justificativa.

Fiquei pensando: não seria meu comentário uma reação pela diferença que eu sentia desse grupo em relação ao grupo de palhaços? Lá tudo é mais intenso e nessa sessão, embora o diálogo entre Elza e Clara tenha sido intenso, o tom preponderante da conversa era monocórdio.

Clara: *"Eu achei que vocês só faziam isso aqui."*

Elza: *"De qualquer modo não é preciso matar um leão por dia em cada grupo. Eu não fiquei preocupada com a energia mais calma."*

Clara: *"Vai ter festa de Natal?"*

Julia: *"Vai, claro. Mas a gente ainda está em outubro, calma."*

Clara: *"Ah, tá (com cara de decepção). A Márcia fica me jogando de um lado para o outro."*

Elza: *"Mas ela faz isso para seu bem."*

Clara: *"Acho que esse negócio nunca vai acabar para mim."*

Elza: *"Você não quer voltar a estudar?"*

Clara: *"Não tenho mais cabeça não."*

Cecília: *"Você poderia começar a procurar outro trabalho."*

Durante uma supervisão do NOOS, Julia começou a falar de Clara ser uma pessoa descomprometida e Elza disse que talvez ela não tivesse que estar no grupo, pois ela é uma *"analfabeta emocional"*. Flávio respondeu dizendo que ela (Clara) talvez tivesse que *"ser pega pela mão"*.

Flávio: *"Sidney (um homem do grupo masculino de violência intrafamiliar) está fazendo terapia individual. Nós explicamos o que ele tinha que fazer. Mas como vocês se sentem?"*

Elza: *"Eu fico cansada. Aqui, eu falo da irritação. Tem que puxar muito."*

Julia: *"Fica cansativo, é muito ancorada. Não flui porque tem ela ali."*

Novamente, Clara irrompia com um tema inusitado.

Recusa por doses homeopáticas.

Flávio é um dos facilitadores do grupo de homens, Nesse dia, ele era o encarregado pela supervisão.

A recalcitrância começa a produzir efeitos.

Flávio: "*Será que vocês têm uma expectativa?*"

Ambas responderam que sim e Flávio começou a contar o caso do homem da metralhadora: um homem que chegou dizendo que iria metralhar todo mundo e hoje está completamente diferente.

Flávio: "*Eu precisei explicar para ele que um grupo reflexivo não é uma terapia, a demanda é diferente.*"

3.7 - A TERAPIA...COMO ASSIM?

Assim, passemos ao relaxamento da oficina de palhaços.

Messiê: *"Imaginem uma grande bola laranja e quente..."*

Todos estão deitados sobre o tablado, de olhos fechados.

Messiê: *"Pés de raízes... e o sol: uma grande bola laranja e quente..."*

Algumas pessoas respiram mais profundamente, outras sorriem.

Messiê: *"Pés de raízes... pernas de tronco de árvore... e o sol: uma grande bola laranja e quente..."*

O silêncio é grande naquele galpão.

Messiê: *"Pés de raízes... pernas de tronco de árvore... galhos saindo do umbigo... e o sol: uma grande bola laranja e quente..."*

Apenas se ouve a voz do Messiê.

Messiê: *"Pés de raízes... pernas de tronco de árvore... galhos saindo do umbigo... grande rabo de baleia e o sol: uma grande bola laranja e quente..."*

Messiê anda devagarzinho entre as pessoas, sua bengala o ajuda para se equilibrar.

Messiê: *"Pés de raízes... pernas de tronco de árvore... galhos saindo do umbigo... grande rabo de baleia... asas de anjo nas costas... e o sol: uma grande bola laranja e quente..."*

A entonação do Messiê muda quando ele fala sobre *o sol: a grande bola laranja e quente*, ela fica mais grave e o ritmo diminui.

Messiê: *"Pés de raízes... pernas de tronco de árvore... galhos saindo do umbigo... grande rabo de baleia... asas de anjo nas costas... coração de girassol... e o sol: uma grande bola laranja e quente..."*

Algumas vezes se ouve um estalo de madeira enquanto o Messiê caminha. O tablado crepita.

Messiê: *”Pés de raízes... pernas de tronco de árvore... galhos saindo do umbigo... grande rabo de baleia... asas de anjo nas costas... coração de girassol... e dentro uma janelinha... e o sol: uma grande bola laranja e quente...”*

Mais sorrisos, suspiros de satisfação.

Messiê: *”Pés de raízes... pernas de tronco de árvore... galhos saindo do umbigo... grande rabo de baleia... asas de anjo nas costas... coração de girassol... e dentro uma janelinha... Daí um pontinho preto... e o sol: uma grande bola laranja e quente...”*

Resta uma pergunta: aonde irá chegar esse relaxamento?

Messiê: *”Pés de raízes... pernas de tronco de árvore... galhos saindo do umbigo... grande rabo de baleia... asas de anjo nas costas... coração de girassol... e dentro uma janelinha... Daí um pontinho preto... um beija-flor quem vem para o seu girassol...”*

Messiê começa a fazer barulho de beijo bem comprido.

Messiê: *“e o sol: uma grande bola laranja e quente...”*

Mais barulho de beijo.

Messiê: *“O tamanhinho do beija-flor mostra toda a fragilidade da vida.”*

O galpão parece inundar-se daquele beijo de beija-flor.

Messiê: *“Mas, o beija-flor tem que ir embora...”*

Podem se ver algumas lágrimas no rosto das pessoas.

Messiê: *“Mas ele volta e quando ele volta é tão bom, tão bom...”*

E novamente o barulho de beijo, repetido várias vezes.

Messiê: *“Agora, ele vai embora, mas ele pode voltar, basta vocês abrirem a janelinha.”*

Silêncio.

Messiê pede que as pessoas, ainda de olhos fechados, se sentem.

Messiê: *“Agora, olhem para isso que vocês têm nas mãos.”*

Messiê: *“Quando o beija-flor se afasta ele revela toda sua fragilidade. Depois o beija-flor volta para o sol. Quando vocês não estiverem sendo aceitos, lembrem do beija-flor.”*

As pessoas olham para o nariz de palhaço. Ele foi sendo colocado – suavemente - durante o relaxamento, na mão de cada um, pelo ajudante do Messiê.

Messiê: *“Olhem para o nariz, a menor máscara do mundo. Ela lhes dá o direito de serem ridículos. Esse é um símbolo. Podemos ser idiotas, criança de novo, que ninguém acha que é maluco. Coloquem o nariz e se olhem, seus paspalhos.”*

As pessoas se olham, gargalham ou sorriem.

Messiê: *“Façam um bolinho no meio, se juntem, se aconcheguem, façam carinho uns nos outros.”*

Enquanto isso vai acontecendo, ele começa a falar:

Messiê: *“Vocês se lembram da última vez que disseram que amavam alguém? Pensem nessa pessoa que vocês amam e pensem se ela não estiver amanhã presente no café da manhã”. Um dia todos vocês irão morrer, não serão nada. Com sorte, vocês serão um retrato na parede e com mais sorte ainda haverá alguém por perto para dizer quem vocês eram. O que garantiu a sobrevivência da espécie foi a comida e a troca de afeto. Quando falamos de afeto e de acolher não é só exercício da oficina. É condição da espécie, é condição para não perder. Para adiar a perda... Na merda todo mundo é igual. Portanto, seus paspalhos, dêem sentidos à sua existência”.*

Ele pede que todos fiquem de pé em meia-lua e se olhem.

Messiê: *“Vejam como vocês são frágeis. Para quê e para quem vocês vivem? Para quê e para quem vocês trabalham? A serviço de quê e a quê dedicamos nossa energia. Se a gente quer mudar alguma coisa em volta, nada melhor do que começar por onde se trabalha. Para o Messiê, trabalhar e viver: só se for para transformar. Pelo menos morre com um sonho”.*

Resolvida começou a chorar e Messiê pede que ela vá para o centro da meia-lua.



Messiê: *“Essa é a menor máscara do mundo, a que menos te esconde e a que mais te revela.”*

Messiê: *“O afeto é uma condição da humanidade.”*

Desse ponto em diante da oficina, irão começar os picadeiros. Um após o outro.

Messiê: “*Olhe para os coleguinhas e veja o que eles estão te dando*”

Sempre a fragilidade é ressaltada, isso é fundamental na oficina.

Estávamos Julia, Cecília e eu na salinha e começamos a falar sobre a Samanta e o fato de ela ter saído, não estar mais frequentando o grupo. A pergunta que Cecília fazia era com o que Samanta teria ficado, uma vez que a abordagem daquele grupo era o oposto da feminista. Julia discordou dizendo que na verdade a abordagem não é antifeminista, nos grupos se acata o que é trazido pelas pessoas.

Quando o assunto anterior se encerrou, eu perguntei para Elza e Julia se era a primeira vez que estavam fazendo um grupo juntas? Era. Antes, ambas haviam sido estagiárias em outros grupos de mulheres no próprio NOOS.

Durante o cafezinho perguntei à Cecília sobre sua formação. Ela tinha se formado em 1999 e iniciado o Mestrado logo depois. Atualmente estava fazendo a formação em abordagem sistêmica do ITF (Instituto de Terapia de Família).

Na verdade, eu estava tentando checar uma impressão sobre aquele grupo ter como característica estar sendo coordenado por pessoas com pouca experiência profissional prática. Isso significava que o treinamento que haviam recebido para trabalhar como facilitadoras devia estar bem aparente naquela ocasião. Talvez por isso tenha tido essa impressão. Portanto, o grupo que eu estava acompanhando tinha essa rica peculiaridade. Era possível ver, ainda que por impressões, o que deve ser feito, pelas facilitadoras, em um grupo de intervenção como este.

Elza: “Eu gosto muito da horizontalidade desse grupo”.

Logo depois chegou a Karina. O grupo foi realizado somente com ela. Karina começou fazendo um balanço do trabalho até esse ponto.

Karina: *"Para mim o trabalho está sendo muito bom".*

Elza: *"Você se sentiu deslocada em relação às outras pessoas em função do tema mulheres em situação de violência intrafamiliar?"*.

Karina: *"Não. Eu já passei por muitas coisas que elas passaram ou estão passando nesse momento. Eu já disse para três amigas que estou fazendo terapia. Atualmente o que me preocupa é estar tomando a medicação".*

Julia: *"Você tem ido ao médico para acompanhar a sua medicação?"*

Karina: *"Fui a um clínico e ele me receitou 125 mg de Frontal (ansiolítico), três vezes ao dia. Eu tenho TPM (Tensão Pré-Menstrual) e no sábado comecei a sentir os sintomas, tomei Frontal e melhorei".*

Tanto Elza quanto Julia escutavam Karina falar da medicação e da história da TPM.

Julia: *"O que você tem escutado aqui, o que você tem visto aqui tem te ajudado?"*.

Karina: *"Sim. Eu precisava resgatar esses momentos".*
(imagino que se referia às situações de violência vividas anteriormente)

Julia: *"... isso amplia seus recursos para em determinadas situações não usar só o remédio".*

Elza retoma a pergunta sobre como o grupo estava sendo útil.

Os episódios de violência que viveu tinham acontecido há quinze anos atrás.

Para mim é muito artificial a situação de estar na equipe reflexiva de um modo geral. Em especial, naquela situação com apenas uma pessoa só falando. Por outro lado me lembro da experiência com Nathan e de como a *denúncia crítica* me serviu muito pouco para compreender o que se passava ali.

Karina: *"O resultado tem sido positivo por eu poder compartilhar essa dor. Já falei para o Arnaldo que o pai dele era alcoólatra, mas não gostaria de falar com ele sobre as agressões dele comigo".*

Julia: *"Como você se sentiu falando disso com seu filho?"*

Karina: *"Foi duro, foi difícil, mas eu não queria contar uma historinha para ele".*

Elza: *"Talvez você mesma vá saber o momento de falar com seu filho sobre as situações vividas com seu ex-marido".*

Elza contou que para falar com sua filha sobre sua separação foi um processo iniciado aos poucos e que teve muitas etapas.

Julia: *"Talvez não precise ser você a contar para ele".*

Elza: *"Talvez ele possa perguntar, descobrir sozinho".*

Logo depois se iniciou uma discussão se ali era ou não um lugar para ser chamado de terapia, pois Karina havia chamado novamente o grupo de terapia.

Elza: *"Aqui a gente não chama de terapia, apesar de ter efeitos terapêuticos".*

Karina: *"Por que não chama de terapia? Não entendi?!"*

Julia: *"É por que aqui a gente não faz um mergulho tão profundo. A terapia é um processo mais longo. A terapia não trabalha com a metodologia que nós trabalhamos aqui, não tem um tema focal. O grupo é mais diverso".*

Eu percebi essa fala como remetendo ao que era o treinamento recebido pelo psicólogo. Ele era instruído por essa idéia de profundidade, de a terapia só ser possível em um tempo longo. No entanto, esses parâmetros servem somente

aos psicólogos, não parecem ser acompanhados pelos não psicólogos.

Nesse momento, Karina não aceitava a fala das facilitadoras, sua recalcitrância mobilizava o coletivo, revelando seus limites. Esse debate foi muito exemplar desse movimento de definição e da necessidade de traduções múltiplas para tornarem esse campo psíquico passível de ser negociado.

Elza: *"Mas nada impede que você tenha uma terapia para você".*

Karina: *"Mas, eu gostei de ter um tema, isso resgata as pessoas. Mas, como é terapia em grupo? As pessoas não ficam caladas?"*

Julia e Elza: *"Não, as pessoas falam."*

Karina: *"Mas as pessoas não se conhecem, como falam um do problema do outro?"*

Julia: *"Mas o terapeuta puxa pelas pessoas, ele está atento."*

Elza: *"O processo grupal aqui é muito parecido."*

Para convencer Karina, elas usaram exemplos de situações vividas no transcorrer daquele próprio trabalho.

As contradições funcionam bem para mostrar como há perdas durante as traduções

Karina: *"Tá..."* (dito sem muita convicção).

Julia e Elza: *"Mas por que você tá perguntando?"*

Karina: *"Eu sou curiosa e tinha vontade de fazer terapia individual."*

Julia: *"E o que te preocupa?"*

Karina: *"Acho que não vou abrir a boca. Aqui, o fato de todas nós termos vivido situações parecidas funciona como uma ligação muito forte e eu não sei se me sentiria à vontade em uma terapia."*

Julia: *"Na terapia se faz primeiro o vínculo, mesmo que ele seja sofrer ou não sofrer violência."*

Karina: *"É muito importante saber que as outras pessoas vão entender o que a gente passou, a gente se sente aceita, sem culpa. É bom saber que as pessoas estão te ouvindo como deve ser ouvido."*

Essa fala me lembrou a fala do paciente turco durante a sessão etnopsiquiátrica.

Elza começou a contar sobre a conversa a respeito do antifeminismo da pré-sessão, *"O que você (Karina) acha sobre isso?"*

Julia completou: *"Uma das críticas feitas ao NOOS é o fato de se ter um grupo de homens. Vocês devem puni-los e não dar um grupo reflexivo."*

Karina: *"Não concordo. Eles também precisam de ajuda."*

Julia: *"A gente acredita que a violência é construída pelos dois."*

Karina: *"É verdade."*

Julia: *"Nós preferimos, ao invés de usar a palavra culpa, utilizar a palavra responsabilidade. Essa conversa que nós temos aqui te ajuda a contar para o Arnaldo?"*

Karina: *"Sim."*

Julia: *"Na nossa cultura é mais aceito ter um problema físico do que um psíquico."*

Karina: *"É mesmo. Quando eu cheguei aqui me sentia um lixo e agora estou me sentindo melhor, conseguindo curtir meu apartamento, isso foi muito bom."*

Elza: *"Apoderamento."*

Karina: *"É mais para confiança. Estou sentindo falta das meninas, estou preocupada em especial pela Cristiane. Eu vivi coisas muito parecidas com ela, é inacreditável ter me permitido passar por esse tipo de coisa."*

Karina começou a analisar cada uma das pessoas do grupo e disse: *"A Mariana tá legal, melhorando com o marido. A Samanta é muito forte, a hora que ela quiser pode virar a mesa. A Joana tem muito apoio da mãe. A Clara eu não sei da história dela, mas ela é muito frágil. Na verdade, estou tentando justificar porque me preocupo mais com a Cristiane. A fortaleza da Cristiane é fachada."*

Elza: *"Talvez, seja bom ligarmos mais para ela, quem sabe estejamos comprando a força dela".* (se dirigindo à Julia)

Julia: *"Mas eu fiquei mais tranqüila depois da última vez."*

Na equipe reflexiva, eu falei sobre a reflexão que a Karina tinha feito sobre as pessoas do grupo e a respeito da conversa sobre terapia. Cecília falou sobre o feminismo de um modo construcionista, isto é, as mulheres são culturalmente colocadas nessa posição inferior. Karina comentou do lugar cultural da mulher.

Elza: *"Eu me lembro do filme "Thelma e Louise". Elas foram donas inclusive do próprio destino. A gente não usa vestidinho à toa."*

Acabo de perceber como o grupo comenta pouco sobre o que é dito pela equipe reflexiva. As pessoas que mais comentam são as facilitadoras. A própria Cecília olhava bastante em direção a elas ao falar. Na realidade, elas são as verdadeiras

Interessante como a pessoa que ela não entende bem, é a pessoa que funciona menos nesse esquema terapêutico.

interlocutoras. Toda a conversa que gira em torno desse vocabulário da psicologia é muito mais compartilhada por aqueles que o operam e era isso que parecia estar acontecendo ali naquela discussão sobre feminismo.

Na pós-sessão, quando ficamos sozinhas as quatro, Julia começou pedindo desculpas à Cecília: "*Desculpa, eu não tive a intenção de ofender ao falar do feminismo. Puxa, você estudou tanto e a gente fala às vezes sem ao menos estudar mais*". Cecília respondeu que não se tratava disso quando falou na equipe reflexiva.

Logo a seguir, retomamos a fala de Karina avaliando o grupo e passamos a falar da força de Samanta. Nesse contexto eu falei: "*Os fortes disfarçam bem. Talvez por isso Samanta requeira mais atenção, pois Karina me parece uma pessoa que já se deu conta, perfeitamente, de suas fragilidades. Nesse sentido, conseguiu sair da situação na qual estava*." Todas concordaram e a conversa praticamente se encerrou.

A dissertação de mestrado de Cecília havia sido sobre gênero.

3.8 - OS PERDEDORES

Messiê: *“Milton Santos diz: se não fosse a lógica do pobre o país já tinha quebrado.”*

O picadeiro do Zorêlia com a fantasia de Nego Fudido começou com o Messiê fazendo perguntas sobre se ele já havia roubado, se já havia matado, se já havia estado no tráfico, se já tinha dado tiros. Ele respondeu que sim para várias dessas perguntas. Ele é um rapaz negro, que atualmente trabalha em circo, é morador do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro e ele estava fazendo a oficina com bolsa, isto é, não precisou pagar. Ele conseguiu comprar uma pequena casa com dinheiro do seu trabalho.

Na oficina ele funciona como um exemplo vivo de um perdedor, que se assumiu na sua condição de perdedor e justamente por isso conseguiu sobreviver e sair do tráfico. Ele foi uma peça chave, seu picadeiro foi extremamente emocionante. A platéia e ele choravam! O lugar do perdedor na oficina é um lugar de destaque, pois revela o palhaço como essa figura.

Messiê: *“Sabem porque o Messiê convida esses nego fudido para fazer a oficina?! É para dar picadeiro para vocês que estão assistindo, para vocês verem de perto o sofrimento, a pobreza, o que é não ter chance. Ele já foi do tráfico, ele foi salvo por projeto social. Ele só tem o que tem porque alguém tentou alguma coisa com ele, porque não deixaram ele para lá.”*

Já o processo de perda para virar palhaço, na maior parte dos casos, irá acontecer durante o picadeiro ou irá receber o devido destaque lá. Assim, Messiê começa a explicar as regras do picadeiro, isto é, por onde se entra no tablado e por onde se sai e que o objetivo é ser contratado. Ele também esclarece qual o sentido do engula e que ele poderá dizer várias vezes isso ao paspalho enquanto ele estiver no picadeiro. Messiê: *“Engula quer*

Era um rapaz que tinha orelhas de abano.

Messiê: *“O palhaço é o perdedor, pobre, o que se apaixona, o que é vítima de várias injustiças e sempre termina só”.*

Messiê: *“A humildade é para os reis, o orgulho é para os suburbanos.”*

Messiê: *“Só quem perde totalmente a dignidade pode chegar a uma outra condição de dignidade.”*

Em todas as oficinas das quais participei sempre havia um bolsista. Todos eles eram negros e exerciam alguma atividade artística.

dizer engolir. Tudo o que Messiê disser no picadeiro é uma ordem. Só se pode desobedecer se o paspalho for expulso. Aí, o paspalho poderá tentar algo para ser contratado.” Messiê se levanta e caminha de um lado para o outro para escolher qual será o paspalho a ir para o picadeiro. Todos esperam sentados em suas cadeiras em silêncio.

Messiê: *Bom, vamos aos cus, sim porque esse é o poder do Messiê: o poder sobre os cus. Quando o Messiê anda para cá os cus daqui apertam e os de lá soltam...Quando ele anda para lá, os de lá apertam e os daqui soltam.”* A expectativa das pessoas vai crescendo visivelmente, elas se mexem na cadeira, o silêncio parece ensurdecedor. Em um determinado momento, ele toma sua decisão e será a bengala a anunciar ao paspalho que ele deve se preparar para ingressar no picadeiro.

A primeira a ir para o picadeiro foi Ervilha, sua fantasia era a de Mulher Maravilha. Ela entrou vestida com um short jeans, uma camiseta vermelha e um cinto com a fivela grande. Na cabeça tinha uma tiara dourada feita de papel e nas mãos um corda. Ao ouvir a música caminhou até o centro do tablado e se posicionou de pernas esticadas e semi abertas, fazendo menção à posição da Mulher Maravilha..

Messiê: *“Seu nome?”*.

Ervilha: *“Mulher Maravilha”*.

Messiê: *“Ah é (em tom debochado), gosta mais de ser Mulher Maravilha do que Ervilha”*.

Daí em diante ele a fez contar algumas coisas de sua vida. Ela contou que era viúva e estava passando por um momento de muita mudança em sua vida. Nesses momentos, as pessoas se comovem, riem e essas são as moedas de troca para que o picadeiro prossiga, agora com o Messiê sugerindo que ela faça gestos de Mulher Maravilha. Ao final, quando todos se divertiram, a bengala anuncia, batendo no tablado, a contratação da paspalha pelo

Havia uma música específica para a entrada do picadeiro, outra para a contratação e mais uma para a saída dos contratados. Isso sem contar a música do Messiê.

Messiê: *“Só rimos do que é verdade, do que é humano.”*

Messiê. Logo em seguida, Messiê se levanta e vai dar um abraço na paspalha, que, por sua vez, depois disso, deve se dirigir à saída do picadeiro, se despedir da platéia e ir para trás do pano. Lá ela tira sua fantasia e retorna para sua cadeira de onde irá assistir aos picadeiros que seguem. Enquanto a pessoa se troca, o Messiê volta a fazer seu percurso em busca do próximo paspalho a ir para o picadeiro.

Assim que cheguei ao NOOS um dos seus funcionários me avisou que estaria saindo de lá. Logo depois, chegou Julia e me deu a mesma notícia, estaria deixando o NOOS, esse seria seu último grupo. Antes do início do grupo as conversas giraram em torno de concursos para residência em Saúde Mental e da dificuldade em se estabelecer como psicólogo.

Vimos chegando Clara e Karina. As facilitadoras tinham decidido trabalhar o tema "rede" anteriormente, mas adiaram em função do número de pessoas presentes, optando pelo tema "amor".

Passamos ao grupo, Clara trouxe a foto dos filhos pequenos para mostrar ao grupo.

Karina: *"Quando estava vindo para cá, vi os carros da polícia passando com as armas para fora."*

Julia: *"Como vocês estão?"*

Clara: *"A Márcia disse que dia 4 de novembro eu vou ter que contar para ela do que eu brinquei com as minhas filhas?"*

As pessoas começaram a dar sugestões para Clara de possíveis brincadeiras: amarelinha, dominó, elástico. Todas as sugestões foram rejeitadas por ela.

Clara: *"Eu chego cansada do trabalho!"*

Elza: *"Mas, então o que você gostaria de fazer?"*

Clara: *"Eu gostaria de ir para a Quinta da Boa Vista, mas tem que ter dinheiro."*

Julia interrompeu falando que tinham pensado um tema para hoje. Elza começou a falar dos temas guardados no cavalete traduzindo-os para Clara. *"Auto-estima é gostar de si. Dependência Química é vício. O que é amor?"*

Clara: *"Ah, amor é o que eu dou para os filhos, para a família, para mim."* Respondeu enquanto olhava para a listagem de temas escrita no cavalete.

Julia: *"Acho que você tem preguiça de pensar."*

Clara: *"Não, é que eu não sei responder essas perguntas."*

Elza começou a tentar ajudá-la a responder a pergunta. Praticamente ela falava as respostas esperadas.

Julia: *"Mas ninguém entende qual é sua história."*

Clara olhou desconfiada para Julia quando ela disse não saber de nada. Então começou a contar a história sobre a denúncia que a mãe havia feito para o Conselho tutelar. Ela havia acusado o ex-marido de Clara de ter abusado sexualmente de suas filhas. Clara prosseguiu, relatando sua ida ao Conselho. Quando ela chegou lá, não sabia nada a respeito da acusação. Ela falava de um modo muito arredo e repetia algumas vezes que ela nunca tinha visto nada do ex-marido em relação às filhas.

Ele foi chamado à delegacia e o delegado disse que ele não tinha cara de abusador. Nesse momento Karina deu um salto da cadeira, ficou com raiva de como toda a situação de Clara tinha sido conduzida. *"Como o delegado pode falar isso?"*. Clara chegou a dizer ao delegado que o ex-marido nunca a

procurava (sexualmente), mas o maior motivo de indignação para Clara era ele nunca ter sido, realmente, convocado pelo delegado.

Karina parecia muito mobilizada com a atitude que a mãe da Clara tinha tomado, em especial, com a frase que ela havia dito ao fazer a denúncia: "*Ela (Clara) é muito parada.*"

Karina: "*Mas, você se acha parada?*"

Clara disse que nunca tinha visto o homem mexer nas filhas. Karina esclareceu a pergunta que tinha feito.

Clara: "*Eu não me sinto parada.*"

Julia cortou para encerrar e Elza destacou o quanto Clara havia sido bem cuidada por Karina.

Ao final, Karina disse que havia falado para uma amiga que estava fazendo terapia. Elza riu e Karina reagiu corrigindo para processo terapêutico.

Isso provavelmente remete à discussão sobre se aquilo é ou não terapia. Aqui poderia se pensar no sábio que Latour (2001) trabalha, como aquele que retira os ignorantes do obscurantismo.

Eu falei que apreciava Clara ter falado e Karina ter conseguido ajudá-la. Cecília disse que Clara parecia às vezes estar em um filme do qual ela não fazia parte. Faltava-lhe coragem para enfrentar as situações. Enquanto Cecília falava, Clara começou a mexer na bolsa e Julia lhe fez um sinal (apontou o ouvido com o dedo indicador) para que ela escutasse o que estava sendo dito.

Karina disse que é difícil decidir coisas, ela devia se sentir sem forças. Enquanto Karina falava, Clara fazia que sim com a cabeça.

“Presentemente, entendemos que a estrutura da equipe reflexiva oferece a possibilidade, para aqueles que nos consultam, de enquanto escutam a equipe, se fazerem novas perguntas, obtendo assim distinções.”
(Andersen, 1991, p.65)

Foi interessante ver a reação tão distinta de Clara, enquanto escutava Cecília e depois Karina.

Clara: *"Minha mãe disse que só não mandou matar por causa das crianças pequenas."*

Karina: *"Quem decide a sua vida é você."*

Elza: *"A gente começou com amor e fechou com amor. Foi muito bonito o que você fez com uma parceira."*

Julia: *"Não te escutamos no amor, mas você o demonstrou" (se dirigindo à Karina) .*

Karina: *"Amor para mim é cuidar, proteger."*

3.9 - A REDE

No picadeiro de Hiena, fantasiada de Bob Esponja, a questão se colocou logo em sua entrada. Quando ela entrou Messiê fez cara de desconfiado. Ela fazia cara de idiota (ela é uma pessoa que já trabalha como palhaça) e o Messiê não estava convencido se essa era uma cara verdadeira.

Messiê: *“Arte do Palhaço é a arte de revelar e não a arte de esconder!”*.

Messiê começou a dar dicas de gags para que ela as fizesse no picadeiro. Contudo, ela começou a chorar muito e o Messiê pediu uma fila atrás dele para que um de cada vez desse beijinho nela.

Messiê: *“Diante da morte e do amor todas as máscaras caem”*.

No início ficamos conversando, Elza, Julia, Cecília e eu sobre nossas próprias respostas para a dinâmica do “com quem eu conto...”. Ela consiste em responder com quem se conta para diversas coisas na vida, tais como: dinheiro, filhos, para conversar, entre outras.

Logo depois falei da estrutura da sala e como ela parecia uma sala de aula, o que de alguma maneira tornava menos estranha a maneira com que Clara se referia aos encontros, isto é, chamando de palestra.

Vieram para o encontro Karina, Cristiane, Clara e Mariana.

Julia disse para Cristiane: *“Você está com a cara boa.”*

Ela respondeu dizendo que estava muito mal, *“enquanto eu estava na Bahia percebi que meu marido tem outrd’*.

Na medida em que Messiê cumprimenta as pessoas uma a uma a cada dia de oficina, ele pode lhes fazer algum comentário

Messiê: *“Jamais serás quem tu não és.”*

Messiê: *“Vejam a generosidade humana, digna de figurar no museu”*.

- 1 Para me divertir
- 2 Para conversar sobre meus filhos
- 3 Quando estou doente
- 4 Quando estou triste
- 5 Quando preciso de dinheiro
- 6 Para conversar sobre trabalho
- 7 Para conversar sobre amizade, amor
- 8 Para fofocar

sobre a sua cara, se está com cara de medo ou com a cara melhor do que no dia anterior. Ele pode inclusive dizer frases sobre a vida da pessoa ou seu modo de ser, toda a vez que ele acerta (isso fica nítido pela expressão da pessoa que escuta), ele pergunta: *“Como é que o Messiê sabia?! O Messiê sabe tudo, ele vê tudo.”*

Isso cria uma atmosfera de estar em um espaço sem fronteiras entre as pessoas e o Messiê, mesmo entre as pessoas entre si, pois quando alguém está no picadeiro o Messiê pode perguntar: *“O que vocês estão vendo?”* Isso novamente fabrica uma situação de estar sem fronteiras. O interior das pessoas não existe, enquanto uma instância a ser desvendada, ele está sempre ali colocado.

Um bom exemplo disso foi o caso do rapaz negro pobre, que tinha as orelhas de abano, e seu apelido ficou sendo Zorêlia, assim como, sua fantasia foi a de Nêgo Fudido. Nada fica excluído, nada está ali para ser cuidado. Qualquer coisa pode ser fabricada com o intuito de instalar o estado do palhaço.

Cristiane: “Pensei em fingir que nada estava acontecendo, mas não consegui. Falei com ele, ele negou tudo. Tentei me reaproximar dele em um momento, mas vi que ele não desistiu. Eu sou como um gato, preciso de toque...(chorando) Decidi me afastar, não posso suportar essa situação. Qual foi o remédio para isso que estou sentindo?! Arrumar outro! (riu). Isso me deu alegria.”

Elza: “E se você buscar ajuda terapêutica, de casal?”

Cristiane: “Ele não quer.”

Julia e Elza: “O que o grupo acha?”

Karina: “É melhor não perguntar para mim.”

Cristiane: “Se existe uma terceira pessoa, vai existir uma quarta.”

Resignada (fantasia de Menina Sapeca)
Filha de evangélicos e órfã de pai. Seu maior desejo é poder ser como ela de fato é, mas se sente muito tolhida pela mãe.

Karina explodiu dizendo que ele (marido) só estava interessado no dinheiro dela. Cristiane respondeu dizendo que ele estava mais tranquilo (se referindo aos episódios de violência).

Karina: *"Ele vai continuar te dando porrada."*

Cristiane: *"Mas eu preciso dele."*

Mariana: *"Mas ela tem o direito de não querer. A gente não tem que dizer o que ela tem que fazer. Na verdade é claro que foram 30 anos de dependência emocional, ela idealizou a vida para ele."*

Cristiane: *"Não. Eu gosto dele!"*

Mariana: *"Você precisa se ajudar, porque senão você vai ficar nessa dependência. Só você pode pedir ajuda e fazer isso."*

Quando a discussão começou a ficar muito inflamada, Elza interveio pedindo que escutássemos mais.

Elza: *"Nenhum ponto de vista é melhor que o outro. O bom é escutar vários."*

Enquanto Cristiane chorava muito, Clara disse: *"Eu sinto pena e vontade de chorar."* Karina chorava e olhava para o lado.

Karina: *"Eu tenho raiva da época de tanto desamor. Não existem muitos casais verdadeiros."*

Cristiane: *"Em 30 dias eu tomei um banho de realidade. A atitude dele é dúbia na hora que ele sente ciúme. Eu estou olhando em volta e vendo um monte de gente bonita, eu preciso me distrair. Eu sou tão dependente, que o fato dele ter ciúme me aproxima dele. Eu sou muito dependente, eu gosto muito dele."*

A essa altura, o contrato de convivência já havia sido absorvido e não era preciso olhar para o cavalete.

Elza: *"As duas coisas são verdades. Tanto o que a Karina falou, quanto o que a Mariana falou. Dependência emocional é a mesma coisa que amor?"*

Cristiane: *"É impossível amar e ser livre. Pelo medo de perder, eu estou apaixonada."*

Elza: *"Existem outras possibilidades."*

Cristiane: *"Ah é, então me diga. É muito difícil. Eu sou muito ciumenta, então eu não consigo suportar a traição."*

Elza: *"Você está sem nenhuma aliança com os seus filhos?"*

Cristiane: *"Eles estão neutros."*

Elza: *"Como é que outro pode ser ele mesmo. Pense nisso. Veja bem se você está sendo convidativa, realmente, para que ele vá a uma terapia de casal."*

Karina: *"Meu filho perguntou porque as mulheres são tão dominadoras."*

Cristiane: *"Todas não, eu sua mãe, é que sou assim."*

Karina: *"Meu filho estava vendo desenho e disse isso. É que a mocinha usou a dominação da sedução."*

Elza: *"Nós mulheres somos mandonas."*

Clara: *"Eu não sou de mandar."* E começou a contar situações do trabalho em que ela recebe ordens.

Elza corrigindo: *"Mas nós estamos falando de amor e não de trabalho."*

Clara: *"É, eu não mando não."*

Mariana retomando a conversa diz para Cristiane: *"Você não pode abandonar sua vida pelo seu ideal de homem. A filha do Mauro disse que estava com febre e ele deu dinheiro para ela, fiquei com raiva a ponto de explodir. Era tudo mentira, ele*

Ajuste de rota!

ficou com raiva, mas com ela foi um doce. Eu despejei tudo nele, dizendo que ele estava cego, era egoísta. Mas meu medo era perdê-lo. Eu preciso me curar, mas eu não posso fazer tudo sozinha. Precisamos priorizar nossas vidas. Se a gente quer conquistar nossos maridos a gente não pode lutar pelo relacionamento, também é o relacionamento deles." (grifo nosso)

Mariana começou a fazer terapia individual e era impressionante perceber nela como havia começado a ficar mais fluente nas traduções necessárias a um discurso mais psicologizado. Algumas idéias implícitas e explícitas ficam evidentes na fala anterior, quais sejam: idealização do outro, mecanismo de projeção, a importância do outro na relação.

Cristiane: "Talvez, não dê para gostar sendo menos dependente, apesar de que eu ache que é preciso ter envolvimento, eu preciso me fortalecer na terapia."

Julia: "Que outros recursos você tem?"

Cristiane: "Minha força que está adormecida. Eu posso ser independente desde que eu saiba que está tudo bem ali."

Elza decidiu iniciar a dinâmica do com quem eu conto:

- 1 Para me divertir
- 2 Para conversar sobre meus filhos
- 3 Quando estou doente
- 4 Quando estou triste
- 5 Quando preciso de dinheiro
- 6 Para conversar sobre trabalho
- 7 Para conversar sobre amizade, amor
- 8 Para fofocar

Provavelmente, na tentativa de ampliar recursos para Cristiane.

Elza: "É muito importante não estar só. Eu acredito que a questão não seja arrumar um amante, mas ter com quem contar."

Cristiane: "Por enquanto, isso só me distrai, talvez isso seja uma maneira de não me sentir tão dependente... Eu chego a compreender as porradas que o homem dá como uma fraqueza, por não conseguir lidar com nossa maneira ardilosa". (grifo nosso)

Elza: "Se ele fosse uma pulguinha seria muito bom ele te escutar."

Julia: "Eu também acredito, pois você também está se implicando."

Cristiane: "O desejo de controlar da mulher, o desejo de poder é tão grande que eu tenho pena dos homens. Principalmente agora que está se abrindo um espaço para nós estarmos com as asas soltas. A TV vende o poder da sedução."

Enquanto Cristiane falava Julia e Elza faziam sinal de sim com a cabeça.

Cristiane: "Eu disse isso a ele na fazenda, tivemos conversas boas. Mas o que me faz sofrer é que, apesar de tudo, ele não desistiu. Falei com uma amiga e ela disse que isso é da idade, não desista do seu casamento, mas eu não consigo, é muito sofrimento."

Elza: "Ele sabe que você vem aqui?"

Cristiane: "Ele não gosta, sente raiva."

Elza puxou a palavra para a equipe reflexiva,; na verdade, só eu estava presente nesse dia. Eu falei sobre a importância da fragilidade, no sentido de trazer à tona a possibilidade de contar com as outras pessoas, estejam elas

Parece que funcionou!

Esta fala será retomada em encontros posteriores.

"A posição de escuta também poderia ser chamada de posição reflexiva."
(Andersen, 1991, p.87)

concordando ou discordando. Na verdade, estava tentando relevar a questão da rede de relacionamentos implícita na proposta daquele encontro.

Cristiane: *"Puxado hoje, né?!"*

Karina: *"Você (Cristiane) vai pedir ajuda para a terapia de casal?"*

Cristiane: *"Vou sim."*

Karina: *"Mesmo que você se mostre fragilizada, não fique com medo de ser tripudiada."*

Cristiane: *"Eu tenho me mostrado. Porque não pode ser ruim ele saber que eu gosto dele."*

Julia: *"Será que a sua própria mudança não pode ser para você mesma, em vez de um amante, uma amiga."*

Karina: *"Alguém tem notícias da Joana?"*

Julia: *"Nós ligamos, mas sentimos que estamos insistindo muito."* E assim se encerrou esse encontro onde o que se tentou fabricar foi uma malha para dar suporte à Cristiane.

A fragilidade passa a ser negociada junto com a perda, percebo isso nos momentos em que alguém chora ou nos momentos em que declara, mesmo que implicitamente, uma perda.

No entanto, é sempre o riso que rouba definitivamente a cena. Os afetos ou emoções das pessoas ficam sempre em cena através dos trejeitos, dos choros, das reações, enfim, através dos pequenos detalhes que o Messiê faz sempre questão de realçar.

No quarto dia de oficina, ao invés de começarem o trabalho pelo Escravos de Jó, Márcio fala da energia generosa de trabalho que vai se criando ali, através da presença das pessoas e da força do grupo. Essa energia tem como característica se instaurar no exato momento em que ele bate uma palma.

Julia passou os envelopes para o pagamento.

Ouve-se o som de uma palma seguido de silêncio.

Pela Saco chegou atrasado e teve que pedir desculpas ao Povo de Paris. Esse procedimento é guardado pelo Messiê, em geral, para aqueles que faltam com humildade. Todos os integrantes da oficina fazem uma meia lua de pé sobre o tablado constituindo o Povo de Paris, já o paspalho, que terá que pedir desculpas, fica no centro.

Ele deve ficar com o dorso dobrado para frente, os braços para trás, ao longo das costas e o olhar dirigido aos coleguinhas. Nessa posição ele deverá começar a dizer: “*Desculpas, povo de Paris.*” Caso, o Povo de Paris perceba verdade e humildade em seu pedido colocará o polegar para cima. Caso contrário, o polegar apontará para baixo. Se assim for, Messiê dá um tapa na testa do paspalho e ele terá que pedir novamente desculpas até que todo o Povo de Paris tenha se convencido, isto é, todos estejam com os polegares apontados para cima.

Além de Pela Saco ter passado pelo pedido de desculpas ao Povo de Paris, ele ficou de castigo várias vezes durante seu picadeiro, o que culminou em um acesso de choro que precisou de tempo para acalmar.

Antes do acesso, Messiê pediu que Pela Saco voltasse ao picadeiro de um de seus castigos e lhe perguntou se estava com raiva da situação.

Pela Saco: “*Estou!*”

Messiê: “*Então xingue.*”

Pela Saco: “*Filha da Puta.*” (berrando)

Foi impressionante a intensidade do grito. Logo a seguir, ele começou a chorar e o Messiê se aproximou colocando a mão sobre o peito dele. Ele se curvou chorando cada vez mais até o momento em que caiu no chão. Messiê pediu que o grupo se aproximasse e o abraçasse, no entanto ele continuava com uma expressão bastante alheia.

O castigo é ter o picadeiro interrompido e ir para trás do pano pensar no que está fazendo de errado. Enquanto isso, outros picadeiros acontecem sem que ele possa assistir. Depois de um tempo, Messiê volta a chamar o paspalho para tentar novamente sua contratação.

A pedido do Márcio (nesse momento sua voz não era a do Messiê) nós o levamos, carregado, para trás da lona que fica no picadeiro. Eu e Marcelo (um psicólogo que também fez a oficina e nesse dia estava assistindo) ficamos com ele lá atrás tentando fazer com que ele fosse retornando. Eu coloquei as mãos dele apoiadas no chão e minha mão sobre seu peito, enquanto Marcelo segurava seus pés. Eu, durante todo esse tempo, me perguntava: e se ele não voltar ao normal? Ele não fixava o olhar, seus olhos vagavam de um lado a outro e o choro era desconsolado. Mas aos poucos ele foi voltando e conseguindo me olhar. Nós lhe demos água e balas.

Nesse ínterim, estava acontecendo o picadeiro da Ostra. Quando ela saiu, nós ainda estávamos lá atrás. Ela olhou na direção de Pela Saco e eu fiz um aceno com a cabeça indicando que ela podia se aproximar. Eles se abraçaram. Logo depois chegou a Quase e eles também se abraçaram. Ele voltou a chorar, mas não da mesma forma que antes. Nesse momento, eu já estava mais tranquila.

A seguir houve um intervalo. Quando retornamos, o Messiê chamou o Pela Saco mais uma vez ao picadeiro. Eu entrei com ele, mas logo depois saí e ele ficou sozinho. Messiê perguntou se ele estava melhor e o que gostaria de fazer. Ele começou a cantar as músicas do coral que ele integrava quando era criança, ele havia feito parte dos Canarinhos de Petrópolis. Foi um momento bastante bonito e emocionante! Ele parecia leve, embora muito mobilizado, foi contratado pelo Messiê e recebeu além de seu abraço uma fila de beijinhos de cada coleguinha. Enquanto isso, eu tentava me refazer, estava exausta (acho que, principalmente, pela tensão).

Mais uma vez, o que permitiu que essa situação se dissolvesse para terminar na contratação de Pela Saco foi todo o suporte dado pelo grupo, ou seja, a rede que parecia ter efeito ali.

Eu comecei a me preocupar com o descontrole de Pela Saco. Depois soube que o próprio Márcio também, “*é, ele perdeu a aderência.*”.

Messiê: “*Vocês não são quem vocês pensam que são. O verdadeiro ser humano é o que sobra depois da dor e da solidão.*”

O silêncio e os sorrisos da platéia eram gigantescos.

3.10 - OS PARÂMETROS

Um elemento interessante para ser descrito é a entrada do Messiê no início de cada dia de oficina. Estão todos os paspalhos de pé no tablado e começa a se ouvir uma música que será repetida diversas vezes durante a oficina. Ela é a música do Messiê. Junto a isso, escuta-se o barulho de algo que bate no tablado, fazendo vibrar a madeira abaixo dos pés de cada um. O que será? Ainda não se vê nada, apenas se ouve a música e a batida com um ritmo compassado. Aos poucos, o barulho da batida vai se aproximando de uma das beiradas do pano... Pronto, eis que aparece o Messiê! E o barulho que se ouvia era da bengala batendo no chão!

Ele caminha, devagarzinho, até o centro dos paspalhos e aguarda. Mas ele aguarda o quê? Ninguém sabe! Assim sendo, ele, decepcionado, vai embora, retorna para trás do pano. Os paspalhos se entreolham na tentativa de descobrir o que houve, onde erraram. Novamente ouvem-se a música e sua bengala a apará-lo. Ele aparece mais uma vez, vai ao centro e aguarda. O que ele espera dos paspalhos? Eles não têm a menor idéia. Finalmente, Messiê diz: *“Não é assim que se recebe um Messiê!”* Dito isto, deixa o centro, rumo ao pano. Os paspalhos se organizam tentam inventar às pressas um modo de receber o Messiê, a música e a bengala anunciam sua próxima chance.

Ele, agora mais vagaroso do que nunca, já imaginando o equívoco que os paspalhos cometerão, chega ao centro e espera: alguns paspalhos se curvam, outros batem palmas, enquanto alguns continuam parados, talvez ainda sem saber o que ele está a esperar. Finalmente, eles parecem ter conseguido. Dessa vez, Messiê chega a pensar em sair, mas releva os possíveis erros e acolhe os paspalhos em sua ignorância. Ele se curva, cumprimentando os integrantes da oficina.

Tendo em vista a entrada do Messiê e a frase dita por Márcio (justo antes de iniciar a brincadeira do escravos de Jó), “*A confiança neste trabalho é fundamental. Sigam seus limites, não tentem se superar*”, é possível intuir qual será o estilo dos parâmetros.

Sendo assim, a seguir transcrevo algumas máximas do Messiê que vão ajudando a fabricar as balizas da oficina de palhaços.

“*Curvem-se ou serão dobrados.*”

“*Dar não dói, O que dói é resistir.*”

“*Tem gente que erra e tenta disfarçar. Tem gente que diz, convicta, não vou errar. Os dois são ridículos.*”

“*O palhaço não se opõe à lei da gravidade, o palhaço é aquele que cai e aquele que erra.*”

“*O palhaço é um idiota e justamente por isso é feliz.*”

“*O riso é a aceitação.*”

Contei para Cecília as coisas que aconteceram no encontro anterior, no qual ela não havia estado presente. Justo quando Julia chegou, eu estava contando sobre a fala da Cristiane “*sobre entender o fato dos homens darem porrada*”. Julia disse que teriam que retomar essa fala, pois nada justificava a violência.

O grupo começou com Karina lendo uma frase de um livro de Marina Colassanti: “*compartilhar um momento é criar um monte de verdades.*”

Mariana perguntou sobre Samanta e tanto Julia quanto Elza responderam que o marido dela desistiu do grupo de homens e ela acabou desistindo também. Já Joana disse, em um telefonema dado às facilitadoras, estar bem e que não precisava vir ao grupo agora.

Enquanto nós conversávamos na salinha, Karina ficou lavando a louça, Karina: “*Adoro lavar a louça.*”

Julia: *"A gente queria retomar a sessão passada. Inclusive seria bom se a Cristiane estivesse presente. Nós queríamos comentar a fala sobre 'entender a atitude de dar porrada'. Na verdade, nada justifica a violência".*

Mariana: *"Tem o filme a Cor Púrpura, um momento em que a mãe bate nela. É, isso não pode."*

Elza: *"Quem ama não mata, nós aqui não podemos justificar a violência."*

Julia: *"Nossa idéia é a da não-violência. É preciso buscar outros meios."*

Quando Julia e Elza escutam as mulheres, sempre fazem muito sinal de sim com a cabeça. A escuta certamente é um operador na prática terapêutica, esse intermediário garante a aceitação.

Mariana: *"Em um programa que desenvolvemos na Baixada, as mulheres falam muito sobre a violência que sofrem. Para mim é chocante ver isso em classes mais altas."*

Julia: *"As de classe alta vão para os consultórios."*

Elza: *"O que você acha que faz as mulheres encobrirem?"*

Mariana: *"Auto-estima baixa."*

Karina: *"Acho que é um pouco cultural e tem o medo de se expor. Eu acho que as mulheres na península Ibérica são mais submissas. Nós herdamos essa cultura. Medo de se expor e de se impor. Há muito preconceito, mentalidade tacanha."*

Elza: *"Vou listar no quadro para organizar."*

Julia: *"Se a gente for pensar, o patriarcado está voltando."*

"O motivo de nós acreditarmos nesse trabalho de homens, é acreditarmos nos direitos humanos" Frase dita por um supervisor do NOOS.

No grupo de palhaços, como dito anteriormente, a aceitação é o riso provocado.

Na medida em que as pessoas iam falando Elza ia escrevendo no quadro:

Por que as mulheres não denunciam e/ou tomam providências?

- auto-estima baixa

- medo de se expor

- medo de se impor

- razões culturais (quanto à submissão)

- a violência e o preconceito nos atendimentos dentro das instituições

- insegurança geral quanto ao sistema

Karina: "Não existe possibilidade de conter a violência geral, que dirá a violência doméstica. Eu li no jornal que passou uma lei sobre a violência, mas a nota era pequena."

Elza: "Alguma coisa sobre o parceiro ocorre a vocês?"

Karina: "Ah, tem. Eu o amava e queria mudá-lo."

Elza: "Isso pode ser chamado de uma ilusão de mudança dentro da relação".

Julia: "É a ilusão mesmo de mudar o outro."

Mariana: "Nós mulheres temos a idéia de que podemos mudar tudo."

Elza acrescentou no quadro:

Cinderela + Mulher Maravilha

Mariana e Karina discordaram sobre a definição no quadro.

Elza: *"Talvez seja possível pensar que não são coisas excludentes."*

Elza contou sobre um caso de agressão onde o delegado fez a seguinte consideração: *"Com esse tamanho, como é que você apanhou?!"*.

Karina: *"Mas quando você vê uma pessoa que você ama te batendo, você fica desarmada."*

E no quadro, mais itens:

Medo

Perdão (depois apagou e colocou *Capacidade de perdoar apesar das evidências*).

Karina: *"Eu fico surpresa porque aqui só estamos nós duas, apesar de que uma mulher apanha a cada 15 segundos."*

Elza: *"Por alguma razão, as mulheres parecem menos solidárias do que os homens."*

Mariana concordou e Karina falou que o homem vem mais ao grupo porque tem tudo pronto em casa.

Julia: *"Nós não podemos, de qualquer modo, cair no lugar da vítima."*

Karina: *"Ah, mas a gente é cheia de coisa. Eu entendo a Clara e a Samanta. É barra!"*

Elza: *"É preciso aprender a delegar."*

Karina: *"Mas a Samanta não tem a quem delegar."*

As facilitadoras se colocam claramente, isso poderia ser pensado como a influência proposta pelo Nathan (2001). Nesse sentido, a prática terapêutica não teria nada de Ciência e sim de ciência. Pois isso é colocar-se em risco. Como a definição no

quadro onde as duas discordaram. Acredito que a própria possibilidade que as pacientes sentem de discordar revela esse risco dos facilitadores. É verdade que, no momento em que elas têm uma visão prévia do que é que se tem que conquistar nesse processo, estaríamos pensando em Ciência (aqui com C maiúsculo por se referir a essa Ciência situada em uma instância "meta", transcendente). Mas acho que os facilitadores, se questionados, não teriam dificuldade em reconhecer que cada um leva o que pode ou o que quer.

Mariana: *"A Samanta tem a mãe. Eu tenho que arrumar tempo para me cuidar."*

Karina: *"Você tem razão, mas a sua situação é diferente da Samanta."*

Elza: *"Pode ser que para ela seja o melhor agora, quando mudar ela pode querer se tratar."*

Julia: *"Mas não podemos justificar, porque só nós mesmas podemos mudar."*

Sem dúvida, em muitos momentos, ficam claros os parâmetros do que é estar bem em um processo terapêutico. É preciso saber se cuidar, ter uma auto-estima alta, saber colocar as questões em uma relação, ter vontade para mudar as situações difíceis na vida, não se vitimizar, entre outros.

Elza: *"Mas nós, aqui dentro, não estamos repetindo a exclusão externa. Clara é uma pessoa que pode se beneficiar mais. Temos que botar mais algum motivo no quadro? Tem a questão da proteção".*

No quadro:

Proteção ao parceiro + ser maternal

Karina: *"Isso me faz lembrar o lado maternal, muitas vezes tratamos os homens como crianças"*.

Mariana: *"Mãe sempre perdoa. Vi uma cena de um documentário em que um cara dizia para a mãe: 'a infância que você viu não foi a mesma que eu tive' e as flores que o rapaz dava para a mãe eram da lápide das pessoas que ele executava."*

Todos concordaram: *"Nossa! isso é chocante!"*

No quadro:

Sentimento de preservação (isso surgiu a partir do que a Karina falou)

Julia: *"Será que só assim é que a mulher pode se valorizar, sendo boa dona de casa, sendo boa mãe?! Mas eu acho que nós podemos nos valorizar por outras coisas"*.

Elza: *"Uma grande dificuldade de sair do privado para ir para o público."*

Mariana: *"Me lembrei de um comercial: Roupa suja se lava em casa."*

Elza concordou acrescentando: *"Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher"*.

Logo depois, Mariana continuou a contar sobre um programa que havia visto e Elza assentia com a cabeça. Todos conversavam alegremente.

Talvez outras coisas também precisem ser intermediadas, como a emancipação feminina. Aos poucos, as

peessoas vão trazendo as confirmações de estarem entendendo o que está sendo trabalhado ali.

Julia lembrou à todos que os encontros estariam terminando em breve.

Julia: *"Como é isso para vocês?"*

Karina: *"Para mim vai ser importante fechar um ciclo. Para mim é o final, mas o início de um outro ciclo. Não tô triste que tá acabando, mas eu sinto que não é que bastou."*

Julia: *"Quando a gente se nutriu, participando, a gente não fica triste."*

Mariana: *"Vamos acionar nossas receitas..."*

Julia: *"Isso para conquistar a nós mesmas mulheres."*

Durante a equipe reflexiva, Cecília falou: *"Muita coisas me tocaram, pois já trabalhei muito com isso: ser mãe e filha. Como nós construímos coisas tão antagônicas. Como é que a gente constrói esse homem que sempre me ferra. Eu digo isso por ter trabalhado com líderes de Belford Roxo. Lá eu via como era tudo muito contraditório. Eu acho que a valorização da mulher é ocupar esses espaços que não são legitimados culturalmente."*

Depois de o grupo ter escutado, Karina pediu para falar e disse coisas bastante semelhantes em relação ao que havia sido dito pela Cecília.

Mariana: *"Karina falou do fim do grupo. Para mim, terminar esse grupo é uma conquista. Mostrou um diploma e umas cartilhas do curso que fez. Uma pessoa lá do curso disse: "Ué, pensei que você só era esposa do Mauro. O ideal de vocês tinha que ser meu ideal também."*

Ela participou de um curso formando educadores para a comunidade na qual vive. Além disso, trouxe cartilhas, das quais participou da elaboração, orientando os jovens sobre como lidar com Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Essa frase final é bastante representativa desse encontro entre ela e as facilitadoras. Não houve pós-sessão, mas enquanto Elza guardava as cadeiras disse: "*gostei da reflexão hoje, elas tem um nível cultural tão bom.*" De alguma forma, essa fabricação do psicológico vai sendo bem sucedida.

3.11 - A ACOLHIDA

Julia chegou e começou a me contar sobre o último encontro. Eu não estive presente (ver Outros Mapas número 10), mas compareceram as quatro mulheres (Clara, Cristiane, Karina e Mariana). Naquele dia, elas estavam falando sobre a Cristiane quando justamente ela chegou. As facilitadoras puderam perguntar se estavam sendo tendenciosas pela separação. Todas foram unânimes em dizer que não. O NOOS é somente pela não-violência.

No encontro anterior, Cecília havia levantado a questão sobre se a Cristiane não estaria deixando de vir por sentir-se sem espaço. Foi daí que veio a pergunta acerca da possível tendência à separação.

O encontro atual começou com Mariana e Karina. Julia colocou no quadro, mais uma vez, a dinâmica do "com quem eu conto".

Mariana começou a responder por escrito as questões do quadro e Karina ficou pensando. Enquanto isso, Julia e Elza ficaram conversando baixinho. Karina começou respondendo que para se divertir conta consigo própria. Mariana conta com as tias, marido e filhos. Na verdade, depois de casada deixou de sair com as amigas. Elza endossou a colocação final alertando para o fato de que nós abrimos mão de nossas coisas frente ao casamento. A partir disso, Mariana começou a contar que deixou de beber por causa do marido e começou a frequentar o AA (Alcoólatras Anônimos) para ajudá-lo.

Mariana: "Mas eu sou muito gaiata, mesmo quando não bebo."

- 1 Para me divertir
- 2 Para conversar sobre meus filhos
- 3 Quando estou doente
- 4 Quando estou triste
- 5 Quando preciso de dinheiro
- 6 Para conversar sobre trabalho
- 7 Para conversar sobre amizade, amor
- 8 Para fofocar

Nesse momento Julia não escutou e perguntou: "*Que?*". Mariana começou a explicar o que quer dizer a palavra gaiata ao que Julia retrucou: "*Eu conheço a palavra.*" Mariana continuou: "*É que minha família vem da Paraíba...*"

Foi interessante acompanhar esse pequeno diálogo e toda a prioridade dada, por Julia, ao entendimento preciso do que estava sendo dito. Por outro lado, no momento em que Mariana começou a explicar sua origem para justificar a utilização da palavra apareceu a diferença, normalmente velada, entre os técnicos (sabem mais, são cultos....) e os pacientes com suas gírias (sabem menos, usam palavras estranhas). Não acredito que o que esteja em questão aqui seja a palavra em si, mas o modo como ela produziu essa cadeia de acontecimentos e relações estabelecidas no campo.

Karina: "*Normalmente, conto comigo mesma, uma vez chamei meu irmão quando passei mal.*"

Elza: "*Então, mais uma vez você conta só com você?!*"

Depois desse comentário concluíram juntas que, na verdade, ela conta com o irmão. Em relação a essa questão Mariana respondeu que conta com os filhos, com o marido e as tias.

Karina: "*Quando li a frase: 'quando estou triste', isso já mexeu comigo. Estou triste, estou deprimida.*"

Julia: "*O que você chama de depressão?*"

Karina: "*Não é nada clássico...*"

Julia: "*Não, tudo bem. Qual é a sua definição?*"

Karina: "*Vontade de não fazer nada.*"

Daí, Julia e Elza começaram a cogitar se isso não era por Karina não contar com ninguém. A partir desse ponto ela

passou, lentamente, a incluir pessoas na lista, tais como amigos, o irmão.

Karina: *"Mas as pessoas só agüentam por um curto espaço de tempo, elas fogem. Tenho uma amiga, a Shirley, que faz terapia..."*

Karina ficou quieta e Julia perguntou: *"Você ficou triste?"* Karina começou a chorar. O choro foi acolhido por Elza através de uma postura de aceitação. Denomino isso a partir de sua expressão no rosto e uma certa inclinação do corpo em direção a Karina. Esse gestual é muito característico de um processo terapêutico, ele representa esse acolhimento ao sofrimento do outro. Aos poucos, Karina foi se acalmando e a dinâmica recomeçou.

Mariana: *"Quando estou triste conto com as terapias. Porque eu sinto que as pessoas se afastam."*

Cristiane chegou atrasada, olhou para o quadro e disse: *"Ah, estou ampliando meu leque."*

Nesse contexto, tanto Cristiane quanto Mariana fizeram muitos elogios ao grupo e ressaltaram os benefícios obtidos ali.

Karina: *"Quanto aos filhos eu conto com meu irmão, Sheila e uma amiga."*

Elza: *"Interessante como, em se tratando de filhos, você respondeu rápido."*

Karina: *"Tudo com relação ao Arnaldo é mais fácil."*

Mariana: *"Quanto aos filhos, eu conto com os terapeutas e o Mauro."*

Ela prosseguiu contando como todos em sua família estão dispostos a fazer terapia.

Elza: *"Nossa, como vocês avançaram!"*

Sem dúvida, o fato de eu ser psicóloga me ajudou, em diversos momentos, a fazer essas leituras. Afinal de contas, aquele não era um ambiente desconhecido para mim.

Na equipe reflexiva, Cecília falou que ficou tocada com as respostas do *com quem eu conto quando estou triste*. “*Tristeza tem a ver com estar só.*” Ela encerrou sua fala mencionando como ficava impressionada pelo modo superficial dos cariocas. Vale ressaltar que ela vem do Rio Grande do Sul, mas já reside no Rio de Janeiro há alguns anos. Já eu basicamente concordei com Cecília, pois provavelmente não sabia bem o que falar.

Uma das atividades propostas pelo Messiê é uma dança. Ele pede que os paspalhos encontrem um par e comecem a dançar e enquanto fazem isso devem dizer uns para os outros do que gostam e do que não gostam de fazer na vida. A dança acontece embalada por música lenta.

Messiê: “*Evitem filosofia, lembrem das coisas simples.*”

Ao final da música Messiê pede que os pares sentem no chão de frente um para o outro. Nessa posição devem se olhar e deixar sair a frase: “*eu te aceito’ e para não serem arrogantes perguntem ao outro se ele te aceita*” Dito isto, Messiê proclama: “*O olhar do palhaço é aquele que pergunta: você me ama assim como eu sou?*”

É esse misto de olhar, composto por quem aceita e é aceito, que é o olhar do palhaço.

Messiê: “*Entenderam seus paspalhos? Aproveitem esse momento, ele é raro.*”

Messiê: “*Todo mundo quer ser amado. Se trata de ser quem vocês são. E perguntem ao seu público mais próximo. Vocês me amam mesmo assim.*”

“*Não ama verdadeiramente quem não pensa na morte. (Nelson Rodrigues)*”

3.12 - A RECUSA

O picadeiro de Tolete não foi dos mais fáceis, tanto para ele quanto para o grupo. Ele passou por todas as estratégias que o Messiê tem para tentar fazer com que o picadeiro aconteça, seja pelo choro, pelo riso, enfim, por qualquer emoção capaz de arregimentar forças para convencer a platéia e o próprio Messiê de que o paspalho merece ser contratado. Uma das estratégias foi o Messiê dar-lhe autorização para ir embora. Para isso, pediu ao seu assistente que lhe trouxesse o diploma do curso que ele já o assinaria para que Tolete pudesse partir. Ainda assim, lá estava Tolete imóvel no picadeiro, com uma feição séria e impassível. O constrangimento do grupo só fazia aumentar.

Tolete estava vestido de neném. Sua fantasia era boa, um lençol branco enrolado como fralda. Ele, durante os jogos da oficina, tinha sido motivo de vários risos, havia se divertido. Ele é alto e gordo, olhos e cabelos claros, mas, no picadeiro, a imagem que mais se lhe aproximava era a de uma montanha inviolável. Ele não estava disposto a se curvar em hipótese nenhuma. Isso fazia com que Messiê lhe dissesse cada vez coisas mais duras, tais como: *“Você chega aqui, finge saber brincar, mas, no fundo, é um empresariozinho (ele é consultor de empresas) que só se diverte quando vê os lucros aparecendo na conta. Seja generoso, tente qualquer coisa. Olhe para a cara dos coleguinhas e veja o que eles estão te dando”*. A platéia permanecia séria e entristecida. É inegável que o Messiê vai fabricando uma platéia apta a negociar os elementos que lhe interessam para a realização do picadeiro. Ele consegue isso através de comentários jocosos sobre o paspalho em convivência com a platéia, faz perguntas sobre o que eles estão achando da cena e fica bastante atento à reação das pessoas, podendo assim ressaltar o que se produz ali no grupo.

Messiê: *“Quando as pessoas rirem, estão lhe aceitando.”*



Essa era uma cena difícil de assistir, talvez, pela expectativa de que todos venham a conseguir ser contratados pelo Messiê, o que significa ter tido um picadeiro divertido, emocionante.

Messiê: *“No picadeiro ninguém é bem tratado ou maltratado, todo mundo recebe apenas a verdade”*. Nesse momento, Messiê disse que jogaria a bengala. Esse é um sinal de que ele desistiu do paspalho. Quando isso acontece, o paspalho deixa o picadeiro, sem ser contratado, e retorna para a platéia para assistir aos outros picadeiros. No fundo, essa é uma situação de fracasso, isto é, o paspalho não conseguiu receber *“o coração do palhaço”*.

O silêncio é enorme, o que faz com que o som da bengala se chocando contra o tablado ecoe fortemente. Sim, o picadeiro de Tolete acabou e ao Messiê não restou nenhuma outra possibilidade senão largar sua bengala e deixá-la anunciar o fim daquele picadeiro. Ainda assim, Tolete estava lá de pé no centro do tablado, imóvel. Messiê foi caminhando em direção a ele e lhe deu um abraço, somente aí ele pareceu mais flexível. Isso feito, Messiê lhe assinalou com o braço que retornasse ao seu lugar.

O ar parecia denso, mas Messiê recolheu sua bengala e começou a caminhar com o objetivo de escolher a pessoa que iria ao picadeiro a seguir. Outros picadeiros aconteceram o que ajudou a dissipar o mal-estar gerado por aquela circunstância.

Ao final da oficina quando as pessoas fazem um semi-círculo para a despedida de Messiê, uma das pessoas do grupo pediu ao Messiê uma chance para Tolete. Messiê o olhou e perguntou: *“você quer uma chance?”* A seriedade instalada no rosto de Tolete era a resposta. Não seria possível reparar aquele picadeiro. Pois bem, a oficina se encerrou com essa recusa. Messiê: *“Novamente a oficina termina com pouca generosidade, será essa uma situação do mundo.”*

É bem verdade, que quando Tolete foi se despedir das pessoas para deixar o galpão, pedia desculpas a todos que abraçava.

Messiê: *“Só existem três verdades: a verdade (apontando para uma pessoa), a verdade do Messiê e a verdade”*. (apontando com a bengala para cima e falando com a voz grave)

Enquanto isso eu pensava como ele tinha levado tão a sério tudo aquilo. Quem sabe ele não tenha conseguido por não ter aceitado negociar o riso.

Dali todos iriam a um barzinho na Lapa comemorar o fim da oficina. Chegando lá, Tolete puxava a conversa sobre o acontecido e repetia, insistentemente, “*eu não ia fazer o que as pessoas estavam pedindo*”.

Nesse picadeiro, o grupo refez seus filamentos em relação ao picadeiro de Tolete. A recalcitrância dele havia gerado um constrangimento imprevisto pela platéia. Todos imaginavam poder ser contratados pelo Messiê. Então, aconteceu o inesperado: alguém não conseguiu passar pelo picadeiro.

Durante o acompanhamento do grupo posterior a esse, a recalcitrância aconteceu de outro modo. Dessa vez, foi a confissão de Garboso Infante como um compulsivo sexual.

O picadeiro dele já tinha passado pelos castigos, por diversas investidas por parte do Messiê e nada parecia avançar. Ele continuava com aquela expressão mista de sarcasmo e seriedade. Enquanto isso, Messiê insistia para que ele, de uma vez por todas, revelasse o segredo que carregava. Não sei exatamente como, mas o Messiê intuía que aquele rapaz gordo, fantasiado de lutador de sumô, guardava um segredo.

Após muitas entradas e saídas do tablado, finalmente, Garboso Infante disse. “*Sou compulsivo sexual*”. A expressão de Messiê mudou. Imagino que ele não tinha idéia de que o segredo poderia ser esse. Messiê rapidamente se aprumou e perguntou: “*O Senhor é desses malucos que vestem roupa e tudo?*” A platéia riu bastante. Uma parte do riso era pela pergunta, enquanto a outra era pela necessidade de descontração. E Messiê prosseguiu: “*Mas o Senhor tem fantasia de quê?*” Até aquele momento, todos imaginavam ter visto o suficiente, mas a resposta de Garboso Infante anunciou que muito ainda estaria por vir: “*Eu tenho fantasia do Messiê me bater com a bengala*”.

Messiê: “*O Senhor tem certeza? Pois bem...*” Por essa o Messiê não esperava. A recalcitrância de Garboso Infante estava

Quando Márcio e eu entramos no carro, para ir ao barzinho, ele começou a me contar que o Tolete tinha sido jogador de rúgbi e que em sua vida tinha enfrentado muitas situações violentas.

fabricando o inusitado, não apenas no grupo, mas, principalmente, no Messiê. Assim sendo, só restava ao Messiê saber aonde ele queria as bengaladas, ao que o paspalho, prontamente, respondeu: “*Na bunda*”. Dito isso, Messiê começou a dar bengaladas em sua bunda, enquanto ele pedia para que fossem cada vez mais fortes.

Na platéia havia uma mistura de expressões: algumas pessoas estavam sérias, outras riam, outras mantinham o olhar baixo, talvez, em sinal de vergonha. De qualquer modo, a situação era extremamente bizarra. Esse era um típico momento de bufão, do grotesco a céu aberto. Depois de várias bengaladas, Messiê bate sua bengala sobre o tablado e anuncia: “*O Senhor está contratado!*”

Messiê voltou caminhando, lentamente, para sua cadeira, se sentou e “*Ufa!*”. Nesse momento, Radical (uma moça ao redor dos seus 20 anos), tomada pelo movimento de revelação, disse que queria anunciar que ainda era virgem e não aguentava mais guardar esse segredo.

Por sorte, já era o último dia da oficina e o momento de formar a meia lua para a despedida do Messiê.

Messiê: “*Ao final todos os palhaços vão se encontrar no alto da montanha. Não cabe ao Messiê mostrar o caminho, apenas fazer com que vocês entrem em contato com a flor.*”

A repetição da música do Messiê faz-fazer a atmosfera propícia para a instalação do “*coração do palhaço*”. Já a brincadeira, o não se levar a sério, é o que instala esse estado de palhaço. Contudo, o que funciona como fio condutor para saber se o palhaço produz efeito é o grupo, ou melhor, o modo como os vínculos vão acontecendo.

Enfim, o palhaço não é o enfrentamento, é um percurso. Isso realmente revela como o estado de palhaço não é o da esperteza, mas justamente o seu contrário. Dessa forma, não funciona com o conhecimento dos sábios, mas com a mistura dos

Uma das vertentes da palhaçaria é o trabalho com o grotesco. Esses palhaços são os bufões.

“*A pergunta que não quer calar: quando o Messiê ficar velhinho vocês vão cuidar dele?!*”

humanos. Sendo assim, durante o momento de despedida o Messiê tem falas explicitando os objetivos do palhaço, dessa oficina. *“O palhaço é um anjo e o coração do palhaço é uma flor e a função do palhaço é somente doar essa flor generosamente ao mundo. A função do Messiê é fazer vocês entrarem em contato com ela.”*

Continuando, Messiê: *“Tínhamos chegado e ninguém se conhecia, e revelamos nossos ridículos, o público aceitou e riu. Porque esconder então? Foi um grande orgulho ter dividido o tempo com pessoas tão generosas, Messiê sabe que é duro, que é preciso suportar. Vocês não são especiais, qualquer pessoa pode sentir. Com esses princípios é possível mudar pessoas. E se vocês acham que isso vale a pena, se comprometam com isso. Elogiem mais, acolham mais. Entenderam seus paspalhos?!”*

O momento é agora, ou a gente coloca nossa energia vital e joga fora ou constrói um mundo que a gente caiba por inteiro, um mundo em que a gente possa viver e morrer.”

Finalmente, Messiê diz: *“Existem dois tipos de pessoas, os que fazem e os que dizem que fazem. Tentem sempre ficar no primeiro grupo, tem menos competição. Tudo se resume a um prato de ovos com bacon. Nesse caso, a galinha está envolvida, mas o porco está comprometido. Se perguntem se vocês são ovos ou bacon?”*

Embora, ele possa variar as falas nesse final, a máxima que encerra a oficina é sempre a mesma: *“Eu os deixo com a célebre frase do filósofo francês Pierre Cardin: Palhaçinho é o caralho!”*

Mariana: “Engraçado, nós fizemos os lugares fixos.”

Julia recolocou no quadro algumas perguntas da dinâmica do *com quem eu conto*. Clara começou a responder, mas não entendia bem o sentido das perguntas. Tanto Julia quanto Elza ajudavam, fazendo, como sempre, ajustes necessários para que ela pudesse responder.

Clara: *"Quando estou triste, eu conto comigo mesma. Com relação aos meus filhos eu conto com minha mãe."*

Julia: *"Normalmente, as mulheres são auto-suficientes."*

Karina: *"As mulheres não têm paciência para esperar."*

Elza: *"Mas as mulheres são rápidas para umas coisas e os homens para outras."*

Karina: *"Mas, biologicamente a tendência é da fêmea de ser rápida."*

Julia: *"Se a gente tapa todos os buracos ninguém assume?! Será?"*

Mariana: *"Ah, é. Mas eu estou tentando ser mais flexível com relação a isso."*

Vale dizer, que um actante deste cenário é o feminino - um feminino que se tece em oposição ao masculino. Já outro actante que produz o efeito de preencher o cenário é o silêncio das terapeutas, um silêncio que instaura essa situação de aceitação e respeito. Sempre que Mariana, ou qualquer outra, conta uma situação de sofrimento ou humilhação, as expressões são de solidariedade. As próprias coisas boas também têm esse olhar. Diferentemente do grupo de palhaços, onde o Messiê é central, neste grupo se tenta que o show seja dado pelas mulheres.

Clara: *"Com relação a dinheiro, eu conto com meu trabalho."*

Julia: *"Mas, nem uma amiga?"*

Clara: *"Só um pouco, assim dez reais."*

Julia: *"Ah, então você conta com alguém."*

Clara: *"Não tenho colega. Amiga só minha mãe e vocês, que não saem falando tudo por aí."*

No espaço terapêutico, fugir é uma atitude que vale, assim como não enfrentar o desconforto. No palhaço, o desconforto faz parte do cenário. Ele corre de um lado para o outro tocando a todos e sempre que possível parece ser com o intuito de revelar as emoções.

Terapeutizada tinha, no picadeiro, a fantasia *revolucionária*. Estava vestida com uma camiseta branca com algumas coisas escritas com pilot e tinha uma espécie de chocalho na mão. Logo que ela entrou, Messiê disse: *“O primeiro problema das pessoas terapeutizadas é a auto piedade. A senhora está vendo a sua?”* A partir daí, Messiê continuou lhe fazendo as várias perguntas do picadeiro: seu nome, o que veio fazer aqui, entre outras. O interessante é que ela errou na resposta de uma delas, o que poderia significar uma atitude de paspalha. Contudo, o Messiê não parecia convencido. *“É, mas a Senhora ainda não convenceu o Messiê. Então faça a revolução!”*

Ela começou a andar pelo tablado sacudindo o chocalho. Messiê: *“Essa é a revolução que a Senhora sabe fazer?! Uma revolução festiva?! Tá vendo sua máscara? Agora, como é que a Senhora vai sair dela? A Senhora nunca encarou a Mulher Frágil, sempre foi a Mulher Resolvida.”*

Essa situação revela os limites da oficina de palhaços: não vale fazer qualquer coisa. O picadeiro só será bem sucedido se *“a verdade aparecer.”* Outro ponto que precisa se revelar no picadeiro é a emoção, o riso, por exemplo.

O objetivo deste espaço não é pré-definido. Não importa o destino do exercício ou se parece ser um papo sem *“importância”*, uma vez que a lógica de expressar o que se vive, seja do modo que for, já vale o empreendimento. Talvez, este seja um espaço amplo, onde cabem várias formas de expressão.

Novamente, Clara não entendeu a pergunta e Elza e Julia a consertaram para que ela respondesse certo.

Clara: *"A Márcia é que nem a Senhora, fica me imprensando, colocando coisas na minha boca, coisas que eu nem sei."*

Elza: *"Desculpa, eu não quero te imprensar, isso na verdade é cuidado."*

Clara: *"Todos querem que eu faça coisas. Pareço criança. Minhas amigas dizem para eu não vir."*

Todas as perguntas giraram em torno dos motivos que a levavam a não dizer isso à Márcia.

Clara: *"Eu não falo porque ela me jogou aqui na palestra..."*

Julia e Elza a interrompem dizendo: *"jogou não, encaminhou e aqui não é uma palestra, é um grupo"*.

A situação era ideal para vislumbrar como a pessoa considerada à parte era capaz de criar um impasse tão inusitado. Ela não se sentia cuidada, ela se sentia jogada.

Elza: *"Será que você não quer vir ou você gostou do nosso cuidado?"*

Clara: *"Como assim?"*

Não sei se Clara não entendia ou era sua maneira de recusar certos convites para funcionar dentro da lógica definida naquele espaço, a saber: o cuidado. De qualquer modo, o que ficava evidente era como ela estava sendo recalcitrante.

Mariana: *"Aqui é bom e as pessoas gostam de você e suas amigas, não necessariamente."*

Karina: *"Você se sente punida?"*

Clara: *"Sinto."*

Márcia, psicóloga do juizado, encarregada pelo acompanhamento do caso de Clara desde que foi feita a denúncia sobre o abuso sexual sofrido por suas filhas.

Mariana: *"Ela não investe nela porque não tem dinheiro, tá apertada."*

Elza: *"Essas conversas aqui são um luxo para quem na verdade precisa comer."*

Todos os comentários começaram a girar em torno de buscar uma solução para Clara. O cenário se montava e desmontava em função dessa imprevisível *"não vontade"* por parte de Clara de estar ali. Ela não queria ceder, ela fazia tudo se movimentar em torno disso. Os actantes geram constrangimentos ao coletivo que estava sendo convocado ali, o juizado, o processo, a tutora, o NOOS.

Os diálogos se engendravam, pois as diferenças precisavam estar bem demarcadas entre os psicólogos, uma precisão conceitual que, na prática, me parece funcionar muito pouco. As regras no grupo de mulheres eram implícitas, talvez, porque o aparato conceitual em jogo para definir esses limites seja teórico e, portanto, interesse apenas aos psicólogos.

Porém, tenho a impressão de que a recalcitrância das pessoas é medida pela não aceitação dessas definições. Talvez, seja injusto esperar dos pacientes que eles entendam as diferenças de demanda de um grupo reflexivo para uma terapia, já que isso é parte do repertório da psicologia e não do senso comum.

Assim, tem se a expectativa de que os pacientes mesmo sendo leigos no tema se curvem a esse repertório. Na medida em que eles não se curvam, os psicólogos flexibilizam as definições para que eles possam se encaixar. Cabe ao psicólogo essa maleabilidade, isto é, os procedimentos vão mudando no mesmo grau em que as pessoas revelam suas recalcitrâncias.

Caso as elas não revelem isso com relação à prática terapêutica, podem fazê-lo no que diz respeito à própria vida e, mais uma vez, a intervenção tenta trabalhar esse movimento.

Na equipe reflexiva, tanto Cecília quanto eu falamos sobre a rica possibilidade que tinha aparecido no fato de Clara não querer continuar vindo. As facilitadoras se curvaram à recusa de Clara, sua recalcitrância produziu uma nova versão no grupo de mulheres. As facilitadoras, então, aceitaram sua saída como algo produtivo.

E finalmente, na festa de encerramento ela não compareceu.

4 - OS (RE)AGENTES DO LABORATÓRIO

O objetivo do presente capítulo é falar, mais detidamente, sobre os (re)agentes deste laboratório, aqueles que permitiram a constituição do olhar vivido no campo. Para esta finalidade, precisarei realçar algumas posições teóricas presentes na TAR, mas, ainda assim, deixarei o campo invadir a discussão para ancorá-la melhor na dimensão com a qual trabalhei.

Na verdade, não é simples a escolha de que conceitos arregimentar para a tarefa de fazer (re)agir o campo. A TAR tem como característica uma extrema conexão entre os seus elementos, por isso, a cada vez que se toma um deles é preciso se remeter a outros e assim sucessivamente. Talvez o motivo para essa coesão seja o fato de ela trabalhar com a redefinição de muitas coisas presentes na prática científica, em outras palavras, com o modo de construir esse laboratório produtor de conhecimento. Isso pode ter tornado este capítulo, por vezes, repetitivo. Contudo, as operações de um laboratório devem ficar precisamente registradas, de modo que as trajetórias das soluções possam ser acompanhadas.

A TAR compõe um quadro que tem uma série de repercussões sobre pares como: indivíduo/sociedade; natureza/cultura; o interno/o externo, o sujeito/o objeto. Esses elementos assumem outras configurações, são discutidos em suas apresentações habituais para tentar construir uma posição que passe ao largo dessas dicotomias e possa assumir o mundo em suas misturas, tal qual ele se apresenta.

O que está em discussão não é a causalidade de instâncias já existentes (como, por exemplo, quando se estabelecem de antemão pares como sujeito-objeto, fabricante-fabricado, agente-agido) e sim o entendimento delas como estabilizações da rede, como pontos de chegada, ao invés de pontos de partida. Sinteticamente, Latour (2001) quer eliminar a idéia de representação e passar às coisas tal qual habitam o mundo. Ou, nas palavras de Serres (1990)

“Retornar às próprias coisas, às multiplicidades misturadas, às dispersões, tomando-as tais quais, não mais encadeá-las em seqüências lineares ou planos múltiplos, tecidos em rede, mas tratá-las diretamente como grande número, grandes populações, nuvens. Onde a tecelagem regular torna-se exceção e não mais uma norma totalizante.” (p. 124)

Latour (1994) situa esse debate acerca dos pares acima citados em vários pontos de sua obra, mas, em especial, é no livro *Jamais fomos modernos*, que ele apresenta como a modernidade é mantenedora desses binômios através daquilo que chama de *Constituição Moderna*. Essa constituição está calcada em um modelo que não prevê objetos híbridos (mistos de social e natural), mas sim aqueles que se afinam seja com o pólo da natureza, seja com o pólo da sociedade (Viégas, 2005). Isto posto, todos os objetos híbridos (de natureza e cultura, por exemplo) são relegados à categoria de *quase-objetos*.

Assim a proposta de Latour (Op; Cit.) incide sobre o estudo desses *quase-objetos* e *quase-sujeitos*. Essa noção serve para dar a dimensão desse estado híbrido, seja dos humanos, seja dos não-humanos. A própria nomenclatura de humano e não-humano *“não constitui uma forma de ‘superar’ a distinção sujeito-objeto, mas uma forma de ultrapassá-la completamente”* (Latour, 2001, p.352). Não se trata, por conseguinte, de uma mera mudança de terminologia, mas de estabelecer como status de trabalho a compreensão desses elementos enquanto trajetórias e não enquanto essências, o que permite, então, chamá-los de actantes (atores), ou seja, plenos de agência, de ação - como foi visto no campo através do cavalete e da bengala.

Faria isso alguma diferença? Sim, uma vez que cada um dos *quase*, para desvelar-se, precisaria de sua própria história. Com isso, coloca-se em foco o fato de que eles acontecem na medida em que habitam o mundo, que se vinculam aos demais elementos desse

Vale lembrar que o conceito de rede para Latour (2000-b), assim como para Serres (1990), não corresponde a um todo homogêneo.

“Essência é existência e existência é ação.” (Latour, 2001, p.207)

Por esse motivo, a descrição foi fundamental. Não poderia resumir os não-humanos presentes nos grupos a meros objetos incapazes de produzir efeitos. Pelo contrário, eles produziram uma série deles.

mundo. Ou ainda, eles são mais autônomos quanto mais conectados estão. Quanto mais vínculos se estabelecem, mais sua existência pode ser vista no mundo, e, assim, pode ser acompanhada em seus efeitos por aquele que quer pesquisá-los.

Na esteira desse processo, Latour (2004) aponta para a necessidade de uma intensa revisão da intransponível divisão entre as ciências naturais e as ciências sociais, visando permitir uma reflexão acerca desses objetos *híbridos*. Lembrando que, para ele, a modernidade é composta por um conjunto de alianças contraditórias em si mesmas e entre elas, mas que, ao estarem juntas, se dão garantias necessárias ao empreendimento proposto. Assim, o esforço da modernidade é de manter os elementos purificados, o que significa situá-los seja no pólo natureza, seja no pólo cultura, ou mesmo enquanto sujeito ou objeto. Não obstante, se faz necessário concomitantemente traduzi-los, para dar conta de sua existência efetiva no mundo (Latour, 1994).

Resumidamente, diria que o olhar simultâneo para os mecanismos de purificação e tradução é o intuito da TAR. Por conseguinte, o alvo é a revelação dos intermediários, que são aqueles que fazem as passagens (traduções) entre os pólos natureza e cultura - como na floresta Amazônica -, entre os pólos sujeito e objeto - como Joliot e sua bomba atômica (Latour, 2001).

Com certeza, nesse trabalho de tradução da rede e mesmo de purificação em direção aos pólos, o homem é um dos intermediários possíveis. O ser-humano é um dos que transita do *local* ao *global* e vice-versa, mas não é o único! Vale lembrar que é justamente porque traduzir é trair que ganhamos e perdemos, nessas passagens, ora realidade, ora construção.

Nesse sentido, o autor propõe uma síntese entre as dimensões da natureza - e suas respectivas ciências (física, biologia...) - e as dimensões da sociedade (antropologia, psicologia...). É assim que ele engendra a noção de coletivo:

Coletivo “*Embora empregado no singular, o termo não nos remete a uma unidade já feita, mas a um procedimento para coligar as associações de humanos e não-humanos.* (Latour, 2004, p.375)

“Ao contrário de sociedade, que é um artefato imposto pelo acordo modernista, esse termo se refere às associações de humanos e não-humanos. Se a divisão entre natureza e cultura torna invisível o processo político pelo qual o cosmo é coletado num todo habitável, a palavra ‘coletivo’ torna-se esse processo crucial.”. (Latour, 2001, p.346)

É imprescindível ressaltar que o coletivo difere tanto da noção de sociedade, pelo fato de incluir não-humanos quanto da noção de rede por se constituir em uma associação de humanos e não-humanos que se articulam frente a um propósito. De acordo com isso, o coletivo tem uma produção de efeitos possível de ser acompanhada, enquanto a rede remete aos vínculos existentes. Assim, a noção de social, para Latour (1995-a, 1995-b), fala de um aglomerado de coletivos que se superpõem, não apenas somando-se consecutivamente.

Portanto, quando acompanhei os grupos em ação, a noção de coletivo me permitiu seguir de perto passagens sem temer estar caindo em um novelo sem ponta. Por isso, o fato dessa noção possibilitar associar cavaletes, bengalas, mulheres, paspalhos, tanto quanto passar de *“palestra”* a *“terapia”*, possibilitou uma nova perspectiva na maneira de olhar os acontecimentos. Ou seja, pude acompanhá-los em suas trajetórias, ainda que misturadas, acreditando que isso também seria um caminho para a construção de um mapa.

Conseqüentemente, isto implica não abandonar o conceito de medida, uma vez que o enfoque da TAR sustenta a ciência como uma atividade que não deve se abster de *“medir”* (no sentido de traduzir para outros termos) os acontecimentos. Em outras palavras, o conceito de medida está mantido desde que se revelem as unidades que foram utilizadas para tal fim.

Medir se refere ao ato de qualificar alguma coisa tendo como parâmetro outra. Por exemplo, mede-se o tamanho de uma mesa em centímetros.

“Nenhum instrumento, ou, mais amplamente, nenhum valorímetro deve ser lido sem que sua construção seja levada em

conta. [...] Essa cultura relativista é compartilhada pelos próprios pesquisadores, mas somente sobre o assunto científico que eles estudam e permanecendo totalmente desconhecida do resto do público. A transformação da experiência de um meio ambiente numa experiência coletiva, cujo protocolo é acompanhado pelas humanas ciências, exige, portanto, que se estenda a cultura relativista dos cientistas às outras partes das ciências, que não sejam somente aquelas sobre as quais eles trabalham, e o resto coletivo.” (Latour, Scharz e Cahvolin, 1998, p.117)

Dessa forma, quando Latour (1994) diz que *jamais fomos modernos*, nos lança a provocação de repensar a modernidade alterando as unidades de medida. Em sua proposta, parece estar em busca da mudança no rol de perguntas que temos feito tanto nas ciências, quanto nas demais esferas do saber.

“Os mundos só parecem comensuráveis ou incomensuráveis àqueles que ficam presos às medidas. Porém, todas as medidas, tanto na ciência rígida quanto na ciência flexível, são sempre medidas medidoras e estas constroem uma comensurabilidade que não existia antes que fossem desenvolvidas. Nenhuma coisa é, por si só, redutível ou irredutível a qualquer outra. Nunca por si mesma, mas sempre por intermédio de uma outra que a mede e transfere esta medida à coisa. Como acreditar que os mundos não podem ser traduzidos, quando a tradução é o próprio cerne das relações estabelecidas entre eles?” (Latour, 1994, p.111)

A TAR visa assumir o que já está aí, o mundo tal qual ele se apresenta, com os pólos misturados e emaranhados (Velho, 2000). Dessa forma, a primeira mudança é abrir mão de estar buscando, constantemente, as purificações o que resulta em abandonar a denúncia crítica. Em vista disso, Latour (1997) relativiza o papel da ciência como representante da modernidade, mas não como elemento de tradução do real. A ciência pode ser uma das formas de fazer-falar seja um humano, seja um não-humano.

Portanto, não é uma boa estratégia, segundo esta abordagem, efetuar constantemente denúncias críticas, determinar aquilo de que são feitas as coisas. O que deve ser feito é descrever-

Acredito que isso seja compatível com a idéia de Ingold (2000) de que o concreto não é a ciência, mas o mundo que contém a ciência.

se as associações de muitas formas diferentes. As ciências são entendidas como um processo em andamento, nunca definitivo. Deste ponto de vista, as ciências sociais seriam uma das ciências que estudariam tais associações heterogêneas.

Dessa forma, para que a ciência exerça seu papel é na Antropologia Simétrica (Latour, 1995; 1994) que deve residir sua forma de análise. Esse princípio de simetria consiste em fazer a mesma pergunta tanto para um lado quanto para o outro, isto é, seja para aquilo que se designa como natureza, seja para a cultura, seja para o sujeito ou para o objeto.

Em poucas palavras, a verdade deve ser tão investigada quanto a mentira. O objetivo é acompanhar os acontecimentos em sua produção de efeitos, revelando a seqüência de traduções operadas. Daí, para Latour (1994), ser fundamental pensar nos intermediários dessa rede que se desenvolve sempre no centro, ou melhor, no *Império do Centro* (Serres, 1994). “*O paradoxo do positivismo, que gostaria de eliminar os porta-vozes, cuja presença ele julga ofensiva para a dignidade da ciência, é que ele precisa inventar este ser ainda mais bizarro, ainda mais etnográfico: a natureza que fala diretamente à razão...*” (p.119).

O resultado desse processo é deixar de crer na crença ingênua, esse dispositivo que nos separaria dos “primitivos”, dos “pré-modernos” (Latour, 1998). O próprio tempo caminha curvando-se aos acontecimentos, às versões e suas faces. As curvas guardaram a forma de uma espiral, que se estende e comprime seguindo a seleção de elementos que a faz.

De acordo com isso, busquei pôr em relevo, na descrição do campo, uma mistura de tempos entre o grupo de mulheres e a oficina de palhaços, acreditando que isso era possível. Uma vez que estes, se pensados em sua prática de intervenção, estavam alinhados em uma mesma associação de humanos e não-humanos, isto é, em um mesmo coletivo. Nesse sentido, não seria necessário

Esse seria o motivo da troca de um “C” maiúsculo por um “c” minúsculo na palavra ciência.

mantê-los em separado, pelo contrário, foi o acompanhamento simultâneo que realçou a recalcitrância em sua movimentação de vínculos.

Vale, ainda, mencionar o questionamento feito por Latour em um de seus trabalhos (Latour, 1999-a) relativo ao próprio nome Teoria Ator-Rede, como discuti em artigo recente (Tsallis, Ferreira, Moraes, Arendt, 2005). O autor afirma que existem quatro pontos que não funcionam nessa teoria, quais sejam: a palavra teoria, a palavra ator, a palavra rede e o hífen que liga o ator à rede.

No tocante à palavra teoria, como foi discutido no capítulo 2 (*Erguendo um laboratório*), o que surge como impasse é o fato desta proposta não ser um argumento positivo, ou seja, ela não tem nada a dizer sobre o que está sendo observado. Nesse sentido, ela seria mais um método que uma teoria. Inclusive, ela propõe que se renuncie à idéia de estabelecer um enquadre teórico para dar a devida atenção aos traços deixados pelos acontecimentos.

Já a palavra rede aponta diretamente para sua história, uma vez que não se trata de uma noção nova (Moraes, 1998). A metáfora digital popularizou este termo num sentido que para Latour (1999-a) é desastroso. Sim, pois em se tratando de Internet, por exemplo, a noção de rede está em consonância com a possibilidade de comunicação imediata e de acesso direto a qualquer informação. Portanto, se ela é tomada dessa forma é possível falar em informação entendendo-a como algo que circula sem nenhuma transformação.

Contudo, a transformação acontece e, principalmente, precisa ser pensada quando o tema é rede. É desde esse ângulo que a TAR assume a concepção deste termo. A rede, como um rizoma (Deleuze, Guattari, 1995), é marcada pela transformação. Ainda sobre essa questão, (Latour, 2002-c) coloca que não há informação, só trans-formação.

Para os gregos:
A teoria não consegue capturar a prática. (Latour, 2001, p.201)

Etimologia da palavra rizoma:
“*rhizóma, atos: o que é enraizado; arraigamento, raiz; esse é um nome dado também a um tipo de caule subterrâneo, rico em reservas, comum em algumas plantas caracterizadas pela presença de escamas e gemas, capaz de emitir ramos folíferos, floríferos e raízes com base sólida*” (dicionário Hoaiss)

Sendo assim, o acento recai na ação, no trabalho de fabricação e transformação presente na rede. Dessa forma, poder-se-ia tomar o caminho do próprio autor quando sugere que ao invés de falarmos em *networks* deveríamos falar em *worknets* (Latour, 2002-c). Nesse sentido, o interesse do pesquisador deve ser seguir o trabalho de fabricação dos fatos, fabricação essa que se faz em rede, através de alianças entre actantes humanos e não-humanos.

O realce, então, é dado ao trabalho, à noção de ação, ação de fabricação. Portanto, em se tratando de rede, o que importa para Latour (2002-c) não é só a idéia de vínculo, de aliança, mas, principalmente, o que estes vínculos produzem, que efeitos decorrem dessas alianças.

Sinteticamente, esses vínculos poderão ser denominados de bons e maus vínculos, dependendo se produzem ou não efeitos. Em outras palavras, se são bons, eles serão capazes de mobilizar mais aliados e de se tornarem estáveis na rede. Por outro lado, se são maus, não mobilizarão outros aliados e deixarão de produzir efeitos e, por conseguinte, não ganharão estabilidade.

O problema seguinte na idéia da Teoria Ator-Rede é a noção de ator, muitas vezes denominada também actante. O que é um actante? Muitas vezes, esta noção foi confundida com os tradicionais atores da sociologia, com o indivíduo como fonte e origem de uma ação. Para Latour (1995-a e 1995-b), um actante é tudo o que tem *agência*; isto é, ele se define pelos efeitos de suas ações. Isso significa dizer que um actante não se define pelo que ele faz, mas pelos efeitos do que ele faz. E mais, o actante não se confunde com o indivíduo, ele é heterogêneo, díspar, híbrido.

“Não dizemos que seja necessário aglutinar os papéis dos objetos e dos sujeitos, mas que se deve, como fizemos para a noção de discussão e para a de ator, substituir a evidente divisão dos papéis por uma gama de incertezas, indo da necessidade à liberdade. Basta reconhecer, do lado da antiga arena da natureza, que as conseqüências excedem ligeiramente as causas e, do lado da nova arena, que o que faz agir permanece sempre em debate, para pacificar a discussão e dar a todas as associações de humanos e de não-humanos a quantidade mínima de realidade que convém para reuni-los.”
(Latour, 2004, p.150)

“Atuante, ator: atuante é um termo de semiótica que diz respeito aos humanos e aos não-humanos; é ator quem se transforma em outro num ensaio; somente podem denominar-se atores aqueles que o são; sua competência se deduz de seus desempenhos; a ação, por sua vez, é sempre registrada durante um

ensaio e por um protocolo de experiência, elementar ou não.” (Latour, 2004, p.370)

Quanto ao par ator-rede, incluindo o hífen, Latour (1999-a) afirma ser insuficiente para dar conta da ação que se distribui em rede, dos processos de fabricação do mundo. Isso porque o par ator-rede foi muitas vezes tomado como o par indivíduo-sociedade. Porém, não é disso que se trata: a noção de rede não deve ser tomada como um contexto que se acrescenta a um indivíduo. Se, de um lado, a noção de rede é interessante porque traz a idéia de movimento, de circulação, de outro lado, ela é insuficiente porque não dá conta dos processos de fabricação, das ações que se estabelecem entre actantes heterogêneos.

É nesse âmbito que Latour (2002-a, 2002-b, 2002-c) chama a atenção para o aspecto do pesquisador tentar acompanhar a construção dos fatos. Dito de outra maneira, a rede é sinônima de fabricação, de ação. Fabricação interessante, porque deve ser considerada como um processo distribuído entre todos os actantes. Não há um agente primordial, central, do qual emana a fabricação do mundo. Então há uma ação recíproca e o que importa é acompanhar os efeitos desta ação, os muitos deslocamentos que ela produz.

Prosseguindo, é importante elucidar, ainda mais, a idéia de vínculo, uma vez que ela foi crucial para acompanhar a recalcitrância. Para Latour (2000-b), ela designa o que comove e coloca em movimento. Portanto, como já dito anteriormente, mais livre é o actante quanto mais vinculado, pois o vínculo é o que permite ao actante circular na rede. Assim, a inteligibilidade dos vínculos só pode ser acompanhada em ação, na medida em que as trajetórias deixam seus traços. E é mediante uma maneira específica, isto é, dispondo uma pergunta à prática de intervenção dos grupos, que o coletivo se alinha, revelando os contornos de um possível mapa que, neste caso específico, tomou a forma da

Na historinha em quadrinhos feita por Quino a discussão acerca da questão do domínio ganha uma imagem.



recalcitrância. Em poucas palavras, o vínculo deve ser entendido fora da antiga tentativa de definir a ação a partir do dilema da determinação versus liberdade.

No grupo de palhaços, foi interessante perceber como o ridículo só podia aparecer através da relação, do vínculo. O ridículo acontecia mediante uma cadeia que envolvia, de modo diferente a cada situação, Messiê, paspalho, platéia, não-humanos (bengala, garfos nas mãos representando Wolverine). Dito de outra forma, o ridículo era um dos modos que permitia aos actantes circular aumentando a fabricação de novos percursos, novas trajetórias se anunciavam como possíveis.

O exemplo da marionete (Latour, 2000-b) é esclarecedor para compreendermos o que está em questão na noção de vínculo: a marionete "resiste" ao titeriteiro. Não existe o sujeito e o objeto. Existe uma longa experiência do operador de marionetes e uma relação com um objeto fabricado que "supera" o seu projeto de fabricação. Ambos, humano e não humano, se modificam na relação, um aprende com o outro. O mesmo se dá na relação de um músico com seu instrumento, ou do pesquisador – digamos Pasteur, muito citado por Latour (1992), e sua relação enquanto químico - com seu material de laboratório (no caso de Pasteur, o fermento, o ácido láctico, etc.).

As coisas, os objetos nunca são objetivos ou neutros. Eles trazem consigo o trabalho no tempo de todos os ausentes que participaram na produção daquele objeto. Segundo esta abordagem, diariamente encontramos inúmeros objetos cujos fabricantes, ausentes, embora remontando no tempo e no espaço, estão, ainda assim, ativos e presentes nestes objetos fabricados, que não deixam de exercer sua função de actantes.

Podemos agora recolocar a questão dos bons ou maus vínculos: os vínculos serão bons quando o marionetista se entender com a marionete, quando o cientista avançar no domínio nunca



Imagens retiradas do texto “*Fractures / fractures: de la notion de reseux a la notion d’attachement*” de Latour, 2000.

completo de seu objeto, quando o pai de Mafalda entender que ele simplesmente fuma, sendo o ato de fumar um recurso do coletivo e o cigarro um *objeto arriscado* (Latour, 2000-b).

Entretanto, a falta de domínio não significa falta de governo. O melhor governo é o que abre mão do domínio, *mantendo* o que nos faz ser, isto é, deveres, obrigações, tradições, limites, leis. Por exemplo, a linguagem, sistema complexo de leis e determinações, não nos domina, ela nos faz fazer.

Por isso, Latour (2002-a, 2001) faz sistematicamente a pergunta: "*A realidade é real ou construída?*". "*Ambos*", responde ele. É preciso fugir da "escolha combinatória" entre acreditar na realidade ou no que é construído. A realidade existe bem como existe o que é construído. O construtivismo é uma opção, uma defesa frente aos fundamentalismos que negam as entidades construídas e mediadas.

Porém, construção não é construção social: a sociedade não constitui as instâncias da lei, do poder, etc. Relações sociais não são mais sólidas do que aquelas construídas por cientistas "naturais" - químicos, físicos, geólogos. A estabilidade da sociedade é explicada pela ciência e tecnologia e não o contrário. Fatos têm que ser compostos, ou melhor, eles precisam ser tomados em sua historicidade.

Latour (2002-a) assume postura contrária à sociologia crítica, contrária ao fundamentalismo da "natureza" - fatos que emergem misteriosamente do nada. Os fatos têm historicidade, maior ou menor solidez, multiplicidade, incerteza, heterogeneidade, assunção de riscos, fragilidade.

Um objeto fabricado, construído, é parte de um processo, tem uma história, não existiu sempre "por aí". Sua origem frequentemente é humilde, heterogênea. Desde que esteja na rede de relações, nunca esteve ou estará sob o domínio do seu criador. Latour (2000-b) pondera que o objeto fabricado poderia ter falhado

O objeto não existiu sempre por aí, ele tem uma história.

em vir a existir, mas agora que existe, proporciona ocasiões não previstas, devendo ser mantido e protegido para continuar a existir. Não há uma construção apenas humana, partindo de um sujeito construtor. Há a relação com o não humano, com o material que "resiste" ao homem e interfere (e tem uma história) nesta construção, nesta criação, que é um processo.

Em síntese, poderia fazer a seguinte pergunta: em que a TAR foi relevante para entender o feixe de acontecimentos do campo aqui descrito? Outras teorias também permitiriam uma leitura dos grupos aqui pesquisados? Sim. Contudo, o diferencial foi a inclusão de não-humanos na reflexão, o que implica, inegavelmente, em um acréscimo de complexidade ao campo.

Quando me refiro a não-humanos, penso no cavalete e no modo como era convocado para estabelecer o ritmo da discussão dos temas acordados no grupo de mulheres. Ele ocupava uma diagonal da sala, mas estava sempre presente e era o detentor do contrato de convivência. Não obstante ter sido muito menos mencionado que o levantamento temático, tinha uma presença silenciosa, mas não por isso produtora de poucos efeitos. Essa presença garantia, por exemplo: o *não julgamento*, que de um modo ou outro era convocado todas as vezes que as discussões tomavam ares demasiado quentes.

Enquanto isso, na oficina de palhaços, a bengala jogava jogos, determinava contratações e a desistência do Messiê. Enfim, era motivo de orgulho para quem a segurasse. A bengala, assim como o cavalete, não poderia de forma alguma ser suprimida do acompanhamento dos vínculos nesses acontecimentos. Ambos produziram efeitos de grande relevância rumo à construção da recalcitrância.

Retomando o termo construção e sua associação ao construtivismo (Latour, 2002-a), é importante situá-lo corretamente, uma vez que ele tem sido alvo de muitas críticas que

Um exemplo disso foi o episódio do desaparecimento da filha de Samanta, no qual Cristiane a criticou severamente por querer fingir, junto ao marido, que nada havia acontecido. Rapidamente, a facilitadora alertou que nenhuma das posições era melhor que a outra, o bom era poder escutar várias. Nessa fala, o contrato estava sendo convocado e, caso alguma dúvida surgisse, lá estava o cavalete, imóvel, mas presente.

apontam para uma visão estruturalista da questão. Em relação a isso, Iñiguez (2003) esclarece que a proposta construcionista tem sido atacada por ser mal compreendida. Ela não trabalha com um mundo que é construído do mesmo modo que se constrói um edifício, isto é, não se pode imaginar uma construção que, uma vez terminada, está pronta e pode ser simplesmente ocupada. A construção se trata de um processo ininterrupto de práticas que mantém o mundo de tal ou qual maneira.

“Les tenants des structures sont devenus quelque peu paresseux.” (Latour, 1998-c, plano 49). Assim, Latour, em seu livro *Paris: ville invisible* (Ibidem), chega à idéia de *abonnement* (acredito que uma boa tradução para o português seria *agenciamento ou associação*), pois a noção de estrutura social empobrece a possibilidade de passar pelos pequenos caminhos da ação, por onde circulam as aptidões, as competências, as forças, que jamais levam à noção de causa e muito menos à de estrutura.

Assim, a explicação de um homem como resultante da estrutura social perde de vista essa dimensão por onde passam os actantes, suas aptidões e, porque não, recalitrâncias. Optar pela explicação da estrutura social seria, nesse bojo, uma economia em relação à cenarização dos acontecimentos. Portanto, para não cair na explicação das estruturas que ultrapassam os actantes, poder-se-ia optar pela metáfora do agenciamento.

Contudo, essa metáfora não é sinônimo de um actante todo poderoso que reinventa tudo à sua volta. *“Disons qu’elle s’abonne pour savoir ce qui se passe dans cette interaction qui la déborde...”* Portanto, do mesmo modo que nos associamos (agenciamos) à companhia de gás, nos associamos à uma psicologia individual. Isso significa dizer que algo permanece mantido, graças a uma rede de ações, e ficará residindo em mim, garantindo meu psiquismo, tal qual meus ossos asseguram minha postura. *“Mais oui, vous vous êtes pour un temps “abonné” à l’anatomie afin de voir ou de*

savoir ce qui est en vous. Vous allez l'oublier bien sûr [...] et bientôt vous reprendrez votre existence avec la face vécue de l'intérieur [...]" (Ibidem)

Dessa maneira, a mesma situação pode levar à subjetividade ou à objetividade, dependendo de que trama de ações é percorrida. É por isso que acredito ser fundamental definir os limites do coletivo no trabalho de campo.

"Paris se compose justement d'êtres qui se composent assez mal. Il ne suffit pas d'ajouter des psychologies à d'autres psychologies, mais des psychologies à des anatomies. Paris se compose d'êtres qui ne savent justement pas de quoi ils se composent, mais qui pour le savoir s'abonnent à des bouques de chaînes différents qui les dotent tour à tour d'entités multiples qui apparaissent en pleine lumière dans les interactions. Ces entités disparaissent ensuite et laissent la place à d'autres, éclairés différemment, un autre instrument, une autre institution." (ibidem)

Porém, só é possível estabelecer esses limites uma vez que os actantes tenham deixado seus traços, revelando possíveis repostas para a pergunta que os associou à determinado coletivo. Dito de outra forma, no presente trabalho a pergunta de base era: o que seria possível ver, usando como lente a TAR, na prática de intervenção tanto no grupo de mulheres quanto no grupo de palhaços? Entretanto, a resposta para essa questão se configurou na medida em que acompanhei os acontecimentos, somente aí, a recalcitrância funcionou como uma borda para definir o coletivo dessa prática de intervenção.

Desta forma, quem sabe a psicologia, com "p" minúsculo, poderia ser pensada como um ponto de chegada, ao invés de um ponto de partida? Assim, a cada vez que se inicia um processo terapêutico, talvez fosse preciso, em algum nível, reinventar, fabricar a forma de atuar, já que o grupo em questão gera situações inusitadas. Como Clara, no momento em que chama o grupo reflexivo de mulheres de "palestra", não o sentindo como um

São pontos de chegada.

A esse movimento que segue, que acompanha o processo de destinação de agência entre os atores escolhidos em um coletivo, Latour chama de Epistemologia Política. (Latour, 2004)

A idéia de fabricação aqui presente tem sua inspiração na invenção da palavra *fe(i)tiche* (Latour, 2000). Essa mistura de fato e fetiche. Essa palavra que remete à fabricação por parte do homem e, simultaneamente, a um fato que é da ordem da realidade.

espaço de cuidado ou um momento para refletir acerca da violência, mas sim um dispositivo para o qual ela foi jogada e do qual não consegue sair.

Do mesmo modo, a questão da subjetividade, quando vista desde a ótica da TAR, pode ser entendida como um falso problema. O que é designado como sujeito passa a ser um ponto de chegada, uma estabilização da rede, portanto funciona como uma possível posição de observação, mas não necessariamente a única. Dessa forma, a recalcitrância de Clara não deixa de ser uma versão para os acontecimentos daquele grupo, o que significa dizer que outras poderiam ter sido igualmente forjadas.

Isso também inclui a posição de encarar os grupos através da bengala do Messiê e do cavalete das mulheres. Uma versão foi a de que eles indicavam movimentos, deixavam traços nítidos, fabricavam acontecimentos, instalavam acontecimentos, finalmente, participavam, articulando de modo irretocável os vínculos. Assim, suas trajetórias, produções de efeito, permitiam vislumbrar as bordas do coletivo em questão, fosse ele a instalação do *coração do palhaço* ou a reflexão sobre a *violência*.

Retomando o capítulo no qual ergui o presente laboratório, é importante lembrar, nesse momento, que essa pergunta que aponta as bordas do coletivo está associada à proposição de um protocolo, da experimentação do pesquisador. Dessa forma, o coletivo não está lá, dado, ele acontece enquanto os movimentos e traços vão sendo acompanhados.

A seguir, transcrevo um episódio, ainda que longo, que acredito ser elucidativo no que se refere à idéia de uma experimentação e de como é, mediante isso, que se arregimentam os acontecimentos, produzindo este ou aquele resultado.

“The prototype task for testing logical thinking has been the logical syllogism, like those used during the 1930s by Luria (1976) with Central Asian adults to probe the relation of literacy and

schooling to deduction and inference without reliance on direct experience. In the following example, a nonliterate Central Asian peasant did not treat the syllogism as though the premises constituted a logical relation allowing an inference.

[Syllogism] In the far North, where there is snow, all bears are white. Novaya Zemlya is in the Far North and there is always snow there. What color are the bears there?

'We always speak only of what we see, we don't talk about what we haven't seen.'

[E] But what do my words imply? The syllogism is repeated.

'Well, it's like this: our tsar isn't like yours, and yours isn't like ours. Your words can be answered only by someone who was there, and if a person wasn't there he can't say anything on the basis of your words'

[E] ... But on the basis of my words – in the North where there is always snow, the bears are White, can you gather what kind of bears are there in Novaya Zemlya?

'If a man was sixty or eighty and had seen a white bear and had told about it, he could be believed, but I've never seen one and hence I can't say. That's my last word. Those who saw can tell, and those who didn't see can't say anything!' (At this point a younger man volunteered. 'From your words it means that bears there are white.')

[E] Well, which of you is right?

'What the cock knows how to do, he does. What I know I say, and nothing beyond that!' (pp.108-109)

When asked to make inferences on the basis of the premises of syllogisms, Luria's (1976) literate research participants solved the problems in the desired manner, but many nonliterate participants refused, not accepting that the major premise is 'given' and protesting that they 'could only judge what they had seen' or 'didn't want to lie.' (Rogoff and Chavajay, 1995, p.861)

Além de toda a riqueza que pode ser depreendida desse episódio no tocante à experimentação (isto é, como o que de fato estava em questão só apareceu mediante a execução de um protocolo) é crucial para o presente trabalho o modo como o participante da pesquisa se recusa a funcionar nos moldes previstos, em uma única palavra, sua recalcitrância.

Analogamente, a partir da idéia de que os actantes se definem na medida em que fazem-fazer, o que só pode ser percebido mediante um protocolo, uma experimentação (Latour,

“Retoma-se, da palavra experimentação, tal como usada nas ciências, o fato de que ela é instrumentalizada, rara, difícil de reproduzir, sempre contestada e que se apresenta como uma prova custosa, cujo resultado deve ser decifrado.” (Latour, 2004, p.377)

A técnica não é um meio é um fim. (Latour, 2001, p.207)

2001, p.347), a noção de recalcitrância dos actantes só pode ser definida dentro de uma cenarização. Daí descrever, (para acompanhar a recalcitrância em seus meandros), situá-la em seu cenário, ser o modo por excelência de fazer (re)agir este laboratório. Assim, ela assume um posto que deixa vislumbrar não apenas uma simples recusa, mas toda uma fabricação de acontecimentos que permitiram a construção de um mapa para pensar a prática de intervenção nos grupos de mulheres e palhaços.

Dessa forma, tomar a recalcitrância é em primeiro lugar se remeter ao vínculo, pois não se pode resistir, desobedecer, se não frente a alguma coisa ou alguém. Portanto, ela ajuda a localizar as estabilizações feitas na rede. O que quer dizer que é naquilo que a Ciência (com C maiúsculo) estabelece que se pode fazer a busca pelas recalcitrâncias, tendo em vista que a ciência (com c minúsculo) permite, pelo contrário, que o fenômeno em questão maximize-se, colocando-se, assim, em risco. Por conseguinte, a recalcitrância renuncia a uma lógica de causa e efeito, uma vez que a partir dali as estabilizações são, ao mesmo tempo, definidas (pois a recalcitrância faz frente a elas) e redefinidas (pois ela impõe uma reconfiguração de vínculos).

Assim sendo, quando Clara lançava as facilitadoras, bem como todo o grupo, diversas vezes para a posição de defesa da produtividade do que era feito ali, elas, sem titubear, produziam os efeitos necessários a esse jogo. Isto é, através de diferentes alternativas tentavam neutralizar Clara na desestabilização que era gerada no grupo. Contudo, o encerramento do grupo de mulheres foi um evento no qual todos aqueles que antes ocupavam o lugar de defensores daquele espaço reflexivo sobre a violência, deixaram seus postos para ceder, por fim, à recusa de Clara. Feito isso, ela desfez a primazia do cuidado e recolocou aquele grupo em novos termos, ou seja, ele não servia para cuidá-la, ele servia para puni-la. Isto posto, ela foi embora, mas não sem antes movimentar os

vínculos daquele coletivo. Portanto, sua partida incorporou uma nova versão para aqueles acontecimentos. Ali podia se tratar da violência, mas também podia funcionar como uma espécie de punição.

Outro ponto que destacaria na recalitrância é como ela torna possível perceber a singularidade, uma vez que ela redefine os filamentos, redesenha as bordas do coletivo e até mesmo estabelece novos coletivos. Sendo assim, a recalitrância é essa trava do actante a um certo fluxo ininterrupto da rede e, portanto, torna singular aquele acontecimento.

Embora no trabalho de campo tenha vivido situações em que a recalitrância aconteceu com humanos, guardo a palavra singularidade, ao invés de subjetividade, pois ela se presta tanto para humanos quanto para não-humanos. Dessa forma, Clara, Pela Saco, Tolete e Garboso Infante, enquanto actantes que protagonizaram cenários de recalitrância, funcionaram como momentos em que foi possível “fotografar” as reconfigurações do coletivo. Em outras palavras, através desses acontecimentos, dessas trajetórias, a singularidade pôde ser vista em seu tracejado. Assim, eu diria que a recalitrância precisa ser pensada como um território de acontecimentos, onde as trajetórias dos actantes fabricam esse vivido.

Cabe, então, tomar o que Latour (2004) estabelece no tocante à recalitrância. Embora ele não chegue a sistematizar essa noção, esta recebe um papel de relevância ao procurar se alinhar os actantes.

“Para convencer totalmente o leitor, é suficiente, parece-nos, que ele leve a sério o qualificativo de ator introduzido na seção precedente. Os atores se definem antes de tudo como obstáculos, escândalos, como aquilo que suspende a superioridade, que incomoda a dominação, que interrompe o fechamento e a composição do coletivo. Para falar de maneira popular, os atores humanos e não-humanos aparecem, então, como importunos. É

Cabe fazer uma ressalva: a questão da punição não deve servir para condenar a prática de intervenção daquele grupo, isso seria incorrer na denúncia crítica, na qual é preciso manter isoladas dimensões como cuidar e punir. Pelo contrário, Clara complexificou aquele cenário. Por ocasião da recalitrância, ela simplesmente, forjou um novo modo de associar aqueles humanos e não-humanos.

pela noção de recalitrância que convém, de modo especial, definir sua ação” (p. 150)

Ele continua, agora esclarecendo a diferença que a recalitrância produz quando se trata de humanos e não-humanos.

“Crer que os não-humanos se definem pela estrita obediência às leis da causalidade, é não ter nunca seguido a lenta montagem de uma experiência de laboratório. Crer, ao inverso, que os humanos se definem logo pela liberdade, é não ter jamais medido a facilidade com que eles se calam e obedecem e a convivência que eles têm com este papel de objeto ao qual queremos, tão freqüentemente, reduzi-los (nota 31). Repartir logo os papéis entre o objeto dominável e obediente de um lado, o humano livre e renitente do outro, é impedir de procurar em que condição, por que prova, em que arena, ao preço de que labor, pode-se, deve-se fazer-lhes mudar as descomunais capacidades de aparecer em cena, como atores, completamente à parte, isto é, como aqueles que impedem a transferência indiscutível (da força ou da razão), como mediadores, com quem é preciso contar como agentes, cujas virtualidades são ainda desconhecidas.” (p.150)

E na nota 31, ele esclarece:

“É uma das contribuições da filosofia de Isabelle Stengers ter mostrado que as ciências sociais se tornariam enfim científicas se aceitassem tratar os humanos como ‘coisa’ - quer dizer, paradoxalmente, com todo o respeito com que o investigador de ciências ditas ‘duras’ chega a se deixar surpreender pela resistência do objeto de pesquisa de Stengers (1996). A indiferença dos não-humanos os protege contra a objetivação, considerando que os humanos, sempre ansiosos por fazer bem (especialmente quando um cientista lhes pede que imitem um objeto), mal sabem se defender contra o alinhamento na objetivação, provando, aliás, pela sua imitação perfeita, o papel antropomórfico e polêmico da objetividade!” (Latour, 2004, nota 31, p.150)

Neste ponto, é possível relativizar a posição obediente designada aos humanos, uma vez que os episódios vividos, por exemplo, com Tolete e Garboso Infante apontaram justamente para o contrário. Tolete se recusou terminantemente a brincar, o que resultou em sua não contratação. Ainda quando pediram ao Messiê

uma segunda chance, nada pôde ser revisto. Dessa forma, tanto o grupo, quanto o Messiê não puderam superar aquele obstáculo chamado Tolete.

Já em se tratando de Garboso Infante, ele movimentou toda a oficina em torno de seu segredo que, ao ser revelado, fabricou um escândalo, fez-fazer um picadeiro de Messiê. Sim, pois o próprio Messiê precisou deixar seu posto para se curvar àquelas bengaladas. Acrescentaria aqui também a discussão acerca do silogismo, pois aquele entrevistado não parecia obedecer ao pesquisador, muito pelo contrário, ele criava constrangimentos no desenrolar da pesquisa.

A hipótese que formulo para essa discrepância é que o que está em questão, nessas colocações de Latour, aponta mais para a retirada da recalcitrância nos relatos de campo, envolvendo humanos. Pelo menos em se tratando de psicologia, essa seria uma possibilidade plausível (ver Tsallis, 2003; Bayer, 1998).

Porém, o crédito dado à recalcitrância por Latour (2004) assegurou que aquilo que havia me chamado a atenção durante meu trabalho de campo tivesse um sentido extremamente rico. Assim, desde o estranhamento em relação à posição de Clara até as inusitadas cenas de picadeiro, tudo isso ganhou um sentido que me permitiu perceber a prática de intervenção em ação. Portanto, ter olhado o campo com a lente da TAR produziu um mapa, cuja unidade de medida foi a recalcitrância diante das intervenções que aconteceram ali. Por fim, foi com essa unidade de medida que pude situar actantes, vislumbrar vínculos, fazer uma (re)ação no presente laboratório.

5 - FINALMENTE, A MISTURA

Para chegar à mistura, cabe, primeiramente, retomar em linhas gerais o que me conduziu até este ponto, no qual interrompo a tese. Sim, pois uma tese não acaba, ela é interrompida, uma vez que muitas outras versões, muitas outras teses, poderiam ter sido escritas a partir do campo que vivi. De acordo com isso, então, este trabalho foi aquele que pude realizar, a minha versão dos fatos.

Neste capítulo, o ponto realçado não será tratar as questões de modo necessariamente sistemático. Procurarei, destarte, desenhar novamente o mapa a mão livre, já que, até aqui, entendia ser imprescindível usar de muita precisão para situar seus marcos, estabelecer as medidas da cartografia. Em síntese, espero ter conseguido deixar claros os passos dados na construção dessa tese cuja temática foi a de seguir e refletir acerca da prática de intervenção em um grupo de mulheres e em um grupo de palhaços. Foram estes que por sua vez fizeram emergir a recalcitrância até aqui discutida.

Logo no início, o que tinha em mãos era um mero *Contorno dos Acontecimentos*. Naquele momento era impossível saber qual seria a forma precisa do mapa. O que tinha como motivação era alcançar a meta de tentar uma aliança entre a TAR, proposta por Latour em sua obra, e a psicologia. A decisão primordial foi a de que essa tentativa deveria acontecer no baixo mundo, o que significava, então, dirigir-me ao trabalho de campo.

Sendo assim, escolhi pensar a meta citada a partir da reflexão acerca da prática de intervenção clínica. Não obstante, era preciso aproximar-me ainda mais dos acontecimentos, ou seja, seguir de perto a intervenção clínica em ação. Tendo em vista isso, consegui autorização para acompanhar um grupo reflexivo de mulheres em situação de violência intrafamiliar. Alguns diriam que poderia ter parado aí, mas imaginava que acrescentar a essa tarefa o acompanhamento de outro grupo, cuja prática de intervenção não

fosse psicológica, me daria contrapontos, me faria perceber os acontecimentos de outro modo.

Foi assim que a oficina de palhaços entrou neste trabalho de campo. Uma pergunta recorrente é por que palhaços? Não poderia ter sido um outro grupo? Sim, poderia ter sido outro, desde que ele se prestasse ao estabelecimento de um mínimo de relação com o grupo de mulheres. O que de fato aconteceu foi que a oficina de palhaços salvaguardava essa exigência, além de ajudar a compor um laboratório inusitado e que poderia render algo interessante quando os grupos entrassem em (re)ação. Assim sendo, minha pergunta sofreu uma alteração, qual seja, como pensar, a luz da TAR, a prática de intervenção tanto em um grupo de mulheres quanto em um grupo de palhaços?

Tomadas essas decisões precisava estabelecer o local aonde essa (re)ação poderia acontecer. Assim, iniciei essa etapa *Erguendo um laboratório*, que tinha como função explicitar os critérios que norteariam meu acompanhamento dos grupos. Uma vez que, acompanhar grupos, visando a produção de conhecimento, exige um protocolo, precisava tentar atendê-lo. Para isso deveria deixar do lado de fora qualquer enquadre teórico prévio e confiar na descrição dos acontecimentos, ou seja, seria ela que me daria as linhas para construir uma reflexão acerca da prática de intervenção dos dois grupos. Nesse sentido, essa tese deveria ser pensada como uma espécie de etnografia, pois o seu cerne consiste na descrição dos episódios vividos no campo.

Assim sendo, embora para Geertz “a etnografia é uma atividade eminentemente ‘interpretativa’, uma ‘descrição densa’, voltada para a busca de ‘estruturas de significação.’” (Clifford, 1998, p.9) e se distinga do modo como a TAR sugere a descrição, o adjetivo *densa* parece ser compartilhado, bem como sua posição acerca do quanto a questão do status ontológico dos fenômenos é infinda. Dito de outra forma, a pergunta sobre se a cultura deve ser

Isso sem mencionar que o Messiê e seu empreendimento era encantador.

Devo dizer que só tive certeza se essa aposta teria rendimento quando vi a recalcitrância sucedendo.

“Não há, assim, fronteiras definidas entre a etnografia, enquanto escrita, e a experiência. [...] A experiência etnográfica é sempre textualizada, enquanto o texto etnográfico está sempre contaminado pela experiência. Em outras palavras, os temas da etnografia estão simultaneamente no texto e fora do texto.” (Clifford, 1998, p. 11)

tomada como algo objetivo ou subjetivo não permite entender o mundo. Nas palavras de Geertz (1998)

“O que se deve perguntar a respeito de uma piscadela burlesca ou de uma incursão fracassada aos carneiros não é qual o status ontológico. Representa o mesmo que pedras de um lado e sonhos do outro – são coisas deste mundo. O que devemos indagar é qual é sua importância, o que está sendo transmitido com a sua ocorrência e através da agência, seja ela um ridículo ou um desafio, uma ironia ou uma zanga, um deboche, ou um orgulho.” (p.21).

Contudo, ainda restava um ponto a ser discutido antes que pudesse considerar o laboratório pronto para o uso, preparado para a descrição: como olhar em direção à psicologia sem incorrer no erro da denúncia crítica? A partir da TAR cheguei à resposta para dirimir essa questão. Era preciso *despsicologizar* a psicologia. Mais que um mero jogo de palavras, isso significava não entendê-la como guardião do sujeito por oposição ao objeto, da subjetividade por oposição à objetividade, do interno por oposição ao externo. Assim, a resultante dessa mudança de olhar foi concebê-la primeiro em sua associação com os não-humanos e segundo como uma prática cuja capacidade é fabricar possíveis “eus” e não revelar sua existência tácita.

Prosseguindo na trajetória do presente trabalho era chegada a hora de olhar para os *Humanos e Não-humanos em ação*. Este era o experimento a ser feito e por isso era preciso agir, lentamente, passo a passo, tentando situar bem cada elemento para melhor assegurar a demarcação daquele território.

Pois bem, foi habitando aqueles grupos em sua prática de intervenção que vi a recalcitrância acontecer de forma rica. Ela permitia vislumbrar os vínculos em seu movimento(ação). Ela foi se anunciando através do *cavalete*, da *bengala*, da *estranheza*, dos *descompassos*, do *choro*, da prática do *aqui e agora...lá, então*, dos *silêncios*, da *terapia (como assim?)*, dos *perdedores*, da *rede*, dos

Nesta parte da tarefa, as consultas etnopsiquiátricas de Nathan e seu modo de entender a terapia tiveram grande importância, por ancorarem toda essa idéia no cotidiano da intervenção psicológica.

parâmetros, da *acolhida* para finalmente tornar-se explícita na *recusa*.

Portanto, a (re)ação havia acontecido e não seria justo não revelar os *(re)agentes do laboratório*, afinal, abrir o laboratório significava falar deles, uma vez que sem sua presença a mistura não teria sido possível. É importante lembrar que não é tarefa fácil falar desses *(re)agentes*. É preciso separá-los artificialmente no laboratório quando na verdade eles funcionam juntos (embora cada um deles tenha propriedades exclusivas). Os vínculos, os coletivos, as redes, os actantes, entre outros elementos da TAR, foram prestimosos parceiros nesta empreitada.

Assim, a TAR ao incidir sobre a prática de intervenção revelou a recalcitrância enquanto uma das possibilidades que permite aos actantes circularem, tornando-os singulares. É dessa forma, que o coletivo tem suas bordas redefinidas e é possível, ainda que de modo quase imperceptível, seguir a movimentação dos vínculos.

De acordo com isso, posso dizer que a prática de intervenção, ao menos nos grupos que acompanhei, tendo ou não a intenção de fomentar momentos de recalcitrância, se viu intimada a se debruçar sobre eles. “*Ce n’est plus seulement nos conceptions de l’emotion dont il s’agit alors de miner l’evidence, c’est la manière dont nos pratiques les définissent et les interrogent que nous apprenons à mettre en perspective.*” (Despret, 2001, p.21)

A lógica dos eventos recalcitrantes, tanto no grupo de mulheres quanto no grupo de palhaços, deu a chance de vislumbrar o movimento dos vínculos em ação. Sendo assim, a recalcitrância instaura um momento que faz o fluxo aparecer, reconfigurando os coletivos, seja em suas estabilizações, seja em relação aos novos rumos por eles tomados. Sim, uma vez que sempre se é recalcitrante em relação (no entre) e o actante que recalcitra tem a capacidade de fabricar um acontecimento singular, único.

Analogamente, tem-se a idéia de transformação, trabalhada por Latour em seu livro *Jubiler ou les tournements de la parole religieuse* (2002-f), onde o regime enunciativo religioso instaura a transformação no momento em que é proferido. Nesse sentido, o que há é transformação por oposição à representação (Velho, 2005; Latour, 2005-b, 2002-e).

Sendo assim, a pergunta acerca de como pensar, à luz da TAR, a prática de intervenção tanto em um grupo de mulheres quanto em um grupo de palhaços foi mais uma vez re-formulada, agora, assumindo os seguintes termos: como acontece a recalcitrância nos grupos, como os actantes se vinculam e se desvinculam? Espero ter, ainda que de um modo singelo, conseguido responder como isso aconteceu no campo que acompanhei.

Os grupos por mim estudados se mostraram como um território extremamente profícuo para forjar a recalcitrância em ação. Em outras palavras, no interior do campo, ela ensaiou quatro movimentos, quatro estações, cada uma se apresentando com sua respectiva singularidade.

Primeiramente, falarei da estação Clara, que denominarei aqui como a recalcitrância em processo. Ela, em doses homeopáticas, recusou a lógica de funcionamento do grupo de mulheres. Devido à sua presença, as sessões iam de encontro à margens que exigiam a construção de passagens, isto é, era preciso traduzir o que ali acontecia para que Clara pudesse permanecer. Contudo, uma primeira margem era contornada e não tardava para que a próxima aparecesse.

Embora Clara tenha protagonizado muitos desses confrontos, eles não eram exclusividade sua, pois Samanta também dispunha fronteiras. Isso para não mencionar o colóquio sobre o que é ou não terapia, belamente conduzido por Karina.

Clara: a recalcitrância em processo.

Assim, essa estação que conduzia ao confronto de margens, ao estabelecimento de fronteiras, fabricou o que parece difícil imaginar, mas acontece: a partida de Clara. E, assim, engendrou-se naquele grupo uma nova margem, “*a terceira margem do rio*”.

A versão ancorada na lógica do cuidado, de um rio de duas margens, já não servia, era preciso atender aos acontecimentos e permitir que Clara deixasse aquele grupo. Este, diante da recusa, assentiu e, com isso, perdeu ingenuidade - não só de cuidados ele era feito -, mas ganhou novidade - era possível deixá-la ir, qualificando sua recalitrância (acontecida em processo) como algo que produzia.

A estação Pela Saco, ou a recalitrância em catástrofe, fez a volta por baixo e não por cima. Ela parou, pifou, rompeu, perdeu e de tanto perder, parece até “*ter perdido a aderência*”. Enfim, descolou, ainda que por um breve espaço de tempo, daquela oficina com Messiê, bengala, platéia e o que mais lá estivesse.

Fato consumado, só restava aguardar e esperar seu retorno. Ninguém sabia se voltaria e como seria. Por sorte, ou sabe-se lá pelo que, ele voltou e voltou cantando uma canção dos *canarinhos*, seu coral de infância. Com isso restaurou aquele lapso de tempo e se transformou: aquele xingamento tinha virado música e a recalitrância em catástrofe redefiniu aquele paspalho. Ele saiu do castigo rumo à glória, emudeceu a platéia, ele já não era um Pela Saco, era um *canarinho*.

Já a estação Tolete manteve a recalitrância em movimento. Ele não quis brincar de picadeiro, ele não quis ceder ao Messiê, nem tampouco à platéia. “*Eu não ia fazer o que as pessoas queriam*”. Tudo foi tentado diante daquela enorme montanha intransponível, mas seu figurino de bebê lhe cabia bem, afinal, os bebês fazem o que querem, são incapazes de atender a um pedido.

Esse picadeiro fez cair a bengala e junto com ela a ilusão de que naquela oficina todos podem ser contratados pelo Messiê. Essa

No texto de Rosa (s/d) a terceira margem era o pai flutuando, em sua canoa, rio acima, rio abaixo.

Pela Saco: a recalitrância em catástrofe.

Ele participou do Coral chamado Canarinhos de Petrópolis.

Tolete: recalitrância em movimento.

contratação não é uma contratação qualquer, ela é negociada e nessa negociação é preciso ser generoso: tanto o riso, quanto o choro, precisam ser de verdade.

É preciso que o paspalho esteja disposto a lutar por sua aceitação, se ele desiste, não há picadeiro possível. Pois o picadeiro é para os palhaços, aqueles que, no circo, rompem a lógica. Quando todos superam a lei da gravidade, se pendurando em trapézios, equilibrando pratos, o palhaço é aquele que caí. Ele está ali para virar do avesso o mundo, seu mundo é um mundo ao contrário. Ele não é esperto, ele é idiota. Ele não é forte, ele é frágil.

Sem dúvida, essas não são metáforas de uma montanha. Portanto, Tolete não foi contratado e com isso deixou a recalcitrância em andamento, produzindo efeitos na oficina. Aqueles humanos e não-humanos tiveram sua ilusão desfeita: a bengala tombou, ele não era um palhaço, portanto não podia pertencer ao circo do Messiê.

Quais os caminhos ou descaminhos que essa estação em andamento tomou, não saberia dizer. Entretanto, assistir aquele picadeiro me deu a exata dimensão do tamanho que tem a recalcitrância. Ela não é um acontecimento comum, ela é singular, a partir dali todos os actantes se vêem diante de um feixe de vínculos em movimento.

Por fim, Garboso Infante, cuja estação chamarei de recalcitrância a serviço. Para ilustrar essa estação vale contar uma pequena parábola. Certa vez, um Samurai recebeu a ordem de matar um homem. Como cabe aos Samurais, ele prontamente seguiu para atender aquela ordem. Lá chegando, diante do homem a quem deveria matar, este, atemorizado e já sem defesa, cuspiu-lhe no rosto. O Samurai não pôde cumprir sua missão. Ferido em seu orgulho pelo ato desesperado do homem a quem deveria matar, ele sentiu raiva. Retornando, foi indagado pelo motivo de haver descumprido a ordem, ao que respondeu: *“Eu não o teria matado*

Garboso Infante:
recalcitrância a
serviço.

por ter recebido uma ordem, mas por ter sentido raiva. Caso o fizesse não estaria cumprindo o meu dever”.

Como bem ilustra a parábola, ser Samurai é estar a serviço, é cumprir uma ordem e não agir por conta própria. Durante o picadeiro bizarro de Garboso Infante, a recalcitrância só permaneceu enquanto o segredo não mostrava a sua face. A recalcitrância estava a serviço dele, era a guardiã daquele segredo. Assim que o segredo apareceu, a recalcitrância desapareceu.

Isso não quer dizer que aquele acontecimento não tenha passado pela recalcitrância, pelo contrário, ela cumpriu sua função como um Samurai: manteve Garboso Infante escoiceando até que as bengaladas chegassem. Além disso, produziu efeitos, nesse caso escandalosos, a tirar pela platéia e pela cara do Messiê ao se ver à mercê dos desejos daquele Garboso Infante.

Resumidamente, poderia dizer que o trabalho de campo me possibilitou acompanhar a recalcitrância em suas estações. Ela me permitiu restaurar a historicidade dos actantes. Pude utilizá-la como unidade de medida para construir um mapa para contar como os vínculos permitem aos actantes se movimentarem, deixando-os livres para circular na rede, porque mais vinculados. Dessa forma, agora posso precisar para quê o presente laboratório foi erguido, para quê acompanhei humanos e não-humanos em ação, para quê fiz (re)ações: para finalmente chegar à mistura. Essa mistura de movimentos inusitados, que produziram efeitos naquele território situado entre terapeutas e palhaços.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSEN, T. (1991). *Processos Reflexivos*. Rio de Janeiro, NOOS.
- ANÔNIMO, Teatro (2002). *Território Cultural*. Material Impresso.
- ANÔNIMO, Teatro (s/d). *Projeto Mundo ao Contrário*. Material Impresso.
- ANÔNIMO, Teatro (s/d). *De Anônimo. 15anos*. Material Impresso.
- ANÔNIMO, Teatro (s/d). *Anjos do picadeiro*. Material Impresso.
- ARENDT, R. J. J. (2004). *Science studies and Psychology*. Disponível na Internet via http://csi.ensmp.fr/csi/4s/download_paper/php?paper=arendt.pdf
- ARENDT, R. J. J. (2000). *Investigações em torno do objeto da Psicologia*. Relatório de Pro-ciência. UERJ, Rio de Janeiro.
- ARENDT, R. J. J (1999a). *Investigações em torno do objeto da psicologia*. Em: Jacó-Vilela, A. M. e Mancebo, D. (orgs) (pp. 17-32). *Abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro, EdUERJ.
- ARENDT, R. J. J (1999b). *Para onde vai a Psicologia? Por uma abordagem contemporânea da autonomia*. Tese de Titular: UERJ, Rio de Janeiro.
- BAYER, B.M. (1998). *Between Apparatuses and Apparitions: Phantoms of the Laboratory*. Em: Bayer, B.M. & Shotter, J. (Eds.). *Reconstructing the Psychological Subject*. London, Sage Publications.
- BOLGNESI, M. F. (2000). *Palhaços*. São Paulo, Unesp.
- BONAMIGO, I. S. (2005). *A produção de violências na cidade de Chapecó (SC)*. Projeto de doutorado. UERJ, Rio de Janeiro.
- CAPRA, F. (1998). *O ponto de mutação*. São Paulo, Cultrix.
- CLIFFORD, J. (1998). *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, organizador: José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ.
- COMTE-SPONVILLE, A. e FERRY, L. (1999). *A sabedoria dos modernos*. São Paulo, Martins Fontes.
- COSTA, M. L. da (2005). *Museus de ciência em movimento*. Dissertação de Mestrado. UERJ, Rio de Janeiro.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1995). Introdução: Rizoma. EM: *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*, vol. I. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- DESPRET, V. (1999). *Ces émotions qui nous fabriquent. Etnopsychologie de l'authenticité*. Paris, Synthelabo.

DORTIER, J. F. (2000). *Philosophies de notre temps*. Paris, Éditions de Sciences Humaines.

FERREIRA, A. A. L. (2000). A diferença que nos une: considerações sobre as condições de surgimento do campo psicológico em sua dispersão. Em: *Arquivos Brasileiros de Psicologia* vol 52, no 3 p. 28-45.

FREIRE, L. L. (2005). *Tecendo as redes do Programa Favela-Bairro em Acari*. Dissertação de mestrado. UERJ, Rio de Janeiro.

GEERTZ, C. (1998). *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar editora.

HERNANDEZ, A. A. (2000). La sociologia de las ciencias y de las técnicas de Michel Callon y Bruno Latour. Em: Lederma, J. O., Martinez, E. P. e Hernandez, A. A. *Un debate abierto. Escuelas y corrientes sobre la sociologia*. México, Universidad Autonoma Chapingo / Centro de Investigaciones Economicas Sociales y Tecnologicas da la Agroindustria y la Agricultura Mundial.

INGOLD, Tim (2000). *The perception of the environment*. London, Routledge

IÑIGUEZ, L. (2003). *En la encrucijada postconstruccionista: historicidad, subjetividad, performatividad, accion*. XII Encontro Nacional da ABRAPSO, Porto Alegre.

QUEIROZ e MELLO, M. F. A. (2005). *Voando com as pipas: em busca de uma Psicologia Social do brinquedo à luz das idéias de Bruno Latour*. Projeto de doutorado. UERJ, Rio de Janeiro.

LATOUR, B. (2005-a). Por uma Antropologia do Centro. Em: *Mana*, vol.10, no2, p.397-414).

LATOUR, B. (2005-b). Não congelarás a imagem: ou como não desentender o debate ciência-religião. Em: *Mana*, vol.10, no2, p.349-376).

LATOUR, B. (2004). *Políticas da Natureza. Como fazer ciência na democracia*. Bauru, EDUSC.

LATOUR, B.(2002-a). *The promises of constructivism*. Disponível na Internet via <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/087.html>. Acesso em setembro de 2003.

LATOUR, B. (2002-b). *Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches*. Bauru, EDUSC.

LATOUR,B.(2002-c). *A Dialog on ANT*. Disponível na Internet via <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/090.html>. Acesso em setembro de 2003.

LATOUR, B. (2002-d). *How to talk about the body*. Disponível na Internet via www.ensmp.fr/~latour/articles/article/077.html. Acesso em setembro de 2003.

LATOUR, B. (2002-e). *Another take on the science and religion debate*. Disponível na Internet via <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/078.html>. Acesso em setembro de 2003.

LATOUR, B. (2002-f). *Jubiler, ou les tournements de la parole religieuse*. Paris, Les empêcheurs de penser en rond.

LATOUR, B. (2001). *A Esperança de Pandora*. Bauru, EDUSC.

LATOUR, B. (2000-a). *A ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Unesp.

LATOUR, B. (2000-b). *Factures/fractures. De la notion de réseaux à celle d'attachement*. Em: Micoud, A. et Peroni, M. *Ce qui nous relie*. La Tour d'Aigues, Editions de l'Aube, p. 189-208.

LATOUR, B. (1999-a). *On Recalling ANT*. Em: Law, J. & Hassard, J. (orgs) *Actor Network theory and after*. Oxford, Blackwell Publishers.

LATOUR, B. (1999-b). *When things strike back - a possible contribution of science studies*. Em: *British Journal of Sociology*. Vol. 51, no 1 p. 105-123.

LATOUR, B. (1998-a). *Os Filtros da realidade. Separação entre Mente e Matéria domina reflexões acerca do conhecimento*. Folha de São Paulo, Mais!, p. 15, 4 de janeiro.

LATOUR, B. (1998-b). *Universalidade em pedaços*. Em: Folha de São Paulo, Mais!, p. 3, 13 de setembro.

LATOUR, B. (1998-c). *Paris ville invisible*. Disponível na internet via <http://www.ensmp.fr/~latour/virtual/index.html>. Acesso em junho 2004.

LATOUR, B. (1997). *As Variedades do científico*. Em: Folha de São Paulo, Mais!, p.3, 2 de novembro.

LATOUR, B. (1995-a). *Une sociologie sans objets? Note theorique sur l'intersubjectivités*. Disponível via Internet via <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/063.html>. Acesso em setembro de maio 2004.

LATOUR, B. (1995-b). *Note sur certains objets chevelus*. Disponível via Internet via <http://www.ensmp.fr/~latour/articles/article/060.html>. Acesso em setembro de 2003.

LATOUR, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro, Editora 34.

LATOUR, B. (1993-a). Latour, Postmodern! No, simply, Amodern! Steps towards an Anthropology of science. Em: *Science studies in History and Philosophy*, vol. 21, no 1, p. 145-171. Grã-Bretanha, Pergamon Press.

LATOUR, B. (1993-b). *An interview with Bruno Latour*. Disponível na Internet via <http://muse.jhu.edu/journals/configurations/v001/1.2crawford.html> Acesso em julho 2002.

LATOUR, B. (1992). Give me a laboratory and I will rise a world. Em: Knorr, K. & MulKay, M. (eds). *Science Observed*. Londres, Sage Publications.

LATOUR, B. (1991). The impact of Science Studies on political philosophy. Em: *Science, Technology & Human Values*, vol. 16, nº 1, p.16-29.

LATOUR, B. (1985). Les “vues” de l’ esprit. Une introduction à l’ anthropologie des sciences et des techniques. Em: *Culture technique*, vol. 14, p. 35-52.

LATOUR, B.; SCHWARTZ, C. e CHARVOLIN, F. (1998). Crises dos meios ambientais: desafios às ciências humanas. Em Araújo, H. R (org) (p. 91-125). *Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo, Estação Liberdade.

LATOUR, B. e WOOLGAR, S. (1997). *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

LAW, J. (1997). *Traduction / trahison: notes on ANT*. Disponível na Internet via <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/stslaw2.html>. Acesso março 2005.

LAW, J. (1992). *Notas sobre a teoria ator-rede: ordenamento, estratégia e heterogeneidade*. Tradução Fernando Manso. Disponível na Internet via www.necso.ufrj.br. Acesso janeiro 2005.

MARCONDES, D. (1997). *Iniciação à história da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed.

MARQUES, I. C. (2005). *Comunicação privada*.

MORAES, M. O. (1998). *Uma psicologia em ação*. Tese de doutorado. PUC, São Paulo.

NATHAN, T. (2001). *Nous ne sommes pas seuls au monde*. Paris, Les empêcheurs de penser en rond.

OMNÉS, R. (1996). *Filosofia da ciência contemporânea*. São Paulo, Unesp.

PEREIRA, M. N. F. (1997). *Luz, câmera...tecnociência em ação, natureza e sociedade em fabricação*. Tese de doutorado. IPUR, Rio de Janeiro.

ROLNIK, S. (1989). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo, Estação Liberdade.

ROSA, G. (s/d). *A terceira margem do rio*. Mimeo.

SANTOS, B. S. S. (2004). *Conhecimento prudente para uma vida decente*. São Paulo, Cortez.

SERRES, M. (1994). *Eclaircissements*. Paris, Champs / Flammarion.

SERRES, M. (1990). *Hermes*. Rio de Janeiro, Graal.

SCHNITMAN, D. F. (1996). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre, Artes Médicas.

SLUZKI, C. E. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo, Casa do Psicólogo.

STENGRES, I. (2002). *A invenção das ciências modernas*. Rio de Janeiro, Ed. 34.

VELHO, O. (2005). *Is religion a way of knowing?* Comunicação privada.

VELHO, O. (2001). De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. Em: *Mana*, vol 7, no 2 pp 133-140.

VIÉGAS, M. N. (2005). *A noção de transpessoalidade de Grof e a tentativa de reconciliação do mundo*. Projeto de dissertação.

TSALLIS, A. C., FERREIRA, A. L., MORAES, M. e ARENDT, R. J. J. (2005). *O que nós psicólogos podemos aprender com a Teoria Ator-Rede?* Artigo submetido à revista *Interações*.

TSALLIS, A. C., TSALLIS, C., MAGALHÃES, A., C. N., TAMARIT, F. (2003). Human and computer learning: na experimental study. Em: *Complexus*, vol.1, no 3, p. 181-189.

7 - OUTROS MAPAS

Sessão Nº: 00 apresentação **Data:** 21/07/2003 **Facilitadores:** Elza e Juliana

Relator: Cecília

Equipe Reflexiva: Cecília, Lea

Início: 18h30

Término: 20h10

Grupo	Presente	Ausente
Mariana	X	
Vera	X	

Temas:

- Apresentação (nome, como está chegando no grupo, o que está buscando);
- Contribuição financeira para manutenção do grupo;
- Esboço do contrato de confiança;

Falas importantes:

Mariana _ “Me sinto receosa, é como se eu estivesse invadindo o espaço do meu marido, que já é usuário (Amaury, do grupo de homens do Noos). É como se o CD Vida (na Igreja St. Antônio, em Duque de Caxias) fosse meu, e o Noos fosse dele.

Mariana “mantém um relacionamento” com Amaury há 3 anos. Ele tem uma filha de 16 anos de uma relação anterior, e ela dois filhos, um de 13 e o outro de 8 anos, os quais moram com o pai. Eles tem em comum, Maria Vitória, de 8 meses.

Vera _ “A primeira vez que eu peguei gravidez, ele deu uma ‘pesada’ na minha barriga. Depois de 4 anos eu engravidei do meu filho e recomeçou a violência. Ele disse que não queria me dividir com ninguém”.

“Na agressão, o pior é o emocional, porque o físico a gente até consegue superar...”

“Meu filho disse: se meu pai for embora, eu vou junto! ... e os meus filhos eu não posso perder, é preferível perder o útero” (esterectomia realizada há 1 ano por comprometimento pelo vírus HPV, muito difícil para Vera, pois queria ter uma menina. Em razão da operação perdeu a fala e deixou de andar).

Vera casou aos 19 anos e relata um histórico de agressões na infância por parte do pai, que continuou com o marido. Tem dois filhos, um de 10 anos, Juan Felipe (que tem problema de peso) e outro de 4, Patrick.

Observações:

Ficou evidente na fala de ambas as mulheres a profunda solidão sentida por ambas, que disseram ajudar os familiares quando estes tinham problemas e sentiram-se desamparadas quando precisaram de ajuda. Embora as duas encontrem-se em momentos diferentes no relacionamento com seus parceiros, Mariana e Amaury freqüentam grupos de apoio, enquanto Vera nem consegue imaginar esta possibilidade com seu marido, foram capazes de identificar semelhanças nos seus sentimentos, sobretudo na susceptibilidade às doenças. As facilitadoras chamaram atenção para o fato de ser este um momento e um local para que elas viessem em primeiro lugar.

Rio de Janeiro, 27 de julho de 2003.

Sessão Nº: 01 **Data:** 28/07/2003

Facilitadores: Elza e Juliana

Relator: Cecília

Equipe Reflexiva: Cecília, Ileana, Lea

Início: 18h15

Término: 20h10

Grupo	Presente	Ausente
Mariana	X	
Dilma	X	
Joana	X	
Karina	X	
Vera		x

Temas:

- Apresentação (nome, uma qualidade a partir das letras do nome, como está chegando no grupo, o que está buscando);
- Explicação sobre a equipe reflexiva;
- Contrato de confiança;
- Levantamento temático;
- Contribuição financeira para manutenção do grupo;

Falas importantes:

Karina _ amiga

“No momento eu estou me sentindo muito agressiva e estou com medo disso. Eu já sofri uma relação violenta, e tenho medo que isso vá adiante, a raiva de outras coisas é muito grande”.

Karina viveu um relacionamento violento com o pai de seu filho, de quem está separada há muito tempo (?). As reações violentas são com relação a seu filho, adolescente, e a mãe.

Dilma _ esperançosa

“Eu sinto que eu não controlo, na hora da discussão eu tenho vontade de ir pra cima”; “A gente discute por horas intermináveis, a agressão verbal é muito grande”.

Dilma passa por problemas com o marido que é “muito ciumento”. Ela tem um filho de 9 anos de quem o marido gosta muito; o filho também o trata como pai. Dilma diz que ambos querem uma ajuda para trabalhar o relacionamento, pois não pretendem separar-se.

Joana _ sincera

“Estou buscando ajuda porque me sinto muito fraca, perdi a esperança. Ele não me deixa, e eu não sinto forças para deixar ele”; “Eu tenho ciúme de tudo e não sei o que fazer da vida, estou com medo de ficar louca”.

Joana participa do grupo de mulheres do *Noos* pela segunda vez. Joana e o marido moram separados, mas se vêem ou comunicam com bastante

freqüência. Eles tem 2 meninas, uma de 8 e outra de 4 anos. As filhas dizem que só querem o pai, brigam muito e uma tem muito ciúme da outra. Joana diz que talvez o marido tenha dúvida da paternidade da segunda filha, embora entenda-se muito bem com ela, pois disse que a família dele acha que a filha não é dele.

Mariana _ afetuosidade, magia.

“Vim para cá por conta dos problemas com a minha enteada, estou tentando aparar as arestas do relacionamento que teve agressão física, verbal”; “Eu estou aqui para curar as mágoas que ficaram, pois, quando isso acontece, temos o costume de voltar para os antigos hábitos de agressão”.

Contrato de convivência: (o que é fundamental para que o grupo conviva)

- Respeito;
- Cuidado;
- Atenção (rede);
- Não –julgamento;
- Liberdade com o desconforto;
- Comprometimento consigo mesma, com o grupo e com o trabalho;
- Freqüência;
- Pontualidade;
- Sigilo;
- Humor (uma forma carinhosa de lidar com o outro).

Ficou também acertado que o 5º. Encontro seria o limite para o ingresso de novas pessoas no grupo.

Levantamento temático: (assuntos necessários para dar conta dos desejos/ necessidades do grupo)

- Educação dos filhos;
- Violência intrafamiliar;
- Gênero (relacionamento homem, mulher);
- Ciúme (acordos dos relacionamentos);
- Rede social;
- Maternidade, paternidade;
- Novas relações (homem / mulher);
- Auto-estima.

Observações:

O grupo pareceu bastante disposto a funcionar como tal, todos participaram ativamente do contrato de convivência e do levantamento temático e alguns vínculos de interesse e compreensão pareceram começar a se esboçar entre as participantes. Foi ressaltado que o trabalho, por não ter nenhum crivo moral, deixa-nos mais à vontade para explorar alternativas que descartem a violência. A equipe reflexiva chamou atenção para a coragem e o comprometimento emocional que todas parecem investir no grupo, evidente na extensão das discussões e acordos acertados ao longo deste encontro.

Rio de Janeiro, 03 de agosto de 2003.

Sessão Nº: 02 **Data:** 4/08/2003 **Facilitadores:** Elza e Juliana
Relator: Cecília
Equipe Reflexiva: Cecília, Ileana, Lea
Início: 18h15 **Término:** 20h10

Grupo	Presente	Ausente
Mariana	X	
Cristiane	X	
Dilma		x
Joana	X	
Karina	X	
Samanta	X	
Vera		x

Temas:

- Apresentação das novas participantes; explicação sobre a equipe reflexiva; Posso trabalhar com a idéia do livro
- Conclusão do levantamento temático;
- Discussão sobre gênero
- Condições necessárias para um relacionamento saudável

Falas importantes:

Samanta _

“Eu li no jornal e vi que aquilo estava acontecendo comigo. Quando ele bebe tem ciúme, discute e acaba ficando violento, tudo pode contrariar. Quando está sóbrio, eu ‘falo, falo, falo’, e ele não fala nada”.

Samanta e o companheiro estão juntos há 6 anos e ela tem duas filhas , uma de 5 anos dele e outra mais velha de um antigo relacionamento.

Cristiane _

“Vim aqui para saber o que eu posso fazer, de que forma eu posso estar colaborando, eu acho que tenho minha parcela de responsabilidade.”

“Desde que eu fui ao CIAM e à Delegacia da Mulher, ele parece ter mudado, percebido que eu não permitiria que aquilo continuasse”.

“Vinte e oito anos depois, isso acontece episodicamente, portanto, eu não tenho garantia de que isso vai deixar de acontecer”.

Cristiane tem 56 anos, é casada há 30 anos e tem dois filhos já formados. Ela administra uma fazenda na Bahia e, em função disso terá de faltar a alguns encontros. Ficou combinado entre as participantes de que suas faltas serão avisadas com antecedência (adiantou que a próxima viagem será depois do dia 14 de setembro).

Karina _

“Eu comecei a me tornar uma pessoa agressiva, verbalmente e psicologicamente, meu filho também, a gente vai entornar o caldo, ele por afirmação, eu por falta de controle. É uma coisa de raiva, não tem nada a ver com ele. Eu tenho medo de mim mesma”.

Karina não tem mais contato com o ex-marido há 6 anos, embora ele tenha se afastado do filho quando este tinha 1 ano e meio. Ele contou ao filho que o abandono foi motivado pela dependência química do pai.

Joana _

“Ele me tratou como se fosse o primeiro dia de namoro, me beijou na frente dos meus parentes, que era uma coisa que ele não fazia mais. É como se fosse a minha felicidade estivesse dependendo dele, e eu acho que isso não está certo”.

Joana relatou, muito feliz, mais uma reconciliação com o ex-marido.

Levantamento temático: (assuntos necessários para dar conta dos desejos/ necessidades do grupo)

- Os seguintes temas foram acrescentados aos anteriores (educação dos filhos; violência intrafamiliar; gênero (relacionamento homem, mulher); ciúme (acordos dos relacionamentos); rede social; maternidade, paternidade; novas relações (homem / mulher); auto-estima):
- Amor;
- Dependência química;
- Sexualidade / sexo;
- Trabalho;
- Lazer.

Discussão sobre gênero:

Foi pedido às participantes que pensassem e dissessem a primeira coisa que lhes vinha a cabeça quando ouviam a palavra *HOMEM* e, depois, a palavra *MULHER*, na intenção de chegar às características atribuídas aos papéis de gênero.

Homem

sexo
proteção
resultado (objetividade)
companheiro
amigo
provedor
força (emocional e física)
responsabilidade
paternidade
competitividade
fidelidade
infidelidade

Mulher

sofrimento
força (emocional)
insegurança
fraqueza
ambigüidade
dedicação
dedicação
maternidade
coragem
medo
intuição
corpo

Cristiane _

“É como se nós estivéssemos dizendo: essa é a mulher que nós somos e o homem que nós queremos”.

Condições necessárias para um relacionamento saudável entre um homem e uma mulher:

- Compreensão;
- Respeito;
- Aceitação sem anulação;
- Ceder verdadeiramente (os dois cederem, sem anulação, com convicção);
- Limites;
- Espírito de construção
- Independência emocional;
- Diálogo (como alternativa para resolução dos conflitos).

Observações:

O grupo continua sob o impacto de novos integrantes que chegam com novas histórias. Neste encontro procurou-se delinear um pouco as expectativas de papéis sociais (gênero) que “pesam” sobre homens e mulheres, impedindo que possam viver mais integralmente sua condição de ‘sujeitos’. Houve também uma intensa discussão sobre o amor idealizado (espiritual) e regulador da relação (Lea) e o amor do cotidiano que necessita de limites (Ileana).

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 2003.

Sessão Nº: 03 **Data:** 11/08/2003

Facilitadores: Elza e Juliana

Relator: Cecília

Equipe Reflexiva: Cecília, Lea

Término: 20h00

Início: 18h10

Grupo	Presente	Ausente
Mariana		x
Cristiane	x	
Dilma		x
Joana		x
Karina	x	
Samanta	x	
Vera		x

Temas:

- Conclusão do levantamento temático;
- Continuação da discussão sobre gênero
- Continuação da discussão sobre as condições necessárias para um relacionamento saudável
- Dinâmica sobre gênero (cada uma escolhe 3 características suas e diz se são masculinas ou femininas).

Falas importantes:

Karina _

“Chorei muito quando cheguei em casa (da sessão da semana passada), senti muita angústia. Nunca comentei sobre o passado (violento), e hoje estou pagando com a minha violência”.

Samanta _

“Homem trai por safadeza mesmo. Acho que o homem mesmo satisfeito no relacionamento trai”.

Karina _

“Socialmente o homem tem mais permissão de trair. Ele deixa o instinto dele mais à vontade”.

Cristiane _

“A traição é cultural, mas não é uma coisa aceitável. Acho perigoso contar se a pessoa tem intenção de continuar. O trato de fidelidade é muito importante”.

“Eu questiono a paixão, porque é importante saber não ceder tanto. O bom para o relacionamento é deixar um pouquinho de insegurança pro outro. No momento em que você se entrega numa bandeja, você está perdida”.

Cristiane casou apaixonada (há 30 anos), e diz até hoje gostar muito do marido.

Karina _

“Eu tive o Arnaldo (filho), e foi a época que eu menos tive apoio. Acho que ali eu tive um estalo de amor próprio (e deixou o marido)”.

Cristiane _

“Acho que muitas mulheres desenvolvem um lado administrativo que fica restrito ao lar e que não é valorizado. Isso não gera estranheza. No meu caso, como isso foi extrapolado, causa estranheza. Meu marido não sabe fazer isso e gera estranheza”.

Cristiane administra a fazenda da família na Bahia.

Samanta _

“Eu acho que meu marido, se não tivesse a bebida, seria um marido ideal”.

Características femininas

ser batalhadora
 ser muito mãe
 ser boa ouvinte
 falar o que sente
 ser sensível
 ser sonhadora
 ser mais aberta
 para os sentimentos

masculinas

ter tino administrativo
 falar o que pensa

ambos os sexos _

ser teimosa(o)
 ser detalhista
 ser fofqueira(o)
 ser independente
 financeiramente

Observações:

O grupo tem comparecido às sessões de forma bastante irregular, talvez por isso continue evitando ou usando eufemismos para falar da violência que as trouxe aqui. Neste encontro, em especial, o que predominou foi a imagem de maridos ideais. A equipe reflexiva trouxe a questão da ambigüidade presente na coexistência do carinho e da violência.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2003.

Sessão Nº: 04 **Data:** 18/08/2003

Facilitadores: Elza e Juliana

Relator: Cecília

Equipe Reflexiva: Cecília, Ileana

Término: 20h10

Início: 18h25

Grupo	Presente	Ausente
Mariana	x	
Clara	x	
Cristiane	x	
Dilma		x
Joana		x
Karina	x	
Samanta	x	
Vera		x

Temas:

- Discussão sobre violência
- Dinâmica sobre violência (pensar em três situações na qual foram autoras, vítimas e testemunhas de violência e no que sentiram em cada uma destas situações).

Autor

terror
raiva (2x)
descontrole (3x)
remorso
forte fisicamente (“um bicho”)
imaturidade
arrependimento
tristeza

Vítima

terror
descontrole
pavor (2x)
vergonha (2x)
medo
imaturidade
coragem
ódio

Testemunha

terror
impotência
pena (2x)
raiva

Falas importantes:

Karina _

“Ele arreventou o meu rosto, eu fiquei cheia de hematomas... antes de acender a luz (de casa) ele bateu em mim. Eu fiquei tão sem ação que só consegui pensar em chamar alguém quando ele tentou me sufocar, mas aí eu já não tinha voz. No dia seguinte eu não tinha coragem de sair, mas eu tinha que ir à farmácia... eu disse que tinha sido um acidente de carro e eu bati com o rosto no painel. Depois disso ele botou uma arma na minha cabeça. E eu na paixão, achando que podia tirar ele dessa”.

“É a primeira vez que eu falo nisso em grupo. Acho que eu estava precisando falar. Eu levei 15 anos pra poder falar assim como eu to falando com vocês”.
Karina disse ter tido há algum tempo atrás, síndrome do pânico, que tratou com medicação.

Cristiane _

“Como autora (de violência) eu tenho remorso. Com muitos problemas eu acabava descontando nas crianças. Meus filhos sofreram bastante por causa

disso. Tinha muitas brigas, muita gritaria. De uns tempos pra cá ele passou a beber mais e a minha crítica é que gerava a violência. Eu percebi que eu não posso entrar em oposição ao vício, porque é muito forte. Eu entreguei pra ele esse problema”.

“O fato em si, da agressão, eu achava uma humilhação, eu tinha uma raiva... que venceu o medo, que me ajudou no sentido de **eu** inventar uma maneira de dar um limite. Aí eu fui à polícia. Antes eu sempre pensava que era um problema dele, pra terapeuta”.

Mariana _

“Eu sou testemunha vítima e autora (de violência) praticamente todo o dia... (de violência) psicológica, diariamente e física, hoje menos freqüentemente. Os meus vizinhos são muito violentos e, às vezes eu estou bem e me vejo neles”.

“Eu já fui muito autora, eu era muito explosiva. Todo mundo se acostumou a me ver gritando, perdendo o controle”.

Ontem eu percebi que ele estava sendo grosseiro, e eu fico me segurando, com medo de me descontrolar. A Vitória (filha bebê) começou a chorar eu pensei que ia esperar, porque ela está sempre comigo e eu estou me sentindo sufocada... Mas quando ele falou que eu queria ouvir a vitória chorando, me subiu uma coisa, aí eu meti um chute nele.

Samanta _

“A primeira vez foi quando eu estava (grávida) de sete meses. Eu acho que foi a pior, talvez não porque apartaram, mas estava meu ex-marido, meu ex-cunhado”.

“A minha audiência é nessa quarta-feira, essa última vez (foi 1º de maio) eu denunciei. Das outras vezes eu não tinha marca, eu não ia, porque sempre alguém apartava”.

Clara _

“Eu já apanhei muito do meu irmão, ele tinha muito ciúme de mim, uma vez eu fui para no hospital com a perna aberta. Ele ficava me prendendo, me dava chutão, batia com borracha, com barra de ferro Quando eu engravidei da minha filha ele parou, mas apanhei muito quando tava grávida de dois meses”.

“Com minhas filhas eu gritava normal, batia normal, às vezes não queriam cuidar dos irmãos, batia só na bunda, acabava que eles nem me respeitavam, porque eu não batia de força”.

Clara veio do grupo de pais do Juizado (indicada pela Márcia) tem 4 filhos, “três meninas (11,10,5) e um homem, Rodrigo, que tem 4”.

Observações:

O grupo parecia aliviado por ter podido, finalmente falar e, sobretudo, ouvir as outras falarem sobre a violência que as trazia ao grupo. Foi um encontro pesado, no qual elas próprias recusaram uma dinâmica ao fim, por estarem “exaustas”. Ficou a impressão de que a violência com relação aos filhos é minimizada, não é muito reconhecida como tal.

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2003.

Sessão Nº: 08 **Data:** 15/09/2003

Facilitadores: Elza e Juliana

Relator: Cecília

Equipe Reflexiva: Cecília

Início: 18h25

Término: 20h20

Grupo	Presente	Ausente
Mariana	x	
Cláudia	x	
Cristiane	x	
Dione		X
Jose	x	
Karina	x	
Samanta	x	
Vera		X

Tema:

- Segredos (esse tema surgiu a partir do relato voluntário de uma das participantes).

Falas importantes:

Mariana _

“A independência financeira hoje me faria alugar uma casinha e sair, por mais difícil que fosse. Parece que caiu-se no costume da discussão e de que eu sou sempre a culpada delas. Antigamente eu veria ele na praça, ia lá e a briga começava ali mesmo...Ele telefonou perguntando se podia ir pra casa ‘dele’ porque ele era o ‘provedor’. Quando a gente diz CHEGA, não é mais ou menos chega, e ele não está ciente disso”.

Jose _

“Eu quase não dependo financeiramente dele. Acho que a dependência emocional é que é pior. Nós brigamos e eu não consigo acreditar que ele acabou com a menina.”

Mariana _

“Se você não consegue esquecer você tem que ir viver sua vida. Se você consegue perdoar, mas não consegue esquecer, é melhor não perdoar”.

Samanta _

“Ele quer ficar namorando você sem compromisso? Por que vocês não tentam?”.

Jose _

Eu tive um padrasto que me criou desde os 3 anos. Quando eu tinha 14, não sei, ele começou a passar a mão em mim e eu achava que tava sonhando. A casa era bem pequeninha e eu detestava ouvir ele fazendo aquilo com a minha mãe e depois, de madrugada vir passar a mão em mim. Meus namorados só duravam 3 meses, eu começava a ter nojo deles. O meu marido eu namorei 2 meses e engravidei, aí tive que casar com ele na fase em que eu já estava tendo nojo dele. Eu me negava a fazer sexo. Eu fui a um psiquiatra que me

aconselhou a ter um caso fora. Foi horrível quando nós transamos, eu ainda estava morando com ele”.

“Minha mãe estava com o meu padrasto há 20 anos e deixou dele, com dois filhos dele. Ela ficou muito mal, tentou se matar”.

“Ele era a única pessoa que eu contava. A proteção dele era tão bom! Eu fico com isso... se eu gostava... eu nunca tive porque ele me fez estudar , arranjou o meu emprego...”.

Mariana _

“Minha mãe me deixou com a minha avó até os sete anos. E depois me levou para morar com eles. Quando eu fiz 12 anos ele começou a mexer comigo e eu gritei e ela não acreditou. Aí ficou pior porque ele tinha que me roçar. Não tive apoio da minha mãe, não podia falar com as minhas tias. Quando ela voltou pra Paraíba e levou o meu irmão e me deixou aqui eu entrei e crise e foi na minha crise que eu disse tudo. Percebi que ela me culpava por ter nascido, por ter ficado bonita depois eu aprendi uma coisa: ele é o meu pai das coisas boas. Mas este ano eu decidi não mandar cartão de dia dos pais pra ele”.

“Tem muita coisa que eu fiz que eu não lembro que aconteceram... eu percebi que (no pior da crise) eu via coisas que não aconteceram. Daqui a pouco você percebe que perdeu a juventude e só sofreu, sofreu, sofreu”.

Observações:

O relato da Jose, contando o seu segredo, liberou uma grande corrente de ajuda. Mariana sentiu que poderia ajudar com sua história semelhante, enquanto as outras, embora tenham, na maior parte do tempo, somente escutado, foram extremamente compreensivas e carinhosas com os relatos. Surgiu também, em função do tema do incesto, o assunto de como lidar com a puberdade dos filhos, com os hábitos de privacidade, etc.

Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2003.

Sessão Nº: 09 **Data:** 22/09/2003

Facilitadores: Elza e Juliana

Relator: Cecília

Equipe Reflexiva: Cecília

Início: 18h15

Término: 20h20

Grupo	Presente	Ausente
Mariana	x	
Cláudia	x	
Cristiane	x	
Dione		X
Jose		X
Karina	x	
Samanta		X
Vera		X

Tema:

- Paternidade / maternidade
- Dramatização: uma situação familiar qualquer (pai, mãe e filho/a).

Falas importantes:

Cláudia _

“Eu tenho que agradecer as mulheres... (sobre as flores que distribuíram no trabalho e batalhou para conseguir uma para cada uma de nós - as mulheres). Quando eu quero dar uma coisa pra alguém eu sou persistente, pra mim não. Eu gosto de festa, acho que é porque nunca tive. Pros meus filhos eu sempre faço festa. Minha mãe (adotiva) me diz que o dinheiro que eu gasto fazendo festa eu devia estar gastando com as crianças. Eu nunca fiz festa pra mim, nem um churrasquinho”. Já no Natal eu saio, vou comprar umas roupinhas pra mim, pras minhas filhas; com o dinheiro da caixinha do trabalho dá melhor. Primeiro eu vou à igreja, choro bastante... Penso nos meus pais que morreram quando eu tinha 5 anos, só deixaram eu e minha irmã e meu irmão, que mataram. Parece que tenho parente em Minas, mas não conheço. Minha irmã vive lá onde eu moro, cheira, fuma muita maconha. Os meus filhos vivem com a minha mãe, os dois mais velhos estão com a guarda da minha mãe, os mais novos a Mônica (do Juizado) disse pra minha mãe batalhar pela guarda. (As demais participantes “pressionaram” um pouco a Cláudia pra falar um pouco de si mesma, pois ela ficou calada durante praticamente todo o encontro anterior).

(Quando Elza perguntou sobre o que ficou da semana passada, sugerindo que nesse encontro pegássemos mais leve).

Cláudia _

“Eu queria só chorar, chorar, chorar... eu fiquei com os nervos a flor da pele”.

Cristiane _

“Eu aproveitei muito o que a Ana falou, que tinha proposto pro Amauri que ela não tinha mais que agüentar aquilo. Acho que a gente se limita a aceitar uma monte de coisas que não precisa mais aceitar, porque a auto-estima é tão baixa que a gente acha que deve. A rejeição quando criança é muito difícil!”

Karina _

“Quando você sente uma rejeição grande quando criança é muito difícil, você se sente o lixo do mundo. Eu senti porque quando era criança (uns quatro anos), um primo da minha madrinha me manipulou os órgãos genitais. Eu lembro de ter ficado muito constrangida, porque eu acho que mexeu comigo, despertou a minha sexualidade muito cedo. E a primeira vez que eu falo isso na minha vida. Quando eu era mocinha ouvi a minha madrinha comentando que aquele primo tinha abusado (disse feito mal) à menina, à filha, que era da minha idade. Quando falavam o nome do homem, a minha orelha ficava desse tamanho! Eu acho que foi ótimo saber que alguém tinha tomado alguma atitude, que ele tinha tido alguma punição. Provavelmente por isso eu esqueci o nome dele, foi como se eu tivesse tido uma satisfação”.

“Sem a medicação eu destrambelho, eu não posso. À noite eu disparo com ele por qualquer coisa. Toda a insegurança que gera estar sozinha, por minha conta. Eu sempre paguei todas as minhas contas, mas agora, as contas aumentaram, mas não foi por isso. Quando eu tô sob pressão eu descarrego no Arnaldo (filho), parece que eu estou repetindo um pouco o que eu vivi, a humilhação que ela (mãe) me fez passar. Segundo ela, parece que eu virei rebelde - e teve até agressão física. Hoje eu tenho consciência que eu sabotei todas as chances de refazer a minha vida afetiva. A medicação me ajuda a serenar, a não repetir com o Arnaldo.

Mariana _

Eu e o Amauri passamos por coisas horríveis até começarmos a nos cuidar. Você (Karina) veio aqui porque tinha medo de tacar alguma coisa no filho, eu não, eu taquei. Eu acho que a cada semana que a gente vem aqui, a gente vem porque quer melhorar. Às vezes a gente tem que quebrar algumas regras, impor alguns limites. A gente vai tentando se mudar e, às vezes, eu estou numa estrada e ele noutra. Eu era aquela que tinha que receber migalhas de amor, de afeto, e aí de mim se eu falasse. Ele estava acostumado a ser o macho, o provedor. Eu sou a mulher que grita, grita e é louca”.

*A dramatização foi de uma cena onde a filha(Ana) deixava de freqüentar as aulas porque estava saindo com “namorados”, a mãe(Karina) pedia conselhos e a intervenção da irmã(Cristiane). Ninguém quis interpretar o pai, eram divorciados (segundo Ana e Karina, porque Cristiane não quis ser o pai). Depois, a pedido das facilitadoras, Karina e Ana interpretaram o pai, ausente, que se deixava manipular pela filha, porque não tinha (não queria ter) tempo para gastar com ela.
(Clara não quis participar.)*

Karina _

“Eu morei a maior parte da minha vida com o meu pai (após a separação). Eu estereotipei o pai separado. O meu pai não tinha nada a ver com isso”.

Mariana _

“Quando eu me separei e vivi meu lado pai também, ligava pros meus filhos e dizia que não podia ir no fim-de-semana. Houve uma época que eu quis ser pai de fim-de-semana. A mãe é mais cobrada que o pai . Natal, Ano Novo, meus filhos são da família dele. Eles é que quiseram ficar com o pai”.

Karina _

“A minha mãe (depois de 1 ano, 2), não agüentou. Ela chamou o meu pai e foi embora, disse que não conseguia mais. Foi a melhor coisa que a minha mãe fez, porque o meu pai era muito ‘zen’. Ela ficava indo e voltando, enchendo o saco. Mas o meu pai só resolveu assumir quando ela deu uma de louca”.

Mariana _

“Com a Sílvia (enteada), o Amauri está começando a estar mais presente. Eu não me preocupo com o futuro da Vitória (filha), porque acho que ele estará presente. Se a gente separasse, seria guarda compartilhada”.

“Sabe o que me incomoda, a família da Cristiane é meio ‘concha’, a gente não consegue nem imaginar como é”. (Essa frase surgiu depois que Cristiane tentou esclarecer uma situação de briga entre Ana e Amauri, na qual *julgou* que Ana havia sido negligente com a filha, dando mais importância para a briga).

Cristiane _

“Os meus filhos não são o motivo pra eu estar aqui, então eu trouxe o meu marido. Eu acho que eu sou mesmo como uma galinha, protegendo os meus pintinhos. Eu, sendo só mãe, verdadeira, já é difícil. Eu ter virado provedora, pra mim é difícil. Eu ainda me sinto frágil nesse papel. Eu estava talvez muito bem naquele papel feminino.

Observações:

Este encontro teve um momento de tensão quando Cristiane questionou Mariana e foi comparada pela última a uma terapeuta, “que fica só fazendo as perguntas e não ‘entra no jogo’”. Mais uma vez, a interação entre elas funcionou muito bem, cada vez tem-se menos a sensação de que as perguntas são dirigidas, na maior parte do tempo a discussão é conduzida pelas próprias participantes.

Rio de Janeiro, 28 de setembro de 2003.

Sessão Nº: 10 **Data:** 06/10/2003

Facilitadores: Elza e Juliana

Relator: Cecília

Equipe Reflexiva: Cecília

Início: 18h15

Término: 20h30

Grupo	Presente	Ausente
Mariana	x	
Cláudia		x
Cristiane	x	
Dione		x
Jose		x
Karina	x	
Samanta		x
Vera		x

Tema:

- Auto-estima

Falas importantes:

Cristiane _

“Tivemos outra cena de violência. O comportamento do meu marido mudou tanto, que eu não sei se ele é dependente químico, ou tem alguma mulher. Primeiro, ele tem tido muita raiva de mim, já é a quinta agressão este ano. Na Bahia, em março, tivemos uma cena de violência horrível, na qual eu fiquei muito machucada. Isso, essa violência, vinha num crescendo. Ele começou a ter problemas no trabalho. Ele sofreu muito na empresa, até que eles propuseram uma aposentadoria. Ele se aposentou em 2000, em 2001 e 2002 ele ainda trabalhou como consultor, mas agora está sem fazer nada. Como ele vinha de tantas crises, ele se nega de se por em contato com os próprios problemas. Quando os pais dele morreram, eu quase morri de tanta agressividade. Quando eu tornei pública a coisa, ele ficou muito assustado. Ele não sabia se o Noos tinha alguma coisa a ver com a DEAM, mas quando eu contei, ele se aproveitou, não demorou uma semana, ele já estava me agredindo novamente. Todas as vezes que ele me agride, ele me pega pelo pescoço, então, eu tenho um medo muito grande”.

Os meus filhos só agora ficaram sabendo. Não é que não acreditaram, eles não se puseram imediatamente ao meu lado”.

“Se eu tivesse chegado à conclusão de que iria me separar não haveria problema. O problema é que eu gosto imensamente dele e isso me fragiliza. Ele ‘diz’ que gosta de mim, que fica apavorado em se separar. Durante muito tempo ele foi muito apaixonado por mim, nós tínhamos uma química muito boa. Acho que se ele trabalhasse um pouco, nós conseguiríamos administrar (o relacionamento). Eu não consigo administrar a desconfiança, porque eu vi a minha mãe suportar isso a vida inteira do meu pai”.

“Se existe uma dúvida sobre sexo agora, é uma carta que nós temos na manga. Até a agressão nós estávamos muito distantes, houve uma aproximação, depois me afastei novamente. Ele tem que ver que se ele está passeando, eu também posso passear... Ele tem um Jeep antigo que ele reformou e está muito levinho, muito soltinho demais, agindo como um adolescente de 59 anos”.

“Foi um desrespeito muito grande aos nossos filhos essa cena de agressão. Não se mexe na mãe de um homem. Ele vem fazendo isso. Os meus filhos estão muito abalados.”

“Eu tenho um ódio, que eu tenho que congelar o meu sangue para não estripar ele”.

“Eu fiquei numa situação muito complicada com essa reaproximação sexual, porque ele não pode achar que eu sou uma idiota!”

“Eu botei uma porção de itens que eu tenho que providenciar: separar meu imposto de renda do dele, separar os cartões. O meu troco vai ser ele pagar mais IR.

Mariana _

“Ela dá o troco trazendo para si sua independência financeira. Eu quero pagar as minhas coisas, fazer as minhas coisas, mas não preciso dizer: - eu não quero mais depender do seu dinheiro. É uma forma da gente se manter no ‘nós’. Quando a gente tem o lado financeiro pelo menos balanceado, a gente ganha outra posição.”

“Eu tenho percebido que eu me dei, me dei, me dei porque eu queria manter, manter o quê?”

Cristiane _

“Uma amiga minha que é promotora pública disse: - você é refém do Renato. Ele sempre foi muito complicado, violento – a vida toda. Eu sempre tive uma vida muito difícil. Ele uma época corria de carro comigo dentro, uma violência, um horror!”

“Depois da agressão (a última), nós conversamos muito porque ele não estava bêbado. Nós estamos nos mantendo à distância nas conversas.”

“Ele diz que não consegue participar porque não quer receber ordens minhas. Administrar uma fazenda é como administrar uma casa enorme com uma família. Ele só sabe fazer uma coisa por vez, ele tem perfil técnico. Eu insisto – eu quero que você se sinta patrão, que assuma uma parte e se encarregue. Eu fico sobrecarregada e você reclamando que não tem o que fazer.”

Observações:

Mais uma vez, tivemos um grande desabafo da Cristiane, que finalmente começa a deixar-nos participar dos seus problemas, só agora pudemos ter relatos das situações de violência que viveu, dos seus problemas com o marido. As demais integrantes foram muito receptivas e contribuíram com silêncios e apartes. Tanto Juliana quanto Elza pontuaram, sempre que possível, o cuidado que se deve ter para que o relacionamento não vire uma guerra, como os termos empregados por Cristiane deixam perceber (estratégia, troco, defesa). Outro ponto importante seria procurar não transformar o sexo em moeda de troca.

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 2003.